

UNIC

União Internacional de Capelania

Brigada Cristã de Capelania

‘Capelão, agente reconciliador da criatura com o criador’

DEDICATÓRIA

A você que tem sentido um chamado por parte de Deus. Esse chamado é uma mudança radical. Nunca mais você será o mesmo, por que Deus não apenas verá os homens; mas Ele os verá através de você. O Apóstolo Paulo nos adverte para esse chamado dizendo o seguinte: *“Atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras”* (Cl. 4.17).

Um trabalhador pode não saber algumas vezes, necessariamente, qual é o objetivo de seu trabalho, mas se ele for um servo de Deus, há de saber como fazer bem o que Deus tem para ele fazer, destacadamente no que diz respeito a ministério.

Hoje entendemos bem mais claramente que cego é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, de depressão, bem como o surdo é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo ou um apelo de alguém. Nós cristãos não vivemos não em nós mesmos, mas em Cristo e no próximo.

Queremos e precisamos aprender, pois os reais analfabetos são os que se recusam a aprender, reaprender e voltar a aprender. Aprender a semear bem a preciosa semente dada a nós das mãos do precioso e verdadeiro Semeador.

Caminhando e semeando para ter o que colher. Esse caminhar e semeadura muitas vezes são chorando, outras vezes gemendo, mas sem duvida, a volta é com alegria trazendo os molhos.

Iremos nos apresentar diante do grande Semeador conforme como está escrito em II Timóteo 2.15: *“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”*.

No Senhor e para servi-Lo.

AGRADECIMENTOS

Uma obra como esta jamais é fruto de uma atividade solitária, mas o resultado da dedicação e desprendimento e envidamento no trabalho direto ou indireto, de ações assistenciais sócio humanitárias, apresentando o grande amor de Deus a todos os homens para que possam chegar ao conhecimento da verdade e serem salvos, pelo poder da palavra da verdade.

Agradeço ao grande responsável pela minha existência, Deus criador, meus sonhos e esperança agradeço a ele, por confiar a mim e me capacitar para esta grande obra, me sustentando em todas as minhas realizações.

Agradeço a minha esposa Eliane, companheira amada, que com sua paciência e compreensão, sempre esteve ao meu lado, em oração, incentivo e motivação.

Ao meu Pai, pastor Waldemiro Rodrigues da Silva, e minha Mãe (IN MEMORIAN) por serem responsáveis pela minha trajetória, pois sempre me instruíram e me deram total apoio.

Aos meus amigos pastores e obreiros que sempre acreditaram no meu ministério e me honram, abrindo as portas de suas igrejas para minhas ministrações.

Ao Rev. Pr. João Emanuel de Moraes curtinhas, um grande hermeneuta, pregador e mestre nas sagradas escrituras, amigo, fiel, dedicado e incentivador do meu ministério, meu conselheiro e intercessor... dispensa comentários!!!!!!

Aos meus queridos filhos; Rafael, Leandro, Layne e Julia, muito amados!!!!!!

INTRODUÇÃO

Esta obra vem atender a uma necessidade que tem se intensificado nestes últimos anos, com o crescimento e a demanda por capelães em todas as áreas que necessitem de assistência espiritual, nas entidades de interações coletivas em geral.

A obra da capelania, atividade reconhecida por lei, e reconhecimento do capelão através da Portaria Ministerial 397/2002 CBO 263 I, garante aos ministros de confissão religiosa, o serviço voluntário de atendimento que visam minorar o sofrimento e promover o encontro da criatura com o criador, através do poder da palavra de Deus, e a assistência sócio religiosa.

O nosso desejo é que esta obra seja uma fonte de grande ajuda aos que se entregam neste ministério da capelania, que possa através da assistência espiritual, e ensinamentos da palavra de Deus, leve o assistido ao bem estar, físico, mental, social e espiritual, e vivendo uma vida saudável dentro do contexto de saúde.

Este manual, foi dividido em 2 partes, para que o aluno possa extrair o máximo de conhecimento e passo a passo, ser direcionado ao conhecimento das atividades em assistência e conhecer um pouco da realidade psicanalítica do assistido.

PARTE 1 – ASSISTÊNCIA SÓCIO ESPIRITUAL

O QUE É CAPELANIA EVANGÉLICA

É um projeto assistencial religioso prestado por ministro religioso, garantida por lei em entidade civis e militares de internação coletiva, como dispositivo previsto na Constituição Brasileira sendo assegurada a prestação de assistência religiosa nas entidades civis, militares e de internação coletiva.

É atividade que tem a missão de colaborar na formação integral do ser humano, fornecendo oportunidade de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios ético-cristãos e de revelação divina para a atividade de cidadão.

A capelania é organização responsável pela transmissão dos cuidados pastorais de pessoas que estão em crises. Através de capelania tem-se a oportunidade de ministrar o evangelho, igualmente de descobrir os meios de auxílio as pessoas que estão com dificuldades, a enfrentar séria e realisticamente as suas frustrações, medos e desapontamentos. É um trabalho de assistencialismo, com base espiritual, prevista e garantida pela Constituição Federal de 1988, sob a Lei 6.923 Art. 5º Inciso VII. *A especialização em Capelania é um dos Cursos mais procurados pelas Lideranças Evangélicas do mundo!*

O QUE É UM CAPELÃO E O SEU PAPEL

Capelão é um assistente religioso e social - ele já possui certa destreza em manifestar o evangelho, tem como função primordial completar o atendimento dispensado à pessoa, o capelão pode incutir nos familiares e senso de tranquilidade e confiança, preparando psicologicamente, para as adversidades que se prosseguirá. Esses familiares necessitam de amizade, compreensão e amor, e ele esperam encontrar tudo isso no capelão que é um ministro religioso. É assegurada legalmente, a assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva. Com objetivo de dar assistência religiosa,

sendo tutelado na Constituição Federal em vigor tal direito se baseia no serviço de capelania, que poderão exercer dentro do mesmo lugar. Fundamentalmente o capelão cuida e zela da sociedade, contribuindo de forma intensa para a saúde espiritual e emocional do ser humano.

COMO SURTIU A CAPELANIA

Capelania não é um termo moderno. É nome dado aos serviços religiosos prestados por oficiais treinados e teve origem nas Forças Armadas do Exército em 1776. Conta-se que na França, um oficial Sgtº. Martinho ao encontrar um homem abandonado na rua debaixo de chuva e frio, cortou sua Capa e o cobriu num ato de solidariedade, humanismo, caridade, ajuda e amor ao próximo. Ao morrer, esta capa foi levada como uma relíquia para a Igreja para ser venerada. Esta igreja recebeu o nome de “Igreja da Capa”. Daí as derivações Capela, Capelão e Capelania.

COMO SURTIU CAPELANIA NO BRASIL

O ofício começou na área militar, em 1858, com o nome de *“repartição eclesiástica”*, é claro, só com a igreja católica. O serviço foi abolido em 1899. Durante a segunda guerra mundial, em 1944, o serviço foi restabelecido com o nome de *“Assistência Religiosa das Forças Armadas”*, só que na mesma época foi criada também a Capelania Evangélica para assegurar a presença de capelães evangélicos.

O Pastor João Filzen Soren, foi o grande capelão evangélico que marcou época durante a segunda guerra mundial. Ele era pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, e depois que voltou, são e salvo, permaneceu pastoreando a mesma igreja por mais de 50 anos. Faleceu em 2002.

FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DE CAPELANIA

Uma vez que estamos tratando de capelania cristã, não podemos evitar a fundamentação bíblica porque, como disse Jesus em João 5.39-40, é a Escritura Sagrada que d’Ele testifica. Existem na palavra varias situações que se assemelha ao exercício da capelania; em Juízes 17 um homem chamado Mica, contrata um levita para que fosse seu sacerdote particular, dá-nos idéias que o sacerdote cuidava de um grupo restrito. Em I Reis 22 temos a figura do capelão militar, quando os profetas eram chamados para acompanharem o exercito de Israel. Outro exemplo, bem clássico é a parábola do Bom Samaritano que nos dá uma excelente base para o exercício da capelania, em Lucas 10. 25-36. Por aquele homem ferido e deixado à beira do caminho, passaram religiosos que não se importaram com o seu estado.

Veio o Bom Samaritano cuidou dos seus ferimentos e o levou para estalagem. Os exegetas dizem que esse bom samaritano é JESUS, e a ordem que ele deu: “cuida dele, e tudo que gastar eu to pagarei quando voltar” (10.35), refere-se também ao cuidado espiritual, pois Jesus voltará

para levar-nos para Si.

DIFERENÇAS ENTRE O TRABALHO DO PASTOR E O DO CAPELÃO

Essa diferença é muito importante. Nem sempre um pastor, pelo fato de ter feito um curso em seminário ou faculdade teológica está habilitado para o trabalho de capelania principalmente hospitalar. Por outro lado, nem sempre um capelão precisa ser um pastor ou uma pastora.

O Pastor:

* Cuida de um rebanho, um grupo que se reúne costumeiramente em um lugar (templo), composto de pessoas de diversos níveis sociais, portadora de uma experiência comum (a conversão), e que ali se congregam para adoração e instrução espiritual.

* O objetivo do pastor é fazer o rebanho crescer dentro dos princípios doutrinários e éticos adotados pelo seu grupo ou denominação.

* No seu trabalho o pastor desenvolve algumas atividades, tais como: administrar, ensinar, defender o rebanho de doutrinas erradas, curar as feridas (emocionais, mentais, etc.) e aconselhar pessoas com vários outros problemas.

* O pastor é ou deve ser sustentado pela igreja que pastoreia, ou por um conselho ou convenção, conforme a sua denominação.

O Capelão:

@ Este não tem um rebanho costumeiro. Algumas das pessoas alvo de atendimento pelo capelão podem até pertencer a uma igreja, ter um pastor, mas nas circunstâncias em que estão, precisam de atendimento eventual e especial. Como é o caso de um paciente hospitalizado.

@ O capelão não lida com um grupo para fazê-lo crescer dentro do seu contexto, mas lida com pessoas, individualmente, cada uma com problemas próprios, principalmente na área espiritual, evidentemente outros tipos de capelania assumem características mais formativas, como é o caso de universidades, colégios, universidades, quartéis e etc.

@ O trabalho do capelão é “apenas” espiritual, na direção de um consolo de Deus para a pessoa necessitada. Ao capelão a ética o recomenda a não tocar em assuntos doutrinários. Sua tarefa é levar a pessoa a acertar o seu relacionamento com Deus, sem qualquer cor denominacional, mostrando a salvação através de Cristo Jesus.

@ Ao contrario do trabalho do pastor, que é de atender problemas de doenças apenas numa eventualidade, o trabalho do capelão, principalmente hospitalar, é lidar com a dor, a perda, a

depressão, a expectativa de morte, a angústia a inquietação, que ronda os leitos, os pacientes e os seus familiares.

A CAPELA

Alguns hospitais não têm uma capela, um local próprio para o atendimento ao paciente, familiares e funcionários. O capelão pode conversar com a direção sobre o valor não só do trabalho de capelania, bem como de uma capela, não só pra reuniões solenes, para eventos, exibição de filmes, palestras, breves cultos, atendimento individual, etc. Se já existe a capela e um serviço de capelania, se você quer ajudar, se candidate, apresente a sua carteira, respeite o serviço já instituído, as regras do hospital e seja cortes com todos.

Se precisar, exponha o seu planejamento de atividade, participe da entrevista com a pessoa responsável já pela capelania, mas acima de tudo, não deixe de ter pessoas que intercedam por esse ministério, a cobertura de oração é fundamental.

Mas não somente no hospital, mas em todas as áreas de capelania, normalmente, se tem uma sala separada para tal exercício que é o aconselhamento, atendimento ou tal.

Extraído da Apostila do Curso de Capelania Voluntária da International Union of Pastors and Volunteer Chaplains.

LEGISLAÇÃO SOBRE ASSISTENCIA RELIGIOSA

A Constituição Brasileira com a Lei de nº. 9.982, Artigo 1º que dispõe aos religiosos de todas as confissões o acesso aos hospitais da rede pública e privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para dar atendimento religioso aos internados, desde que em comum acordo com estes, ou com seus familiares no caso de doentes que não estejam no gozo de suas faculdades mentais.

É para se destacar nesta legislação que o capelão esteja atento às regras de cada entidade a ser assistida, independente de qual seja. Só que, é claro, que as regras da entidade **NÃO** podem contrariar o objetivo da lei maior, que é exatamente permitir a assistência religiosa. O que se almeja com isso? É que pessoas tenham no seu momento de dor e dificuldade, assistência do seu líder religioso ou de seus irmãos de fé ou de um capelão da própria entidade.

Entende-se também que muitos internos ou pacientes que não professem nenhum credo, pedem a ajuda espiritual de certo líder religioso. No caso, a sua vontade deve ser atendida da mesma maneira.

DIREITOS & DEVERES DO CAPELÃO – diremos que, antes de qualquer coisa, precisamos ser éticos. Aquele que tem um chamado ministerial principalmente, pois somos comprometidos com a

formação integral do ser humano no resgate dos valores perdidos, independente da origem; esses valores construtivos devem ser refeitos pela transmissão de palavras encorajadora, de conforto, em momentos especiais ou de crise. O nosso serviço assistencial e ajuda, são prestados centrados em princípios e valores da palavra de Deus. Sendo assim, temos: **Direitos e deveres de:**

- ▷ Ter acesso garantido àqueles que assim o solicitam.
- ▷ Ser respeitado no exercício de sua função.
- ▷ Não ser discriminado em razão de sexo, raça, cor, idade ou religião que professa.

São **DEVERES** do Capelão:

- Acatar as determinações legais e normas internas de cada instituição hospitalar ou penal, a fim de não pôr em risco as condições do paciente ou a segurança do ambiente hospitalar, prisional ou outro no qual desempenhe as suas atividades.
- Respeitar as regras de higiene e paramentação do ambiente hospitalar, prisional ou outro no qual desempenhe suas atividades.
- Zelar pelo cumprimento das leis do país.
- Exercer a capelania sem discriminação de raça, sexo, cor, idade ou religião, tendo em mente sua missão de confortar e consolar o aflito, seja ele quem for.

Direitos do Assistido: Constituição Federal, Artigo 5º, item X: São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas.

O assistido tem direito a:

- Ser respeitado no momento de sua dor.
- Ser tratado com a verdade, sem ferir os princípios de preservação de sua integridade física e moral.
- Ter sua religião e crenças respeitadas.
- Ter resguardada sua individualidade e liberdade de pensamento.

O PERFIL DO CAPELÃO

O ministério de capelania necessita de obreiros que Deus possa usar. Cristãos cheios do Espírito Santo, que amem o Senhor, estejam dispostos a entender e tomar a decisão de obedecer ao comando do Senhor. Vejamos o perfil dos capelães:

- Ter tido uma experiência pessoal de conversão.
- Ser vocacionado para o ministério.
- Ter conhecimento bíblico.
- Ser humilde e entender que não é melhor do que ninguém.
- Ter um alvo – não ficar perdido, sem objetivo no que vai fazer.
- Ser paciente.

- Ter autocontrole emocional.
- Não ficar impressionado com aspecto físico do paciente, seja qual for.
- Ter boa saúde física e psicológica.
- Ter humor estável.
- Ter tato e profundo respeito às outras opiniões religiosas.
- Ter facilidade em cumprir ordens.
- Ser perseverante e abundante na obra, no trabalho que abraçou.
- Ser habilidoso e ter discernimento na conversação.
- Não se irritar facilmente.
- Saber controlar a língua, usando-a para curar e não ferir.
- Saber guardar confidências.
- Saber cuidar da aparência pessoal.
- Dar tempo e atenção à pessoa visitada.
- Ser “SERVO”.
- Possuir o dom da misericórdia.
- Ser empático.
- Ter amor pelos perdidos.
- Ser sensível e discreto no ambiente onde está.
- Saber aproveitar as oportunidades.
- Ser sábio para evitar as intimidades.
- Saber “ouvir” para depois “falar”.
- Saber evangelizar (aprender evangelismo pessoal).
- Não ser preconceituoso.
- Saber ter defesas pessoais.
- Ser conselheiro e acompanhante, com interesse espiritual a vida daqueles que se convertem.
- Ser pessoa de oração, “orar sem cessar”, conforme ensina a Bíblia.

*Ser capelão, como ser pastor, não é uma mera profissão, é uma “**vocação**”. É sentir um chamado para fazer a diferença na área escolhida por Deus. Ser capelão não é simplesmente fazer um curso de capelania, se a pessoa não foi dotada para esta atividade, o seu perfil nunca baterá e nem a pessoa será feliz e realizada no que for fazer.*

O QUE NÃO É CAPELANIA

- 1) Ativismo religioso.
- 2) Ocupação de tempo.
- 3) Fuga de atividades rotineiras.
- 4) Uma forma de fazer o bem para “ganhar o céu”.
- 5) Simples busca de realização pessoal.
- 6) Busca de fiéis.
- 7) Desempenhar papel para fazer relatórios.

- 8) Fazer o bem com motivação de reconhecimento público.
- 9) Praticar boas obras por tradição familiar ou religiosa.
- 10) Ostentação de “certificado” ou “carteirinha”.
- 11) A Capelania Cristã **NÃO** exerce nenhum poder de autoridade policial ou médica, não é atribuição do serviço de capelania apresentar qualquer tipo de documentação que lhe confira funções além do seu serviço, voluntario ou não, conforme: Lei Federal nº 9.982/00 Lei do Voluntariado Nº 9.608 Veja leis no âmbito estadual e municipal de sua região.
- 12) A credencial deve ser apresentada apenas nos locais de atuação do capelão ou capelã, caso ocorra à apresentação da mesma de forma arbitrária é de responsabilidade de seu portador, é crime e a Instituição não se responsabiliza por tal conduta.

MODULO I

CAPELANIA SISTEMÁTICA

Compreende-se na ministração da capelania sistemática o seguinte:

1) Que capelania evangélica é uma visão bíblica

A capelania legalmente constitui representantes capelães treinados para seu trabalho, usando o bom senso, os trajes, tratamento e formação acadêmica, e principalmente espiritual e respeitada às normas de cada instituição, assegurado o direito de entrar e sair a qualquer hora.

Levando o conforto e apresentar o plano de salvação aos necessitados. É ministério de evangelização e consolo, que visa atendimento aos homens que sofrem levando o conforto em hora de aflição e transmite ensinamentos bíblicos de que cada pessoa necessita (Mc. 16.15).

2) Vários trabalhos e estudos nos últimos anos nos dão notícia da grande beneficência na recuperação de doentes e necessitados a uma assistência espiritual.

A fé unicamente poderosa auxilia na travessia dos angustiados nos momentos de opressão e sofrimento. O conforto espiritual, dando ânimo e esperança, independente de crença ou religião, auxiliando na manutenção do equilíbrio emocional, tão importante nesses momentos mais delicados da vida de todo homem, como vem sendo comprovado pela ciência, que já encara estas pessoas como um ser totalmente, numa abordagem holística.

3) A capelania é serviço voluntário ou não, com o fito de atender pessoas que necessitem em situações extraordinárias.

Não há proposta de conversão, doutrinação ou de cruzada evangelista em benefício de uma religião. Relatando o amparo fraternal, de converter gradualmente e positivamente, da consolação

do sofrimento do semelhante.

Tal missão deve sempre ser conduzida de forma racional. Perante os resultados positivos já obtidos, por que não estender o serviço a todos, oferecendo a um número grande de pessoas o socorro espiritual e fraternal em situações delicadas. Enfim capelania evangélica é visão bíblica de (Mateus 25:31-46).

MODULO II

CAPELANIA MISSIONÁRIA

OBEDIÊNCIA INQUESTIONAVEL

A primeira palavra da ordem missionária de Jesus é “**Ide**”. Esta palavra é um verbo no modo imperativo, exigindo uma ação decisiva. Apesar disto, muitas vezes o trabalho de evangelização não vai além de projetos e planejamentos. Ainda se repete em nossos dias àquilo que Débora, no seu cântico de louvor a Deus, depois da vitória sobre os reis de Canaã, falou sobre a tribo de Rubem, ela disse: “Nas correntes de Rubem foram grandes as resoluções do coração... porque ficaste tu entre os currais?... nas divisões de Rubem não fez como a tribo de Zebulon, que expôs a sua vida a morte” (Juízes 5.18). Ela ficou no meio dos currais, com grandes planos e projetos. Jesus não convidou os discípulos para somente fazerem planos e projetos Ele os mandou ir ao campo, que é o mundo. E para quê? **a)** “*Ensinando as nações*”

A palavra “ensinando” aqui escrita vem da palavra grega “matheteuo” que significa: “fazer discípulos”. Nesse sentido ele só aparece aqui e em Atos 14.21. Jesus disse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho que os homens serão transformados em discípulos” (Mc 16.15). Em (Romanos 1.16) vimos que a palavra da cruz ainda tem poder.

b) “Batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”.

Como se vê, o batismo em águas faz parte da ordem missionária de Jesus. Os salvos devem, pelo batismo, unir-se à Igreja. Os apóstolos praticavam esta ordem; deste modo foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra, e naquele dia agregaram-se quase três mil almas (Atos 2. 41)

c) “Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”.

A palavra grega usada aqui para “ensinando” é “disdasko” e significa: “Instrução”, ensinar aos crentes é uma ordem de Jesus. E isto nos mostra a grande importância do ensino, da qual depende a consolidação da vida espiritual da igreja. Existe um ministério especial no tocante ao ensino.

Atos 4.11; mas, todos os que evangelizam devem dar também a sua.

MODULO III
CAPELANIA
HOSPITALAR

É aquela cujo religioso servo do Senhor, devidamente qualificado, cuida da assistência religiosa e espiritual dentro do hospital, quer seja dos doentes ali internados, quer seja de todo o pessoal que trabalha no hospital: médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas e funcionários das diversas áreas administrativas, bem como as famílias dos pacientes.

O Serviço de Capelania Hospitalar foi implantado pelo Distrito Capixaba no ano de 1996. Através do então Capelão Hospitalar, Rev. Adavir Nathan Ahnert, muitos enfermos foram visitados e reconfortados em seu leito de hospital, atendidos em muitas de suas necessidades espirituais (orações, mensagens da Palavra de Deus, administração do sacramento da Santa Ceia para luteranos, batismos de emergência) ou materiais (remédio, alimentação, roupas, transporte, agilização de atendimento médico etc.).

Objetivo Geral da capelania hospitalar:

Prestar Assistência Espiritual, e Humanitária aos enfermos, com ênfase no amparo social aos familiares carentes e se necessário também aos profissionais da saúde, sem distinção de raça ou credo.

A CAPELANIA ENTENDE QUE PARA ESTA OBRA PRECISA DE:

- 1 – Ter a certeza e a convicção da chamada de Deus para o Ministério (João 15.16).
- 2 – Ser dedicado à oração e leitura da palavra de Deus (Bíblia) – (Os 6.3)
- 3 – Ser cordial amável e humilde e atencioso – Mateus 11-29
- 4 – Ser amigo dos profissionais da área da saúde nos hospitais.
- 5 – Estar sempre disponível a atender os chamados dos hospitais e familiares.
- 6 – Procurar apresentar-se sempre bem higienizado e com boa aparência.
- 7 – Procurar estar sempre sorrindo e de bom humor para com todos (Ml. 3-18).
- 8 – Lembrando sempre que as pessoas doentes estão fragilizadas e muitas vezes angustiadas e sem esperança
- 9 – Os capelães vão aos hospitais para levarem uma palavra de conforto, fé e esperança.

DEZ MANEIRAS DE TORNAR AGRADÁVEL A VISITA AO HOSPITAL

1º A permanência no hospital pode ser uma experiência de

isolamento e desumanização. A privacidade e a modéstia são

considerações importantes que precisam ser respeitadas. Lembre-se de que durante toda a hospitalização, o quarto do paciente é o seu local de dormir. Este espaço deve ser tratado com o mesmo respeito que a sua casa. Não hesite em perguntar se não estiver certa do que é apropriado ou do que pode perturbar o paciente.

2º Não sente na cama, a não ser que seja convidada a isso. Mesmo assim, tenha cuidado para não interferir com qualquer tratamento ou exigência de isolamento.

Lembre-se de que uma infecção que você nem notou pode ser fatal ao paciente que tiver imunodeficiência.

3º Seja amável com a equipe do hospital e respeite as normas estabelecidas.

4º Faça com que a sua visita ajude o paciente de modo significativo para ele no momento. Peça sugestões se tiver dúvidas. A simples disposição de passar tempo com alguém hospitalizado é um dom precioso. A duração de sua visita deve ser apropriada à situação do paciente. Não demore demais. Várias visitas podem ser menos cansativas para alguém que está muito doente. As visitas mais demoradas ajudam a passar o tempo para os pacientes ativos confinados ao leito ou ao quarto numa hospitalização passar o tempo para os pacientes ativos confinados ao leito ou ao quarto numa hospitalização prolongada. Pergunte ao paciente/família qual a melhor hora para uma visita. Você talvez possa fazer companhia a ele num horário em que os membros da família não tenham condições de fazê-lo. Desse modo estará ministrando tanto ao paciente.

5º Presença silenciosa e ouvir em silêncio são maneiras poderosas de apoiar alguém que está doente. Procure observar seus sinais de fadiga ou desconforto.

6º As atividades podem tornar-se diversões esplêndidas. Um piquenique ou desta de aniversário no saguão pode reanimar o doente. Quer seja uma ocasião particular compartilhada com a família ou um convite aberto para todo andar, certifique-se de informar a equipe do hospital sobre todos os preparativos. Planos cuidadosos talvez tenham de ser montados de acordo com o regime ou nível de energia do paciente. Um pouco de criatividade quase sempre ajuda muito a tornar a ocasião uma lembrança muito especial para todos os envolvidos.

7º Manter contato com a família e os amigos é importante para os hospitalizados. Quando, porém, você está doente e sofrendo, a menor

tarefa é um sacrifício - por mais que deseje o contrário.

8º Se possível leve o paciente para uma visita fora do hospital. Sol e ar fresco podem ser terapêuticos. Isso ajudará os doentes a longo tempo a manterem contato com a natureza e o mundo fora do hospital.

9º Empenhe-se para que o paciente receba o jornal diariamente. Se necessário, leia-o para ele todos os dias. Tome cuidado para anotar itens que possam ser de particular interesse do paciente ou algo que ele queira acompanhar. Tome tempo para discutir pontos de interesse do paciente. Você está dando a ele uma oportunidade de interagir com o mundo fora de sua cama do hospital.

Estão também reforçando a sua individualidade e propósitos, coisas que se perdem facilmente durante uma hospitalização prolongada.

10º · Ajude alguém do hospital na época de eleição. Cédulas para confirmar a ausência podem ser obtidas na cidade de origem do paciente.

NORMAS PRÁTICAS PARA VISITAÇÃO HOSPITALAR

- Não entre em qualquer quarto ou apartamento sem antes bater na porta.
- Verifique se há qualquer sinal expresso de: "**proibido visitas**".
- Respeite sempre o horário pré-estabelecido para sua atuação.
- Observe se a luz está acesa e a porta do quarto fechada. Em caso de positivo, espere que o doente seja atendido pela enfermeira ou médico, antes de você entrar.
- Tome cuidado com qualquer aparelhagem em volta da cama. Evite esbarrar cama ou sentar-se nela.
- Avalie a situação logo ao entrar, a fim de poder agir objetivamente quanto ao tipo e duração da visita. (Se o paciente está disposto ou não).
- Procure se colocar numa posição ao nível visual do paciente, para que ele possa conversar com você sem se esforçar. Em quartos onde há mais enfermos, cumprimente os outros, mas se concentre naquele com quem você deseja conversar.
- Fale num tom de voz normal. Não cochiche com outras pessoas no quarto. Também não é conveniente gritar na hora da oração.
- Se a pessoa ainda não o conhece, apresente-se com clareza.
- Deixe com o doente a iniciativa do aperto de mão e faça-o com clareza.
- Dê prioridade ao atendimento dos médicos e enfermeiras,

assim como no horário das refeições, saia do quarto.

- Ao contemplar alguém sofrendo, lembre-se de que as reações emocionais negativas podem ser detectadas pelo doente e seus familiares. Sem afetações, procure descobrir o que seu tom de voz e sua expressão facial e seus gestos estão comunicando.
- Concentre-se em atender às necessidades daquela pessoa diante de você. Não adianta falar do outro nem de si mesmo.
- Não queira forçar o doente a se sentir alegre, nem o desanime. Aja com naturalidade, pois se você se sentir à vontade ele terá maior probabilidade de ficar à vontade.
- Não dê a impressão de estar com pressa, nem se demore até cansar o doente.
- Encontre a duração exata para cada situação.
- Não tente movimentar um doente, na cama ou fora dela. Chame a enfermeira se ele o desejar.
- Fique sabendo que os efeitos da dor e dos remédios podem alterar o comportamento ou a receptividade do paciente de um momento para outro.
- Se você mesmo está doente, não faça visitas.
- Utilize os recursos da religião sem constrangimentos, mas com inteligência. Não fira a sensibilidade de um ateu, agnóstico ou comungante de outra religião.
- Lembre-se das regras fundamentais de assistência pastoral.
- O ponto de partida para o seu trabalho é a situação e o estado em que à outra pessoa se encontra.
- Seu objetivo primário é conduzi-la a um estágio de sã condição físico-emocional - religiosa.
- Sua contribuição no processo terapêutico é singular e necessário, mesmo que você nem sempre sinta assim.

AJUDANDO ATRAVÉS DA ARTE DE “ESCUTAR”

Escutar é uma arte que pode ser desenvolvida. Os princípios abaixo relacionados se postos em prática, ajudarão você a crescer na arte de escutar e, conseqüentemente, na habilidade de ajudar a outras pessoas.

1 - Analise sua atitude íntima – quais os seus sentimentos em relação à pessoa com quem você está conversando? Você tem algum preconceito em relação a ela? Ela lhe é repugnante? Há hospitalidade entre vocês? Tudo isto vai afetar o significado de que você ouvirá dela. As palavras perdem seu sentido quando nossas emoções não nos permitem escutar com objetividade. Precisamos desenvolver uma atitude de aceitação da pessoa, do que ela diz, sem julgá-la ou condená-la. Não estamos defendendo qualquer posição, mas tentando

ouvir os verdadeiros sentimentos de quem fala.

Por outro lado, não devemos insistir para que o entrevistado defenda seu ponto de vista, ou utilize determinado vocabulário ou estilo de linguagem. Não devemos expressar julgamento para não tolher a fluência de seus sentimentos.

2 - PRESTE BASTANTE ATENÇÃO: Repare o tom de voz. Que estado emocional ele revela? Uma voz baixa, um fala monótona, pode indicar depressão emocional. Falar rapidamente, de forma agitada, pode se uma depressão extrema. Falar depressa e em voz alta pode indicar o efeito de drogas. Você poderá dizer: - "Pela sua voz, tenho a impressão de que você está muito...".

Se a pessoa chora enquanto fala, **permita-lhe este privilégio.**

3 - Desenvolva a capacidade de avaliar as emoções.

Na linguagem comum, há palavras que expressam emoções diversas: convicção, perturbação, irritação, alegria, felicidade. O tom de voz em que elas são proferidas lhes dá um significado maior que o dicionário não pode definir. Cabe-nos avaliar isso.

4 - Reflita as emoções que você está percebendo.

É preciso fornecer ao entrevistado uma "retro visão" das emoções que ele está transmitindo. A pessoa ficará satisfeita se você revelar que entendeu qual o problema dela. Isto não é apenas repetir o que a pessoa já disse, literalmente, mas refletir seus sentimentos com nossas próprias palavras.

5 - Evite a passividade e a timidez exagerada

a - Não há necessidade de concordar com tudo o que a pessoa diz.

b - É mais importante entender o que ela diz do que criar uma impressão favorável.

c - Não é necessário que a pessoa fique totalmente despreocupada. A solução dos problemas vem por meio das tensões.

d - Não seja passivo como uma esponja. Demonstre interesses na participação do dialogo. Esteja preparado para responder.

e - Não se prenda aos detalhes da conversa. Identifique as informações básicas para compreender o interlocutor.

6 - Normas para escutar

Escutar é um processo. Não é discursar. Você precisa identificar-se com a pessoa que fala.

- Demonstre compaixão e a Demonstre compaixão e aceitação, ainda que suas convicções pessoais sejam diferentes.
- A pessoa está apresentando um problema que lhe parece insolúvel. Aceite seu estado de confusão e ajude-a observar os diferentes aspectos do problema: sua origem, quem está envolvido nele, possível soluções etc.

- Demonstre amizade e interesse. O problema é grande. Leve a carga com a pessoa até que ela possa levá-la sozinha.
- Às vezes, a pessoa tenta diminuir o problema. Isto pode revelar falta de confiança em sua ajuda ou ausência de autoestima. Às vezes, o problema não nos parece sério, mas devemos reconhecer que ele é sério para a pessoa que está sofrendo com ele.
- Procure dividir o problema em várias partes para atacá-las separadamente.
- Dê oportunidade para a pessoa esclarecer sua posição. Isto facilitará a compreensão dos problemas e como solucioná-los.
- Se descobrir contradições na conversa, revele-as à pessoa. Isto a ajudará a se sentir menos confusa e ansiosa.
- Pergunte se ela já enfrentou um problema semelhante no passado. Ela vai recordar que tem habilidade para superar a situação como já aconteceu.
- Discuta as várias alternativas para resolver o problema. Evite conselhos estereotipados. Anime a pessoa a restabelecer relações com pessoas de importância em sua vida (parente, amigos, pastor).
- Evite fazer perguntas com respostas predeterminadas. São mais válidas as perguntas que despertam o sentido do relacionamento.
- Dê ênfase ao tempo presente e objetivo da entrevista. Veja se tem possibilidade de ajudar essa pessoa nessa circunstância, ou encaminhe-a a outra pessoa.
- Não se deve alimentar esperanças infundadas. **Evite dizer: "*Não se preocupe, está tudo bem*".**
- Termine a conversa apresentando objetivamente o que deverá ser feito. Deixe a pessoa tomar a decisão adequada e assumir a responsabilidade.
- Admita suas capacidades e limitações, você é humano e finito. Deixe Deus agir onde você é suficiente.

CURA DIVINA

Um aspecto muito importante em capelania é a postura do capelão sobre cura divina. Se ele está num hospital, ele não pode estar apelando para milagres, ainda que esta seja a nossa convicção pessoal, mas precisamos ter um conceito exato sobre a atuação de Deus na cura de enfermidades.

Os movimentos de cura hoje têm criado muita confusão na mente das pessoas. Precisamos entender que Deus cura ainda hoje e

vai continuar curando, mas isto será na “SUA VONTADE”, e NÃO devemos insinuar, nem nas orações que serão curados.

Você pode orar em silencio pedindo pela cura, se assim o Senhor quiser, em voz alta, ore pedindo conforto, consolo, restauração da saúde. Se na próxima visita ele foi curado milagrosamente, a gloria é do Senhor. Ninguém está autorizado a fazer movimentos de cura dentro de um hospital.

UNÇÃO COM ÓLEO

Esta é uma questão polemica, em primeiro lugar devemos entender que o capelão está vivendo num hospital, trabalhando em parceria com os profissionais de saúde, você tem que respeitar os recursos científicos para o tratamento das doenças.

A “unção com óleo” não é permitida, pelos profissionais de saúde, como os perfumes e nada que seja estranho às prescrições medicas, pois podem provocar alergia e outros males.

Permite-se ser usado pelos padres óleo para o sacramento da extrema-unção, usado pela Igreja Católica Romana, ministrado aos católicos que estão para morrer. Para nós evangélicos é recomendado não usarmos o óleo pra não sermos repreendidos pelo pessoal de saúde, já quando o doente estiver em casa ou vim até a igreja fica a critério de cada um.

Lembre-se sempre que determinados óleos, principalmente perfumados podem desencadear um processo alérgico no paciente.

MAIS UM POUCO SOBRE A ROTINA DA VISITAÇÃO AOS DOENTES

Todo o nosso trabalho como capelão se baseia na visitação aos enfermos, razão essa que vamos retornar neste tema, incluindo as visitas às UTI's. *Preste muita atenção!*

1. É bom visitar cada pessoa individualmente, e não tentar fazer de uma enfermagem coletiva uma congregação.

2. Se você já conhece a pessoa, ou se ela já o conhece de outras vezes, o começo se torna natural, porque já há algum vinculo entre ambos. Se não a conhece, identifique-se de forma muito breve.

3. Evite tocar em remédios sobre a mesa de cabeceira. Não toque nos tubos e instrumentos médicos que estejam ligados a pessoa, nem mesmo tente consertar posições do paciente. Se isso for necessário, chame a enfermagem.

4. *NÃO leve alimento mesmo que seja frutas para pessoa e nem tente*

ver exames de laboratório e opinar sobre eles, mesmo que tenha conhecimento técnico ou profissional para fazê-lo.

5. Não tente explicar a situação da enfermidade, nem pergunte sobre custos do tratamento, se o hospital for particular. Se o paciente falar, ouça-o apenas por educação, MAS não opine sobre nada.

6. Se o paciente está lúcido, deixe-o falar e relatar seu sofrimento e suas angustias. Ouça-o com paciência e interessadamente.

7. Aguarde o momento de entrar com os recursos da Palavra de Deus. Dê preferência, procure consolar e criar no paciente um espírito de otimismo e confiança em Deus.

8. Na condução da conversa, procure ressaltar a necessidade de um comprometimento mais forte com Jesus, como Salvador e Senhor da vida. Se a pessoa já é salva, fale das promessas, da esperança e da herança espiritual que nos está reservada.

9. Se outra pessoa da cama vizinha interessar-se por ser também atendida, atenda-a em seguida.

10. Se chegar algum enfermeiro, dê-lhe a preferência. Se for preciso retire-se da sala por um momento.

11. Não aceite ajudar a pessoa ir ao banheiro. Se for necessário, chame a enfermagem.

12. Não demore muito na visita. O paciente poderá cansar-se.

13. Na hora de orar, fale da fé e da vontade de Deus na nossa vida. *Não prometa cura!*

14. Ao sair, lave outra vez as mãos. As contaminações contraídas no hospital podem ser mais perigosas do que aquelas que pode trazer de fora.

VISITA A DOENTES NA UTI

O capelão sempre pode ter acesso à unidade de terapia intensiva de um hospital, pois todos sabem que ele conhece as regras. Com certeza, você terá de vestir uma roupa especial, além de ter, também, de lavar as mãos na entrada e na saída usando álcool.

1. O tempo é geralmente muito limitado, no máximo 5 minutos.

2. Se a pessoa está em “coma”, observe o seguinte:

a) Fale baixíssimo perto dela, e **NÃO** comente nada sobre ela, sobre o seu estado; nada que possa desagradar-lhe. Se falar, mesmo no tom normal, isso poderá parecer uma martelada dentro dela, apesar de não poder responder. Em alguns casos, a pessoa sai do coma e se lembra de tudo que foi falado à sua volta.

b) A pessoa em coma recebe a mensagem, isto já é comprovado. Por isso não receie de falar, tomando apenas o cuidado de fazê-lo compassadamente e com voz mansa, transmitindo-lhe a mensagem espiritual sobre a sua vida.

- c) Recite versículos bíblicos bem fáceis, tipo: João 3.16, Salmo 23, João 5.8.
 - d) Fale que Jesus o ama e perdoa todos os seus pecados. Encoraja-o a confiar em Jesus como seu Salvador e Senhor.
 - e) Ore, pedindo a Deus por ele, da melhor maneira que sentir no momento. Agradeça a Deus pela vida da pessoa.
3. A pessoa na UTI pode não estar em coma, mas estar em risco de vida. Por isso, obedeça ao seguinte:
- a) Fale de otimismo e demonstre isto em sua postura;
 - b) mostre como Deus foi maravilhoso dando-lhe cuidados.
 - c) Se Deus o permitiu chegar a este ponto, por que Ele tem planos.
 - d) Encoraja-o a ficar otimista e cheio de fé e esperança;
 - e) Leia a palavra de Deus em textos escolhidos, não muitos e ore.

Obs.: Em alguns casos, mesmo que a pessoa esteja em coma, ela volta e dá testemunho do efeito benéfico que surtiu a visita.

VISITA A DOENTES TERMINAIS (PALIATIVO)

Está havendo um entendimento geral na área de saúde atualmente para mudar a terminologia de “terminal” para “paliativo” (palliato) = “coberto com capa”. L. Martin define paciente terminal como “aquele acometido de uma doença para a qual não há cura, e que já entrou no processo de se desligar deste mundo”.

Seja como for, há diversas particularidades sobre o paciente terminal. Alguns estão com dias contados em virtude do estágio da enfermidade, mas para manter “uma” certa qualidade de vida por alguns dias ou semanas (recebem medicamentos apenas para diminuir o sofrimento). Não nada mais a fazer pela doença, mas eles precisam ser mantidos com qualidade de vida, sem dor, até o momento final. Outros estão no momento de morrer mesmo. E alguns já estão até em coma irreversível.

Antes de prosseguir, vamos apresentar um aspecto bastante interessante neste assunto, que é a maneira como a pessoa reage quando fica sabendo que a sua morte está chegando.

A Dr^a Elizabeth Kubler-Ross, uma psiquiatra nascida na Suíça, tem se dedicado com afinco e esta matéria e já a citamos anteriormente. Ela fala dos cinco estágios que a notícia da morte gera num paciente, que resumimos a seguir:

NEGAÇÃO – neste estágio, a pessoa fica muito chocada com a notícia, fica imaginando que não deve ser verdade e que deve haver algum

engano no diagnostico. Este é um momento em que a família é desafiada a investigar mais sobre o problema.

REVOLTA – Depois de convencer-se de que é verdade, a pessoa passa a perguntar; “Por que eu”? “Por que Deus me abandonou”? É uma situação de desespero e revolta.

BARGANHA – depois de descarregar a revolta, a pessoa assume outra posição. Começa a imaginar se pelo menos pudesse fazer isto ou aquilo antes de partir; passa a desejar pelo menos um tempinho mais para realizar alguns desejos; este estágio é chamado também de “pequena trégua”.

DEPRESSÃO – Neste patamar, o paciente se desinteressa por tudo e praticamente se entrega a situação. Rejeitando todos os cuidados e evita até mesmo as visitas.

ACEITAÇÃO – A situação progride, geralmente, para um estágio de conformação. É a aceitação da sua realidade. Isto acontece principalmente com uma pessoa salva. Daí para frente fica mais fácil pra paciente e para seus familiares.

À luz do que vimos, ao visitar um doente paliativo, tente descobrir o grau de lucidez, se pode ou não conversar. Alguém já disse que quem está morrendo sente, sabe. Só necessita que alguém confirme isso.

Exemplos de casos de doente paliativo:

1. O paciente está com os dias contados, mas está lúcido. Ao ver alguém capelão poderá perguntar: Irmão, eu vou morrer? O capelão precisa ter cuidado na resposta. No caso, devolva a pergunta: “o que você acha”? Ou “quem lhe falou isso”? Tendo chance fale da segurança da vida eterna em Jesus.
2. O paciente já foi avisado que está com os dias contados e fala que está com medo de morrer. Neste caso abra a sua Bíblia ou recite versos que falem de Jesus como Salvador e diga-lhe das maravilhosas promessas que estão reservadas a quem parte salvo em Jesus. Isso é válido para qualquer paciente.

Há uma forte tendência de muitos cristãos de sempre apelar para a possibilidade do milagre. Sabemos que Deus pode, no entanto, a própria Bíblia fala que há tempo para tudo; “tempo de nascer e tempo de morrer” – (Ec 3.1-3). É melhor ajudar a pessoa morrer salva do que tentar um milagre. Se Deus “quiser” fazer o milagre, Ele fará, mas a pessoa precisa estar preparada para morrer.

ORAÇÃO NA VISITA HOSPITALAR

No caso de visitação a enfermos, principalmente hospitalizados, a oração, em vez de ajudar, pode atrapalhar se não atentarmos para certos detalhes. Aprendamos então:

1. **Uma só pessoa** – não é aconselhável uma reunião de oração dentro do hospital, exceto na capela ou em outra sala. Mesmo assim, apenas uma pessoa deve orar. Um período longo de muitas orações, cada um de um jeito e em tons diferentes de voz, pode criar problemas emocionais no enfermo. Se só houver duas pessoas na visita, apenas uma deve orar e as outras concordam.
2. **Voz suave** – não se deve fazer aquela oração gritada, com exaltação de voz. Oração é conversa com Deus, logo, o que fará efeito é a fé e não o feito psicológico de palavras fortes.
3. **Sem encenações** – não precisa fazer encenações, movimento de mãos, não provoque expectativas e nem curiosidades, não precisa dramatizar a oração. *Qualquer alteração nas emoções do paciente pode ser prejudicial, pra ele e pra o capelão.*
4. **O pedido** – ponha a pessoa nas mãos de Deus e peça-lhe que realize a vontade dele. Não insinue na oração que Deus tem que curar. Se este for o tempo da partida da pessoa, ela irá acontecer pela soberania de Deus.
5. **E se o enfermo for crente, está lúcido e quiser orar?** – deixe-o, mas sob vigilância. Se ele se emocionar e chorar, continue a oração você mesmo, e encerra-a imediatamente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA EVITAR CONTAMINAÇÕES

1. Pessoas que apresentarem febre, dermatites (inflamação na pele), obsesso, infecções gastrointestinais, respiratórias, bem como outras doenças infecciosas **NÃO** devem visitar pacientes.
2. Lavar as mãos com água e sabão antes e depois da visita, com a influenza H1N1, devemos usar mascaras em algumas situações e lavar as mãos com álcool em gel.
3. Se tiver gripado, tossindo, com febre, com dificuldade respiratória, não vá ao hospital.
4. O visitador não deverá entrar com sacolas, evitando colocá-las no chão, sobre a cama ou mesas de cabeceira do paciente.
5. O visitador não deverá se sentar na cama do paciente ou em outra cama, evitando carregar microorganismos tanto para o leito quanto

para a roupa.

6. NÃO pegar no colo crianças que estão internadas.

7. Não comer na mesma vasilha do doente.

8. Não oferecer alimentos sem consulta previa da equipe medica ou nutricionista.

9. Procure atender aos seus pacientes em horário **fora** do estabelecido para as visitas, no caso de enfermarias, o paciente não poderá lhe dar atenção e a preferência são os parentes e amigos.

SÓ PARA VOCE ENTENDER:

- **Infecção** – é a entrada e desenvolvimento ou multiplicação de um agente infeccioso no organismo de uma pessoa ou animal.
- **Infecção hospitalar** – também chama “nosocomial ou institucional” é qualquer infecção adquirida após a internação do paciente e que se manifesta durante a internação ou após a alta, quando puder se relacionada com a hospitalização.
- **Infecção comunitária** – não institucional ou não hospitalar é a infecção constatada ou em incubação no ato de admissão do paciente, desde que não relacionada com internação anterior no mesmo hospital.

CAPELANIA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS

Pensar em crianças doentes é muito difícil, até por falta de conhecerem certas regras de higiene, outras por problemas sociais que afetam os pais, já por falta de recursos financeiros para certos expedientes profiláticos, preventivos a criança é alvo certo de enfermidades varias.

Hoje, quando a demanda por capelães aumenta em nosso país, precisamos incentivar a formação de capelarias dotadas de pessoas especializadas no trabalho com crianças, principalmente para hospitais infantis. Temos duas preocupações: um é o numero insuficiente de capelães e voluntários para esse trabalho, o segundo é exercitar essa capelania é necessário possuir o dom, ministério e gostar de crianças. Não temos muito tempo pra um treinamento nessa área, mas faremos algumas abordagens.

ESTRATÉGIAS DE ASSISTENCIA ESPIRITUAL A CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Para promover capelania junto a um hospital infantil deve adorar algumas estratégias e bem elaboradas e levando em conta a faixa etária, o tipo de enfermidade e os recursos que o próprio hospital oferece. Não se podemos ter programas muito longos e a programação que for feita deve ser móvel, flexível e adequada a

certos tipos de situações. Lembrando também que o tempo de internação é curto, exceto algumas enfermidades crônicas.

- A) **Conversas com criatividade** - estas conversas, depois de ter conhecido o pequeno paciente, devem ser programadas, com criatividade, se a criança estiver no leito. Que tal fazer a criança contar e analisar todos os bons momentos de sua vida até o ponto em que ela pode lembrar e tem na memória? Que tal conversar sobre carreiras e profissões, dependendo da idade da criança? Esse tipo de conversa é também bom para adolescentes.
- B) **Histórias bíblicas dramatizadas** - se a criança está andando, tente contar a história uma vez e depois trabalhe com ela para dramatização improvisada.
- C) **Cânticos didáticos** - cânticos que ensinam certas lições bíblicas.
- D) **Teatro de fantoches** - aqui podemos trabalhar com pequenos grupos na capela ou na “brinquedoteca”, que alguns hospitais já mantêm.
- E) **Dinâmicas didáticas** - os pedagogos dispõem de diversas dinâmicas breves, que podem ser executadas em qualquer lugar, algumas podem ser aplicadas à vida espiritual.
- F) **Show de bonecos de ventríloquo** - um bom artista nesta área poderá dar um show muito eficiente, adaptando as lições às circunstâncias dos pacientes.
- G) **Trabalhos manuais** - alguns grupos de crianças hospitalizadas podem se dedicar a certos trabalhos manuais.
- H) **Show de palhaços** - hoje temos o grupo palhaços da alegria, e outros grupos que atuam nesta área levando sempre um positivo desempenho.
- I) **Literatura** - certas literaturas curtas, de leitura rápida, preparadas para crianças, podem ser distribuídas.
- J) **Celebrações e eventos** - as grandes datas comemorativas como: dia das mães, dia das crianças, páscoa, natal, podem ser motivos de programações especiais, incluindo distribuição de presentes e, em alguns casos, ouvidos a nutricionista e os médicos, ate certos alimentos e refrescos.
- L) **Oração** - usando uma didática apropriada, pode-se ensinar e praticar a oração com a criança.

COMO ABORDAR A CRIANÇA ENFERMA

A abordagem com criança é bastante complexa. Se entrarmos na “contramão”, perderemos a oportunidade, talvez para sempre, de manter um relacionamento com ela. Então, vejamos alguns cuidados

preliminares:

- Saber com o pessoal da saúde, qual a doença, seu estágio e suas esperanças. Não é aconselhável perguntar a criança sobre a sua enfermidade, a menos que ela, voluntariamente, comece a falar sobre o assunto.

- Saber se tem alguém acompanhando e como tem reagido a doença. Lembrando que o acompanhante também precisa de nossos cuidados.

- Se o capelão dá tempo integral ou até parcial no hospital, ele poderá iniciar um contato natural, como passar pelas enfermarias para ser notado pelas crianças como pessoa que habitualmente está por ali.

O primeiro contato:

* Comece onde a criança está. Isto é, comece por aquilo que está acontecendo no momento. Ela pode estar lendo alguma coisa, ou acabando de tomar uma injeção, ou acabou de receber uma visita. A maneira de começar onde a criança está é fundamental, para não causar impacto.

* Apresentação: nem sempre é a primeira coisa a fazer. Em alguns casos, sim. Mas se você começou de maneira natural, a certa altura, diga quem você é tipo: *“oi, eu sou o capelão fulano e o seu nome é”?*...

* Se a criança ficar curiosa para saber o que é um capelão, você vai explicar: *“bem aqui você tem enfermeiras, médicos, psicólogos, copeiros e as pessoas que trazem a comida, outras limpam, não é mesmo? Cada pessoa cuida dos pacientes em sua área. O capelão cuida das coisas do espírito, das coisas da fé”*.

* Daí a conversa pode seguir, ou a criança vai ficar indiferente ou vai começar a perguntar sobre *“coisas espirituais”*, sobre a *“fé”* e etc.

* **LEMBRETE:** há dois aspectos, o primeiro é o da conquista da pessoa, primeiro nós ganhamos a pessoa para nós, para depois ganhá-la para Cristo. Aí vai entrar a sua simpatia, sua dinâmica pessoal, sua vida espiritual, seu carisma. O segundo princípio é o patrimônio religioso individual que cada um tem mesmo a criança, não podemos forçar a entrada nesse lugar, do contrario ela fechará a porta. Não mexa na religião.

Outros contatos:

Os demais contatos vão se tornar rotineiros, e seguirão caminhos mais variados, para descobrir qual a melhor estratégia é bom observar o seguinte:

1. Tentar deixar a criança falar de si mesma e de seus sentimentos. Ouvir é excelente atitude para ajudar na cura das pessoas.
2. Descobrir quais os principais pontos de interesse da criança: se gosta de brinquedos eletrônicos, se gosta de ler, se gosta de

cantar, de futebol, programa de TV, filmes e outros.

3. Nas conversas naturais, tentar detectar se há problemas em casa, se há sentimentos guardados, se existem irmãos, parentes. Importante é que não devemos perguntar, mas deixar fluir e captar na conversa.
4. Saber se está estudando, se estava indo bem nos estudos, se tem algum alvo, algum ideal, qual o sonho.
5. **NUNCA** esquecer que cada paciente é um caso, é um tesouro que deve ser trabalhado com muito amor e carinho.

COMO FALAR DE JESUS À CRIANÇA

- a) A figura do Pai Nosso. Quase todas as crianças conhecem a oração do “Pai Nosso”.
- b) O questionamento é inevitável: “se Ele é pai, porque eu estou sofrendo aqui”? Podemos explicar assim: se um filho desobedece ao pai e sofre um acidente – machuca o pé, por exemplo, a culpa foi do pai? Bem, o que ocorreu foi que o primeiro casal desobedeceu a Deus e provocou um acidente que causou conseqüências a todo universo. Daí surgiu toda espécie de problemas, inclusive as doenças, que aumentam cada vez mais. As doenças estão aí e afetam a todos, estamos sujeitos a ela. Porém o nosso Pai Celestial está pronto a nos ajudar a lidar com elas e eliminá-las. Por isso Ele nos proporciona um hospital, médicos, enfermeiros e outras pessoas preparadas para nos ajudar.
- c) Conhecendo e convivendo com Deus – Jesus veio ao mundo para nos revelar, ensinar quem é o verdadeiro Deus. *Dentro do possível explique o trabalho de Jesus aqui na terra.*
- d) Amigo de Jesus – “vós sereis meus amigos, se fizerdes o que vos mando” João 15.14. Muita gente ouve falar de Jesus, sabe muita coisa sobre Ele, mas não se tornou amigo d'Ele ainda. *Encoraje a criança a tornar-se amiga de Jesus.*
- e) Explique pra criança que o amor de Deus que enviou a Jesus para ser seu amigo, João 3.16, Deus quer que você aceite o Seu amor e Ele vai cuidar de você.
- f) Não é bom enfatizar a morte de Jesus pra criança muito pequena e que estão hospitalizadas, é melhor trabalhar com as palavras amor e amizade.
- g) Tente fixar a figura do amigo e depois trabalhe com textos bíblicos que funcionem como recursos do grande amigo para a vida da criança.

CONCLUSÃO:

A capelania com crianças hospitalizadas tem aspectos que não se podem prever, assim o capelão tem de estar sempre se atualizando,

com o conhecimento da criança, com a sua vida espiritual, e, sobretudo, desenvolver-se constantemente na arte da criatividade.

MODULO IV
CAPELANIA FAMILIAR
DEUS E A FAMÍLIA – SL 128.

A família é a base da sociedade, e Deus quer a preservação da família, num todo. Conforme está no SL 128.

- 1) A bem-aventurança é uma certeza da presença de Deus no seio da família.
- 2) A prosperidade material e a felicidade, também.
- 3) A harmonia do lar; entre familiares com a unção de Deus.
- 4) A benção aos obedientes a Deus no contexto familiar.
- 5) A visão de bens todos os dias.
- 6) A paz que Deus garante oferece à família.

Diante deste texto podemos interpretar que a família é uma dádiva de Deus para adorá-lo, exaltá-lo e honrá-lo nas suas ações.

O QUE É CAPELANIA FAMILIAR? É um ministério trabalho que dá apoio às famílias, um ministério para e com as famílias. Dar assistência e ensino bíblico familiar aos casais que precisam de orientação espiritual, ajudando-os a resolver conflitos em todos os aspectos da vida conjugal e familiar.

QUAL O PROPOSITO DESSA CAPELANIA? O objetivar o ensino bíblico sobre a vida conjugal para aprimorar assim a vida a dois. Os sociólogos e cientistas do mundo inteiro têm reconhecido que é de vital importância à religião para a educação familiar e conjugal, pois todo programa secular tem sido ineficiente.

MISSÃO DA CAPELANIA FAMILIAR – Além de atividades específicas encontros, terapias e etc. Visa à implantação de programas, pois os casais que passarem por esses programas, aprenderão a viver intensamente o relacionamento conjugal e familiar superando assim as crises no relacionamento.

Não existem casamentos perfeitos, bem sabemos, mas podem melhorar e serem aprimorados através da pratica dos princípios de Deus ensinando as escrituras no que diz respeito à vida a dois.

GRUPOS DE EVANGELISMO PARA INFANTO-JUVENIS

Muitas Igrejas e até os próprios pais tem deixado passar de forma despercebida, o quanto é necessário que as crianças e adolescentes sejam evangelizados, até porque são eles portadores de uma capacidade de percepção muito ativa, fazendo que aprendam por

imitação, discriminando atitudes certas e erradas de acordo com o padrão de ensino que recebem.

MODULO V

CAPELANIA SOCIAL

Deus em toda a Sua Palavra deu ênfase especial ao amor. Desde o Velho Testamento Ele deixou leis e mandamentos sobre a prática deste amor destacando alguns segmentos marginalizados como: pobre, necessitado, viúva, órfão e o estrangeiro. Na Bíblia encontramos *16 versos enfatizando as boas obras e 116 falam sobre a prática do bem.*

Deus em toda a Sua Palavra deu ênfase especial ao amor. Desde o Velho Testamento Ele deixou leis e mandamentos sobre a prática desde amor destacando alguns segmentos marginalizados como: pobre, necessitado, viúva, órfão e o estrangeiro. Na Bíblia encontramos 16 versos enfatizando as boas obras, 116 falam a prática do bem.

CITAREMOS ALGUNS:

ÊXODO

22:22 – A nenhuma viúva nem órfão afligires.

23:6 – Não perverterás o direito do teu pobre na sua demanda

LEVÍTICO

19:15 – Não farás injustiça no juízo; não farás acepção da pessoa do pobre, nem honrarás o poderoso; mas com justiça julgarás o teu próximo.

23:22 – Quando fizeres a sega da tua terra, não segarás totalmente os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixará. **Eu sou o Senhor vosso Deus.**

TIAGO

2.14 – Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?

2.15 – Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa, e necessitados do alimento cotidiano,

2.16 – e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?

2.17 – Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.

"Assim diz o Senhor ao seu ungido a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face. Eu irei diante de Ti e

endireitarei os caminhos tortos." (Is: 45.1,2). Eis aí a garantia do Senhor com a Sua presença.

OBJETIVO DA CAPELANIA SOCIAL.

Jesus Cristo nos recomenda conforme as suas palavras: *"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao Vosso Pai, que esta nos céus"* (Mt 5.16).

Esta é a visão e a ordem do Senhor! A importância imensa para Deus, no que diz respeito a dar assistência aos que estão com fome, nus, como lemos em (Mateus 25.35-36).

Ela é abrangente em apoio a hospitais, instituições de abrigo e asilares. Ela capacita as pessoas para levar alento, alegria a idosos, crianças, enfermos, através de brincadeiras, teatros, musica e contação de historias, mobilizando assim aos ouvintes. O capelão social também promove eventos em datas especiais, distribuindo doces, brinquedos, roupas, presenteando a mães carentes com enxovais preparados por voluntários outros. No livro de Tiago 2.

O QUE É CAPELANIA INFANTIL? Não podemos deixar de detalhar o trabalho com esses pequenos, os quais podem ser chamados de "classe de boas novas", mas esse trabalho com eles é um atendimento espiritual, psicológico e emocional também as crianças, juniores e até adolescentes.

MISSÃO DA CAPELANIA INFANTIL: atuar crianças através de voluntários também capacitados que levam amor, conforto, respeito e esperança, não só as crianças, bem como aos familiares, vivendo a fé cristã através do atendimento espiritual, emocional, social, recreativo e educacional, sem distinção de credo, raça, sexo ou classe social. Temos a missão de levar a paz e a alegria do Espírito Santo a todos os lugares e a todos os pequeninos, o que é um belo e promissor ministério.

POR QUE FAZER CAPELANIA INFANTIL?

- 1) É nosso dever viver e falar do evangelho – Marcos 16.15
- 2) Porque elas estão em perigo – Mateus 18.14
- 3) Jesus disse: Deixai vir a mim os pequeninos – Marcos 10.14
- 4) Porque é uma ordem dada por Jesus – João 21.15; Provérbios 22.6.
- 5) Porque Jesus além de se importar com elas, as valoriza – (Mt 11.25; 21.16).

AEIOU - DO TRABALHO DE CAPELANIA COM AS CRIANÇAS

A – amor e atitude;
E – esperança;
I – investimento;
O – oração;
U – urgência.

O PAPEL DO CAPELÃO DE CRIANÇAS – a tarefa do capelão infantil não é tão simples como se imagina. É um trabalho complexo que não se baseia apenas em ações, mas necessita de uma orientação clara, motivação definitiva, atitude positiva, compreensão, visão panorâmica, planejamento e execução cuidadosa. O capelão deve considerar a necessidade de cada um na área física, emocional e espiritual. Logo, se trabalha com toda necessidade da criança e não em partes.

COMO EVANGELIZAR CRIANÇAS?

- Ela é um alvo perfeito para evangelização, devido a sua sinceridade e humildade, não sendo difícil para ela confessar o seu pecado.
- Ela é sensível ao pecado porque não tem o coração duro como o de um adulto, está livre de preocupações que dificultam muitas conversões. Além disso, a criança acredita em nós adultos.
- Uma criança vai guardar a palavra do Senhor para sempre. No Salmo 78 diz que: “a cura de uma geração vem pelas crianças”.

PLANO DA SALVAÇÃO PARA CRIANÇAS ATRAVÉS DAS CORES:

- Deus me ama
- Sou pecador
- Jesus morreu e ressuscitou por mim
- Recebo o Senhor
- Sou salvo.

MODULO VI

CAPELANIA URBANA

Acontecesse em cumprimento das Escrituras. (João 15.25; 17.12). Quando chegou ao fim do seu sofrimento, exclamou: “*Está consumado!*” (João 19.30). Jesus mostrou, também, uma grande dedicação a qual devemos procurar imitar.

Jesus era dominado por íntima compaixão pelos homens e amor pelos pecadores. Compaixão é uma expressão de amor que nos desperta sentimentos de dor e condolência pelo sofrimento de alguém, bem como a vontade de poder ajudar. Jesus mostrou esta

atitude diante das massas que o cercavam (Mt 20.34). Ele nos viu como ovelhas que não tem pastor (Mt 9.36); Ele teve compaixão dos enfermos (Mc 1.41) e dos que sentiam tristezas, compadeceu ternamente dos fracos (Hb 4.15). Jesus quer que o nosso sentimento de compaixão e de misericórdia caracterize a cada crente, consoante o que ele disse: “Sede, pois, misericordiosos”. (Lc 6.36).

Nas moradias subumanas há um grande clamor conforme esta na palavra de Deus no Salmo 26. 7-9.

TEMAS ABORDADOS

- Evangelização dos mendigos
- O que o novo convertido precisa saber?
- Como evangelizar drogados, alcoólatras,
- Moradores de ruas
- Evangelização de pessoas em geral sem distinção de raça, credo ou posição social.

MODULO VII CAPELANIA ESCOLAR

O que é Capelania Escolar?

A escola é o maior campo missionário dos nossos dias. Ao nos aproximarmos das escolas, conhecemos uma realidade desafiadora. Professores, diretores, alunos e pais estão exauridos em busca de soluções para seus conflitos e percalços. Esta realidade pode ser vista como uma grande porta aberta para que a igreja brasileira seja relevante em seu tempo, e a Capelania Escolar é o ministério que oferece “pastoreio”, consolo e um ombro confiável para que a pessoa sofrida possa compartilhar sua DOR.

Como posso me envolver no ministério de Capelania Escolar?

Deus nos deu um dom especial (I CO 7.7) que deve ser usado para transformar a vida e a realidade das pessoas. Você pode colocar seu dom a disposição de Deus para servir como voluntário em uma escola. É muito importante que você participe de um treinamento para saber os desafios e oportunidades das escolas em nossos dias.

Sou funcionário de uma empresa e não tenho todo o dia livre, mesmo assim posso ser um capelão?

É verdade que Capelania e tempo de qualidade andam juntos, entretanto, você pode atuar nesse ministério de várias formas:

a) Você pode dedicar um turno por semana em uma escola. Neste caso, é importante definir com a direção os dias e horários em que ela poderá contar com sua presença. Essa atuação, ainda que pequena, trará grandes resultados.

b) Você pode ser um mediador na escola. Esta função permitirá que membros das igrejas de sua cidade estejam atuando em caráter voluntário dentro de suas especialidades. Por exemplo: Um médico (a) poderá ministrar uma palestra por mês com temas que venham a interessar aos pais, professores, alunos e funcionários da escola. Um policial da igreja poderá ministrar palestras dentro da escola falando dos riscos das drogas e suas consequências. Outros dons poderão ser aplicados dentro dessa mesma dinâmica. É bom lembrar que todas essas ferramentas virão acompanhadas de uma aplicação espiritual.

Tenho todo o tempo livre e gostaria de ser capelão em uma escola, mas como terei o meu sustento?

Hoje temos pelo menos três possibilidades de fazer Capelania.

Podemos atuar em escolas: particulares, confessionais e públicas. Nas duas primeiras possibilidades o capelão é, geralmente, um funcionário remunerado pela própria instituição. Já os capelães que atuarem em escolas públicas devem ter seu próprio sustento que poderá vir:

a) Da sua aposentadoria.

b) Da sua família que lhe enviará como missionário.

c) De uma igreja que fará parte do projeto “Adote uma Escola”.

d) De uma junta missionária.

e) Ou de outras fontes que lhe permita o sustento mínimo.

Vencida essa fase, o Capelão que atuar dentro de uma escola pública se tornará em muito pouco tempo uma pessoa bastante respeitada. Seu ministério influenciará toda comunidade escolar e seus familiares. Não temos dúvidas de que a Capelania Escolar é uma poderosa ferramenta para a evangelização dos nossos dias. Concomitantemente com a evangelização, também observamos de forma prática que a Capelania tornou-se uma grande estratégia para a transformação do ser humano em seu múltiplo perfil, a saber: Bio-Psíquico - Social.

Metas:

É de conhecimento que as escolas são vítimas de violência tanto física e moral, e que essa violência muitas vezes são praticada por ex-alunos da própria escola que uma vez sentiram-se discriminados e rejeitados perante a sociedade e até mesmo no seio da família. A

capelania tem por objetivo levar uma palavra de amor e compreensão, palavra esta dirigida não somente aos alunos, mas também aos familiares e educadores.

O objetivo principal da capelania escolar é: aproveitar este espaço concedido para evangelizar a todos, dentro do perímetro escolar.

É assim que a Capelania estará cumprindo suas metas e objetivos cumprindo o IDE de Nosso Senhor, JESUS CRISTO; (Mc: 16:15.)

A Bíblia diz: ensina a criança no caminho onde deve andar (Pv. 22.6).

MODULO VIII

CAPELANIA PRISIONAL

“Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados”.

Com este ensinamento entendemos que o Senhor quer alcançar não somente as pessoas enfermas, mas as que se encontram em regime prisional, também. Em todo o Brasil, juntando os familiares, que também são vítimas, chega-se aproximadamente a mais ou menos quatro milhões de pessoas.

Certamente a maior dificuldade que enfrentamos quando falamos em evangelismo em Presídios é inicialmente dentro das igrejas que não tem a Visão do Reino de Deus e sim a Visão de Reinado (minhas ovelhas, meu dízimo, minha igreja, meu tudo...). Pastores que se apascentam a si mesmos (Ezequiel 34). Quando uma igreja não consegue vislumbrar que a maior missão dela é pregar o evangelho, esta igreja está fadada ao fracasso denominacional, onde muitas delas se transformaram em clubes sociais, encontros dominicais e seguem nesta marcha cega, fora do Propósito do Senhor.

O PERFIL DO CAPELÃO PRISIONAL:

- a) Chamado para este ministério.
- b) Cheio do Espírito Santo.
- c) PREPARADO para este ministério.
- d) Amável.
- e) Tratável.
- f) Comprometido.
- g) Firme e constante no trabalho.
- h) Aconselhar e acompanhar com interesse espiritual a vida dos que se convertem.
- i) Ser pessoa de oração e que ore sem cessar.

O PUBLICO ALVO DO CAPELÃO PRISIONAL

1º Detentos – e estes necessitam ser conhecidos e analisados.

- 2º Familiares
- 3º Agentes
- 4º Funcionários.

OS TIPOS DE DETENTOS:

- Os que estão atrás das grades
- Os que estão presos dentro de si mesmo
- Os que estão presos do lado de fora das delegacias e presídios (familiares).

CUIDADOS A SEREM TOMADOS PELOS CAPELÃES – esse trabalho tem peculiaridades que precisamos estar atentos para evitarmos maiores problemas:

- 1) Respeitar e observar as regras específicas de cada presídio.
- 2) Inteirar-se com o Serviço de Segurança e Disciplina de cada casa penal sobre o que é permitido levar e entregar pessoalmente aos presos, principalmente material bíblico. Em alguns presídios de segurança máxima não é permitido à distribuição individual de mensagens evangelísticas.
- 3) Evitar entrar com carteira, dinheiro, documentos, cheques ou objetos de valor, chaves, ou qualquer outro metal que sirva para fazer armas, celular e os artigos de uso pessoal, como perucas, batom lenço de cabelo, *com camisa ou blusa de cor preta*.
- 4) NUNCA levar comestíveis, objetos, remédios ou outra coisa que não seja do conhecimento e permissão da coordenação.
- 5) NUNCA introduzir fios metálicos, ou de nylon, ou quaisquer objetos que venham oferecer risco de vida para alguém. Lembre-se que a pessoa que lhe pediu essas coisas pode ser até um irmão em Cristo, mas ao seu redor há outros que poderão apossar-se de tais coisas e dar-lhes outro destino.
- 6) NUNCA atender aos pedidos de coisas que alimentem o vício, como cigarros, sob nenhum pretexto.
- 7) NÃO levar cartas ou recados de fora para os presos nem para fora do presídio. Observar que existe censura nos presídios e, portanto, não deverá ser infringida essa disposição, evitando consequências graves.
- 8) Estar pronto para a revista, quando solicitado, por questão de segurança do presídio.
- 9) Não ter envolvimento emocional com os presos, no plano íntimo que venha atrapalhar a atividade evangelística, e também evitar envolver-se diretamente com os problemas internos da prisão, exceto se houver violação dos direitos humanos que recomende

providencia a quem de direito.

- 10) Não ter nenhum envolvimento sentimental.
- 11) Não ter nenhum envolvimento jurídico.
- 12) Nenhum envolvimento financeiro.
- 13) Nenhum envolvimento com o sistema lembre: ouvido e NÃO boca.
- 14) NÃO atender ao pedido de acompanhamento do tipo: “vamos que eu te mostro a minha cela”, sob qualquer pretexto, longe da vista dos irmãos e dos agentes penitenciários, pois isso é muito perigoso.

OBJETIVOS DA CAPELANIA PRISIONAL:

1. Receber e reintegrar social e eclesialmente o egresso de sistema penal convertido que professa fé cristã e princípios cristãos.
2. Trabalhar para a restauração da família do interno e do egresso de sistema penal convertido.
3. Promover a integração gradual do egresso de sistema penal no dia a dia da igreja.
4. Buscar meios de integração profissional, na medida do necessário e possível do egresso de sistema penal convertido.
5. Tratar caso a caso o surgimento e desenvolvimento de vocacionados promovendo treinamento inicial e o amadurecimento da vocação.

O PERFIL DO PRESO BRASILEIRO:

- 1) A maioria absoluta é formada por pessoas pobres de classe baixa.
- 2) Mais de 70% não completaram o ensino fundamental.
- 3) Mais ou menos 10,5% são analfabetos.
- 4) 18% somente desenvolvem alguma atividade educativa.
- 5) 72% vivem em total ociosidade.
- 6) 55% são pessoas de 18 a 29 anos. Quase a metade dos presos é por roubo, mais ou menos (121.611).
- 7) A segunda maior razão das prisões é o tráfico de entorpecentes, + ou - (59.447).
- 8) Seguidos de furtos, mais ou menos (56.933).
- 9) E mais de (46.363) por homicídios*

E MAIS só a título de informação:

Publicado pela Defensoria Pública do Pará (extraído pelo

Esses dados foram publicados há 4 anos atrás, conforme o autor do texto.

***** Maior parte dos presos responde por tráfico e roubo *****

O verbo roubar, que na linguagem popular expressa todo tipo de crime em que o agente se apropria de algo alheio, independentemente da forma de agir, é o mais conjugado pela maioria dos presos brasileiros. Segundo o relatório do Departamento Penitenciário Nacional – (Depen), 52% dos presos cumprem pena por algum tipo de crime contra o patrimônio. As estatísticas se referem ao total de presos das penitenciárias brasileiras: 417.112. **Não** estão incluídos no levantamento os 56.514 detentos das delegacias.

São 212.213 homens e 5.564 mulheres encarcerados por subtração de coisa alheia. Nessa categoria, a modalidade mais praticada é a do roubo qualificado, mediante uso de arma, às vezes por mais de um agente, sendo muito comum o roubo de veículos. Por esse tipo de crime, estão presos 73.267 homens e 1.421 mulheres.

O relatório do Depen mostra que 31.956 presos cumprem pena por furto simples, 32.863 por furto qualificado e 41.058 por roubo simples. Os demais crimes contra o patrimônio foram praticados por 23.603 condenados, sendo 12.537 receptadores, 5.673 estelionatários e 2.566 presos por extorsão mediante seqüestro. Os demais foram presos por extorsões e apropriações indébitas.

O tipo criminal individual mais comum nas cadeias, contudo, é o do condenado por tráfico de entorpecentes. São 78.735 homens e 12.312 mulheres, que somam 22% da população carcerária.

Os crimes contra a pessoa são menos praticados, mas os índices não são baixos. O latrocínio, tipo que combina roubo com violência contra a vítima (lesão grave ou morte), foi praticado por 13.609 presos. Mas, quando se fala em homicídio, crime praticado diretamente contra a pessoa, os números sobem bastante, chegam a 12% do total. A maior parte é de homicídio qualificado, crime praticado por 28.236 presos, enquanto que 20.972 praticaram homicídio simples. Dos homicidas, só 3% são mulheres.

Os crimes contra os costumes, como estupro, atentado violento ao pudor e corrupção de menores, também levam muita gente para a cadeia no Brasil. Atualmente, 17.787 cumprem pena por esse tipo de crime.

A **Lei Maria da Penha** mantém presos, que foram condenados por violência contra a mulher. Os crimes previstos no Estatuto de Desarmamento, como porte, posse, disparo e tráfico de armas, somam 23.208 condenados. O relatório aponta ainda outros tipos de presos por crimes como contra a paz pública (6.924), contra a fé

pública (3.773), administração pública (1.366), entre outros praticados eventualmente.

***** Duração da pena *****

A quantidade de presos por tempo total das penas reflete a distribuição dos tipos de crime praticados. Para esse item, foram considerados os presos com sentença transitada em julgado, excluindo-se os 152.612 presos provisórios, além dos internados por medida de segurança e os provenientes da Polícia/Justiça Federal (9.224).

No universo considerado, de 250.399 presos, o maior grupo cumpre pena entre 4 e 8 anos de prisão, um total de 72.113 condenados. O grupo que cumpre pena de até 4 anos é bem menor, 53.479 presos, abaixo até do que o número de presos que cumpre pena entre 8 e 15 anos, que chega a 54.929.

Penas maiores não são tão poucas como se imaginam, 26.299 estão condenados a pena de 15 a 20 anos, 20.766 a penas entre 20 e 30 anos, e 19.723 foram sentenciados entre 30 e 50 anos de prisão. No Brasil não há penas perpétuas, mas 508 pessoas estão condenadas a mais de 100 anos de prisão, além de 2.592 que cumprem penas que somam entre 50 e 100 anos.

***** Tempo de estudo *****

O relatório do Depen revela ainda a distribuição dos condenados por grau de instrução, considerando o universo de 417.112 presos nas penitenciárias. A maioria apresenta um baixo grau de escolaridade, não chegando ao ensino médio. O maior grupo, com 178.562 presos, tem o ensino fundamental incompleto, enquanto 49.523 são apenas alfabetizados e 26.092 são analfabetos. Somados aos 67.384 presos com ensino fundamental completo, representam 77% dos encarcerados nas penitenciárias.

Os presos com ensino médio completo são 31.022, mas há 44.107 que não terminaram o 2º grau. Já em relação ao nível universitário, os números caem bastante. Apenas 1.715 presos terminaram a faculdade, 60 têm cursos acima da graduação e 2.942 não concluíram o curso superior. Outros 15.475 não declararam escolaridade. O relatório considera que há uma diferença de 0,06% nos números, referentes a dados não informados.

G1 - BRASIL

Um estudo feito em 04/11/2013 12h02 - Atualizado em 04/11/2013 12h14, de antemão, dados que fazem parte da sétima (7ª) edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, informou que numero de presos

cresceu quase 10% entre 2011 e 2012, passando a população carcerária de todo país de 471,2 mil para 515,4 mil, um aumento de 9,39%. No mesmo período, revelou o levantamento, as vagas nos presídios brasileiros cresceram apenas 2,82%: saíram de 295,4 mil para 303,7 mil. De acordo com o estudo, a média de ocupação nas penitenciárias do Brasil é de 1,7 detentos por vaga. As estatísticas que demonstram a superpopulação carcerária no Brasil.

Este levantamento foi produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública com base em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Sistema Nacional de Estatísticas em Segurança Pública e Justiça Criminal, banco de dados administrado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, um órgão vinculado ao Ministério da Justiça. Ainda há mais por saber: Taxa de homicídios em todo o Brasil aumentou 14% no ano passado e número de estupros no país supera o de homicídios dolosos, diz estudo

Estupros

O número de estupros registrados no Brasil em 2012 foi maior que o de homicídios dolosos (quando há intenção de matar), segundo dados do Anuário. Segundo o levantamento, o país registrou 50.617 casos de estupro em 2012, o que equivale a 26,1 estupros por grupo de 100 mil habitantes. Um avanço de 18,17% em relação a 2011, quando a taxa foi de 22,1 por grupo de 100 mil. O número de homicídios dolosos registrados em 2012 foi de 47.136.

Uma vez sendo aplicado o exercício de visitação da capelania; temos a convicção de que Deus sem dúvidas estará levando através da Sua Palavra a oportunidade de uma libertação espiritual total, pois os capelães entendem que estarão dando continuidade no ministério glorioso de Jesus. (Lc. 4-19).

Lembremos do que está escrito no livro do profeta (Isaías 61.1-4), aliás o próprio Jesus Cristo fez questão de ler em uma sinagoga o texto referido, por saber que esta é a sua grande obra quando Ele propôs dar liberdade não somente física, mas principalmente espiritual conforme (Lucas 4).

"O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração. A apregoar liberdade aos cativos e dar vistas aos cegos; a por em liberdade os oprimidos; a anunciar o não aceitável do Senhor". (Lc. 4: 18,19).

MODULO IX

CAPELANIA ESPORTIVA

O QUE É UM CAPELÃO ESPORTIVO?

É uma Autoridade Eclesiástica credenciada e reconhecida pelo

Governo Federal e Internacional, que trabalha com atletas e familiares de todas as religiões, modalidades e categorias esportivas.

A figura do Capelão é conhecida e respeitada no Brasil e no mundo, mas sempre ligada a Hospitais e Exércitos, ainda. Apesar de a capelania esportiva não ser conhecida, existe muita gente se aproximando de jogadores de futebol, atletas em geral dando profetas e ensinando heresias, prestando uma consultoria sem fundamentos bíblicos tipo: não precisa fazer tratamento e nem tomar remédios, bastar crer na Bíblia, orar e ter fé pra ser curado de lesões, etc.

É fato, mas a medicina com os seus profissionais, medicamentos e tratamentos são um presente de Deus em benefício da humanidade. Tem capelães mal preparados que aconselham atletas a jejuarem, fazerem vigílias de oração em véspera de preparação de jogo, colocando o atleta de encontro aos treinadores e líderes, pois a alimentação e o sono são partes fundamentais para o bom desempenho.

Os Atletas de Cristo, atualizados com o nome de “capelães” surgiram nos Estados Unidos com o objetivo de evangelizar e discipular atletas das universidades americanas, foi um projeto muito abençoado por Deus, alcançou outros países e aqui no nosso Brasil, já tem pouco mais de 30 anos em ação.

FUNÇÃO DO CAPELÃO ESPORTIVO:

Independente do credo religioso é prestar auxílio e orientação espiritual para os próprios atletas e suas famílias, no âmbito social, profissional e familiar.

Como fruto de muito amor e técnica à obra evangelística e missionária por meio do esporte, os Atletas em Ação têm se dedicado a diversas ações para alcançar todos os povos:

Grandes eventos esportivos: atuam com muito empenho nos jogos Pan-americanos, Para Pan e Olimpíadas, influenciando, testemunhando e evangelizando. Fazem questão de enfatizar sobre a Palavra de Deus e a importância de sua vivência nos esportes.

Clínicas esportivas: são treinos intensivos de um determinado esporte, com duração de um dia ou uma semana, e ocorrem em clubes, igrejas e até mesmo nas ruas.

Grupos norte-americanos: todos os anos, nos meses de junho e julho, os Atletas em Ação recebem no Brasil equipes de competição esportiva formadas por jogadores universitários dos EUA e Canadá. Eles competem com times profissionais e vêm ao país promover acampamentos e clínicas esportivas. Pessoas de várias idades ficam entusiasmadas para ouvir o que os atletas têm a dizer, deixando o

amor de Jesus fluir.

Escolinha de esportes: tido como “carro chefe”, esse ministério desenvolve um trabalho em que crianças e jovens ouvem o evangelho durante encontros esportivos. Crianças usuárias de drogas e que não inspiram expectativas de mudanças em mais ninguém têm dado frutos para a glória de Deus, surpreendendo a todos ao assumirem funções e produzindo bons resultados às igrejas.

Capelania esportiva é muito parecida com a capelania hospitalar, porém, é um ministério que vai até os atletas durante as competições. Em tendas montadas em meio aos eventos, eles aconselham e realizam cultos específicos para os atletas e suas equipes.

Os Atletas de Cristo em Ação criaram também um ministério chamado “Elite da Bola”, em que o propósito é oferecer material de qualidade para as igrejas locais desenvolverem um bom trabalho evangelístico por meio do esporte e darem seguimento a isso.

É importante frisar que atual geração brasileira é altamente privilegiada, pois participará de oportunidades únicas de relacionamento por causa do recebimento de eventos esportivos mundiais no país.

É uma área que está muito longe de saturação como alguns pensam, pois, ao contrário, é um setor que tem aberto muitas portas para a comunicação do evangelho de Jesus Cristo. Ore ao Senhor dos exércitos, peça discernimento, coragem e ousadia e mãos à obra.

MODULO X

CAPELANIA MILITAR

O que vem a ser um ‘*capelão militar*’? É também chamada de **capelania castrense**; trata-se de um ministro religioso autorizado a prestar assistência religiosa em comunidades, colégios, universidades, hospitais, presídios, corporações militares (Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícias Militares e aos Corpos de Bombeiros Militares). Existem nessas instituições as capelania evangélicas e católicas, objetivando assistir aos integrantes das forças armadas nas diversas situações da vida. Esse atendimento é extensivo aos familiares também.

A capelania militar é importante, por contribuir na formação moral, ética, social e religiosa dos integrantes militares; e, para se tornar um “Capelão Militar”, o interessado deve ser: ministro religioso (padre, pastor, etc.), ter formação superior em Teologia, (conforme a Legislação Brasileira, Bacharel em Teologia), experiência comprovada no ministério cristão e ter sido aprovado em concurso público de provas e títulos. Ao ser aprovado no concurso específico, o militar capelão é matriculado em curso militar de ‘*Estágio e*

Adaptação de Oficial Capelão’.

A Constituição Federal de 1988 prevê em seu art. 5º, inciso VII que é “assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”. A lei 6.923, de 29/6/1981, alterada pela lei 7.672, de 23/9/1988, organizou o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. A partir desta legislação temos definido que:

- 1) O Serviço de Assistência Religiosa tem por finalidade prestar a mesma assistência e espiritual aos militares, aos civis das organizações militares e às suas famílias, bem como atender a encargos relacionados com as atividade de educação moral realizadas nas Forças Armadas, (Lei 6.923, art.2º).
- 2) O Serviço de Assistência Religiosa será constituído de Capelães Militares, selecionados entre sacerdotes, ministros religiosos ou pastores, pertencentes a qualquer religião que não atente contra a disciplina, a moral e as leis em vigor, (Lei 6.923, art. 4º).
- 3) Cada Ministério Militar atentará para que, no posto inicial de capelão militar, seja mantida a devida proporcionalidade entre os capelães das diversas regiões e as religiões professadas na respectiva Força (Lei 6.923, art. 10).

CAPELANIA MILITAR PROTESTANTE

A Capelania Militar Protestante é parte integrante do Serviço Religiosa das Forças Armadas, composta, atualmente por 09 pastores capelães no Exército Brasileiro, 09 na Marinha do Brasil, 03 na Força Aérea Brasileira e muitos outros nas PM’s e BM’s dos diversos Estados brasileiros. O primeiro pastor protestante a servir os militares brasileiros foi o alemão luterano *Friedrich Christian Klingelöffer*, pastor da Comunidade Protestante Alemã, na localidade de Campo Bom, no Rio Grande do Sul, em 1828. Dez anos depois ele, integrado a guerra dos “Farrapos”, morreu em um combate da Revolução Farroupilha.

Outro pastor luterano que prestou assistência aos soldados, em particular para os Voluntários da Pátria da Colônia Alemã de Três Forquilhas, que seguiram para os combates da Guerra do Paraguai, foi o reverendo *Carl Leopold Voges* – (1801-1893). A capelania militar protestante, como um serviço interno junto ao Exército Brasileiro, foi organizada somente em 1944, com a intermediação da extinta *Confederação Evangélica do Brasil* em conjunto com o governo Brasileiro, visando assistir os militares protestantes que iriam para frente de guerra, na Itália.

Os dois primeiros capelães militares protestantes do Brasil foram: o pastor metodista **Juvenal Ernesto da Silva** e o batista **João**

Filson Soren (1908-2002), ambos atuando na Segunda Guerra Mundial, servindo a Força Expedicionária Brasileira (FEB), entre 1944 e 1945. E, o primeiro capelão militar protestante que chegou à chefia do Serviço de Assistência Religiosa – SAREx do Exército Brasileiro foi o luterano **Elio Eugênio Müller**, no ano de 1998. Este cargo tinha sido sempre exercido por católicos desde os tempos do Império em que o catolicismo era a religião oficial do Brasil. O cargo de chefia do SAREx integra todos os capelães, tanto católicos bem como protestantes, e exige um diálogo interconfessional permanente, para que se faça a harmonia entre os diferentes credos.

CAPELANIA MILITAR EVANGÉLICA

A capelania militar evangélica no Brasil foi organizada pela Confederação Evangélica do Brasil em conjunto com o governo brasileiro, em 13 de julho de 1944, para assistir os militares protestantes, quando foram nomeados dois capelães evangélicos: os pastores João Filson Soren (batista) e Juvenal da Silva (metodista), conforme já citados. Ambos atuaram na segunda guerra mundial, servindo a Força Expedicionária Brasileira (FEB), entre 1944 e 1945. O capelão acompanha cós contingentes que participam de conflitos armados, como historicamente já o tem feito. Mesmo ela não sendo um combatente, deve estar onde está à tropa, assistindo com palavras de encorajamento ou de conselho em questões éticas e morais.

O capelão é, sobretudo, quem deve ajudar o combatente a recorrer à Bíblia e à oração no transe do conflito. Seu combate é de natureza sobrenatural, em meio aos caos espiritual que a violência das armas incute nos corações. Ao descrever as finalidades do Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas, as normas prevêm, em seu capítulo I, parágrafo 3º, que “o capelão militar evangélico do Comando Militar de Área ficará responsável por assessorar os capelães nas questões de organizações atinentes a este segmento religioso e pelo atendimento aos militares evangélicos de todas as OM na área daquele grande comando.

O artigo 2º deste capítulo diz que na “programação e execução”... deverão transparecer o espírito, a iniciativa, a atitude e o comportamento de respeito à liberdade de expressão da fé individual”. Este artigo enfatiza o valor do “autentico ecumenismo que redundará em maior harmonia e coesão na vivencia da vocação militar”.

ATRIBUIÇÕES DO CAPELÃO MILITAR

No artigo 3º do capítulo II, que se tem a descrição das atribuições do

capelão: a assistência religiosa e moral em sua capelania, cabendo ao capelão militar à decisão sobre as atividades dos segmentos religiosos no âmbito de sua capelania, desde que aprovadas pelo comandante da OM. A legislação nacional para o exercício da capelania militar parte da Constituição Federal de 1988. O artigo 5º, inciso VII, diz que é “assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”. E a lei 6.923 (29/06/81), que foi alterada pela lei 7.672 (23/09/88) é que organizou o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas (Sarfa).

Os capelães militares que compõem o SAR serão “selecionados entre sacerdotes, ministros religiosos ou pastores, pertencentes a qualquer religião que não atente contra a disciplina, a moral e as leis em vigor”. No âmbito de cada força singular (Exército, Marinha e Aeronáutica) o quadro de capelães “atenderá a uma proporcionalidade entre os capelães das diversas regiões e as religiões professadas na respectiva força”.

O edital de seleção do Quadro de Capelães Militares (ESAEX) de 2011, publicado pelo Exército em 2010, prevê as condições físicas para candidatos de ambos os sexos, reconhecendo que o ingresso de homens e mulheres não pode sofrer restrições por razão de gênero. A seleção prevê formação mínima comprovada, prova de suficiência teológica e prática pastoral, além de teste físico e exame médico. Nos Estados da União, as Forças Auxiliares (Policia Militar e Corpo de Bombeiros), seguem basicamente os mesmos procedimentos, adaptando a seleção às suas necessidades específicas. A formação requerida pela legislação que trata da matéria é fornecida pelas instituições de preparo teológico dos segmentos religiosos representados no processo seletivo.

ORIENTAÇÕES PARA QUEM ALMEJA A CAPELANIA MILITAR

Primeiro é saber o que faz um capelão? (isso já vimos); mulher pode exercer função? Sim, já sabemos também e falaremos mais um pouco sobre a mulher nesse serviço. Vamos saber como atuar pelo Reino de Deus através desta atividade religiosa. No caso da capelania militar, temos inicialmente a exemplo do Exército Brasileiro, que as normas que regulam a programação e execução das atividades do capelão militar são aprovadas pelo Chefe do Departamento Geral do Pessoal (DGP), conforme a portaria 441, do Comandante do Exército (06/09/2001), com base no item 3 do artigo 2º do Regulamento do DGP (R156, aprovado pelo Decreto 78.724, de 12/11/1976).

Ele continua: “Por tais normas, o Serviço de Assistência Religiosa nas Capelanias Militares do Exército Brasileiro (SAREx) provê assistência religiosa e formação moral no âmbito do Exército

Brasileiro de modo padronizado, para proporcionar “maior eficácia à sua missão de evangelizar e de formar as consciências dos profissionais das Armas e seus familiares”. As normas também abrangem os dois campos de ação dos capelães militares, isto é, o interior das Organizações Militares (OM) e as Vilas Militares, orientando suas ações pelo respeito à liberdade religiosa.

A Legislação Nacional para o exercício da capelania militar parte da Constituição Federal de 1966. O artigo 5º, inciso VII, diz que é “assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”. E a lei 6.923 (29/6/81), com alterações pela lei 7.672 (23/9/88), é que a organizou o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas (Sarfa). Essa legislação determina que o “Serviço de Assistência Religiosa (SAR) tem por finalidade prestar assistência religiosa e espiritual aos militares, aos civis das organizações militares e à suas famílias (sempre com essa cobertura), bem como atender a encargos relacionados com as atividades de educação moral realizadas nas Forças Armadas”.

INGRESSO DE MULHERES COMO CAPELÃ MILITAR

O edital de seleção ao Quadro de Capelães Militares de 2011, publicado pelo Exército prevê as condições físicas para candidatos de ambos os sexos, reconhecendo que o ingresso de homens e mulheres não pode sofrer restrições por razão de gênero.

A seleção prevê formação mínima comprovada, prova de suficiência teológica e prática pastoral, além de teste físico e exame médico. Nos Estados da União, as Forças Auxiliares (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros) seguem basicamente os mesmos procedimentos, adaptando a seleção às suas necessidades específicas.

A formação requerida é fornecida pelas instituições de preparo teológico dos segmentos religiosos representados no processo seletivo. Estude a Lei nº 6.923 de 29 de junho de 1981, que dispõe sobre o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas.

MODULO XI

CAPELANIA CEMITERIAL

Quando morre alguém esse acontecimento mesmo indesejado e doloroso, nos traz uma grande oportunidade de fazer uma melhor reflexão:

- 1) Como está nossa vida para com o Senhor o nosso Deus?
- 2) Qual é a nossa real condição espiritual para enfrentar uma eternidade?
- 3) Em se tratando de um momento delicado, sofrido e muitas vezes

até mesmo desesperador, os Capelães tem por objetivos levar aos familiares e amigos da família uma palavra de consolo e conforto espiritual, mostrando aos presentes através da palavra de Deus, que nem sempre a morte é o fim. E que o nosso Deus em Cristo Jesus tem um propósito em tudo, conforme a sua Palavra; (João 14. 2,3).

Também sugestões para mensagens; cerimônia em casa, na igreja ou velório e o evangelismo nesta hora.

A Capelania com muita habilidade poderá realizar um excelente trabalho de evangelização: levando apoio com orações e consolo, aos entes queridos, familiares e amigos e convidados em geral. Pois o Capelão estará levando uma palavra de compadecimento, e conforto (Is 49:10; Fl 2:1; Cl 2:2; I Ts 4:18).

O capelão não deve impedir que familiares expressem a saudade, chorando, por exemplo, esse não é o nosso papel.

O Conforto de Deus

Podemos enfrentar as adversidades da vida, com mais forças quando nos entregamos ao Senhor Nosso Deus em Cristo Jesus e confiamos que Ele pode nos proporcionar uma força Divina para vencer (Fl. 4:13; Sl 30:11).

VISÃO PASTORAL DA CAPELANIA

Jesus era dominado por íntima compaixão pelos homens e amor pelos pecadores. Dentro da visão pastoral da capelania, Jesus nos mostra a sua visão como o bom Pastor quando ele disse: *"levantai-vos os vossos olhos e vedes as terras que já estão brancas para a ceifa"*. (Jo: 4-35).

Esta visão o impulsionava com olhar profético ele via as grandes possibilidades que seriam abertas pela mensagem do perdão de Deus. Ele estava certo, enquanto Ele falava muitos se aproximaram Dele por causa do testemunho da mulher samaritana, (Jo. 4. 39,40).

É nesta visão pastoral da capelania que é dado a continuidade e obediência a grande comissão de Cristo, delegada a sua Igreja conforme Ele mesmo disse: *"Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura"*. (Mc. 16.15).

Jesus, como excelente capelão, quando em um dos seus sermões da montanha, Ele demonstrou uma grande preocupação com as pessoas conforme está escrito: *"E vendo a multidão teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não tem pastor"*. (Mt: 9-36).

OBJETIVO GERAL DO CURSO DE CAPELANIA

O Curso de Capacitação para Auxiliar de Capelania Evangélica tem como objetivo geral treinar o cidadão evangélico, habilitando-os a:

- Assistência de caráter espiritual, e usando os padrões de avaliação dentro dos princípios bíblicos.
- Desenvolver habilidades nas áreas específicas, capacitação técnica e atuação do cidadão evangélico - cidadão dentro dos critérios de atendimento e padrões éticos no campo de aplicação prática da Capelania.
- Utilizar a Capelania de forma racional com uma visão espiritual, efetiva e compassiva, visando, primordialmente, o bem estar do indivíduo.
- Também oficializar esta atividade dentro das leis do nosso País. Entende-se que para tanto haja treinamento e capacitação do capelão para desenvolver suas habilidades dentro das áreas *Social* e *Religiosa* com qualidade.

CONCLUSÃO

O objetivo da capelania pastoral está verdadeiramente em Romanos I. 16 que diz: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”; falar da salvação levando consolo, conforto e atendimento aos sofredores transmitindo-lhes ensinamentos bíblicos para o crescimento em todas as áreas.

Concluimos enfatizando que CAPELANIA É:

- Assessória espiritual sem priorizar placa de igreja.
- Apoio espiritual e psicológico.
- Encorajar pessoas em situação de conflitos e dúvidas.
- Aconselhamento Bíblico.
- Ministras sobre todos os atributos de Deus.
- Levar encorajamento, palavra que amenize a dor e traga esperança.
- Ouvir.
- Demonstração de ajuda dos céus.
- Praticar o amor de Deus.
- Auxiliar pessoas a receberem amor e perdão incondicional de Deus.

PARTE 2 – ÊNFASE EM PSICOTEOLOGIA

Aconselhamento Pastoral

Parte 1

Introdução

Em nosso estudo sobre Psicologia encontra-se inseridas 3 matérias que fazem parte da área de relações humanas que são: Psicologia Geral,

Psicologia da Religião e Psicologia Pastoral. Sendo uma das definições básicas da Psicologia aquela que a define como: 'a ciência que estuda e descreve a mente humana, em qualquer de seus aspectos'. É imprescindível que a estudemos em um curso Teológico.

Duas outras definições básicas; igualmente denotam, a importância deste estudo da Psicologia por um estudante de Teologia. A Psicologia 'é a investigação sistemática dos fenômenos mentais, normalmente aqueles associados à consciência, ao comportamento e aos problemas enfrentados pelas pessoas para ajustarem-se ao seu meio ambiente, frequentemente hostis'. 'A Psicologia estuda o agregado das emoções, dos pendores e dos padrões de conduta que caracterizam um indivíduo ou um tipo de pessoa' .

Estas definições denotam, a importância do enfoque de uma Psicologia Experimental que, no nosso caso, é propriamente denominada Psicologia Pastoral. Nossa preocupação primordial será com a abordagem dessa Psicologia, na área ministerial do aconselhamento, sendo este quesito indispensável ao exercício do Santo Ministério. Ao lado do aspecto administrativo e funcional e, juntamente com as preocupações dos pormenores, na realização do seu trabalho, o Ministro sentirá renascer para uma nova e mais profunda dimensão do seu chamado.

Ao invés de trabalhar para o seu povo, trabalhará com ele e, em lugar de meramente tentar fornecer respostas, ajudará às pessoas a formularem as próprias perguntas. Ao invés de simplesmente indicar o caminho, caminhará juntamente com seu povo.

O Aconselhamento Pastoral.

Tarefa das mais sensíveis do Ministro de Deus, o qual desenvolve seu trabalho essencialmente com os membros da igreja, sendo uma das áreas de grande procura, aquela que diz respeito aos problemas conjugais. As tensões interpessoais, aliadas aos problemas sexuais dos jovens e casais da igreja, o desemprego, as finanças, a pobreza, a educação e tantos outros, são também parte de sua vida de conselheiro, o que dificilmente poderá evitar. Indubitavelmente, o seu serviço é ajudar as pessoas a crescer para descobrirem suas possibilidades, levando-as a diluírem as barreiras íntimas que as impedem de se relacionar com os outros.

deve o conselheiro respeitar a integridade dos membros de sua igreja, que em sua simplicidade buscam o socorro de seu orientador. Nem todos, certamente, precisarão de aconselhamento pastoral numa igreja, mas os que os buscam, deverão ser animados e fortalecidos em sua fé. A maturidade espiritual do conselheiro far-lhe-á escutar com grande responsabilidade os problemas dos aflitos, porque o seu papel é

o de ouvir, orientar, informar e transmitir ânimo ao aconselhado. O conselheiro deve dar condições para que a pessoa possa se expressar, pois, deste modo, perceberá o aconselhado, que o ministro está interessado em lhe ajudar. Ouvir mais e falar menos não significam ficar impassível. Deve o conselheiro, no transcorrer do aconselhamento, fazer algumas perguntas ou mesmo adiantar algumas respostas que desperte e acentue no aconselhado a confiança neste.

A oração é essencial no aconselhamento cristão e o pastor aplicará sempre a Palavra de Deus em seus diálogos, embora se utilize, igualmente, de outros recursos com os quais deverá estar aparelhado ou preparado, a fim de poder ajudar àqueles que o procuram. É necessário conhecer a mentalidade das pessoas, que carecem de conselho. Se o pastor não puder determinar a causa e a natureza do nervosismo, não pode dar a menor orientação. Entendimento é essencial em todas as relações pastorais, especialmente em relações próximas com pessoas aflitas e perturbadas.

Conhecendo a Bíblia, o Pastor deve saber que nem todas as pessoas são igualmente culpadas pelas suas fraquezas e faltas. Muitas fraquezas pessoais, têm a sua origem nas influências do ambiente, da família e da sociedade, que contribuem para a formação da mentalidade. O Poder de Deus opera uma grande transformação na personalidade e no ambiente da igreja e contribui para o desenvolvimento do caráter cristão. Muitos cristãos, porém não se podem ambientar na vida da igreja sem o auxílio mais direto do pastor como conselheiro. Até os crentes mais fortes e bem ambientados, vitimados por circunstâncias, podem fracassar, se não recebem o socorro na hora exata.

Psicologia Pastoral e Poimênica.

Quanto mais o conselheiro mostra aos consulentes o que Deus exige deles, mais ajuda às pessoas recebem. Pôr para fora, aos poucos, o íntimo e comprometer-se com os padrões bíblicos de conduta - depois do arrependimento - geralmente produz alívio e outros bons resultados. Defrontar as pessoas e falar-lhes honestamente de questões que, para elas, venham a tomar vulto fora de proporção é importante atividade pastoral.

Poimênica é uma disciplina que trata da obra pastoral do ministro, a obra de apascentar o rebanho, aconselhando à luz da Palavra de Deus. Nessa disciplina estuda-se a teoria do aconselhamento pastoral. A Bíblia traz diversos exemplos de aconselhamento, devido à gente carregada de problemas pessoais que permeiam suas páginas. Se Tiago ensina que a conduta pecaminosa de uma pessoa é, às vezes, responsável por enfermidades físicas, que dizer da possibilidade de

semelhante responsabilidade por doenças mentais? Tiago levanta a questão do pastor confrontar-se com os doentes mentais, assim chamados, parecendo dizer que, pelo menos, se devia pedir aos pacientes que ponderassem sobre se algumas de suas dificuldades não poderiam ter brotado do pecado. Não estaria ele falando, explicitamente, de doença psicossomática?

O Problema do Pecado.

Encontraremos equívocos naqueles que tentam transferir sua responsabilidade, colocando a fonte de seu problema alcoólico ou sexual em fatores estruturais ou sociais, completamente fora de seu controle. A palavra de Deus afirma que a fonte desses problemas está na depravação da natureza humana decaída. E, assim, perguntamos: não estaríamos cometendo o mesmo erro na classificação de outros problemas como a depressão, ou as neuroses, ou até mesmo as psicoses como doenças?

O Dr. Jay E. Adams passou bom tempo dirigindo terapia de grupo em duas casas de saúde mental, uma delas em Kankakee e a outra em Galesburg, ambas no Estado de Illinois (EUA), ali constatou que a grande maioria dos que enchem as instituições de tratamento mental, sofrem de distúrbios orgânicos devido um sentimento de culpa ou não conseguiam se livrar de rancores a ponto de causar fissuras cerebrais. Estavam ali, porque haviam fracassado em enfrentar os problemas da vida, mantinham inalterado o seu perdão, seu comportamento pecaminoso. Nas sessões de aconselhamento descobriu, e isto numa espantosa série de confirmações consistentes, que os principais problemas tinham sido fabricados por eles mesmos. Uns haviam assinado e passado cheques sem fundos, outros estavam enredados nas conseqüências de suas práticas imorais, outros tinham, feito declarações fraudulentas de seus rendimentos, e assim por diante. Muitos haviam fugido para o sanatório tentando escapar das conseqüências de erros cometidos. Bom número desses "pacientes" havia procurado evitar a responsabilidade de decisões difíceis. Constatou, também, evidências de dramática recuperação, quando as pessoas endireitaram essas coisas.

Assim, muitos dos chamados "doentes mentais" podem ser ajudados pela ministração da Palavra de Deus. Aceitando a Bíblia como inerrante padrão de toda fé e prática. Constituem as Escrituras a base e os critérios para emissão de todo juízo. É mister considerarmos que as interpretações e aplicações bíblicas pessoais do conselheiro não são infalíveis e o mesmo não deverá desconsiderar a ciência, mas dar-lhe a devida acolhida, como útil acessório, para ser usada, apenas por aqueles que são especialistas.

Espírito Santo e o Aconselhamento. Os conselheiros não cristãos, desconhecem o Espírito Santo e, por isso, ignoram Sua atividade aconselhadora e deixam de recorrer a Ele em busca de direção e poder.

O aconselhamento cristão precisa ser levado a efeito em harmonia com a regeneradora e santificadora obra do Espírito. Toda a santidade flui de Sua atividade nas vidas humanas. Todos os traços da personalidade, que poderiam ser expostos diante dos consulentes como alvos fundamentais para o crescimento (amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio) são por Deus apresentados como fruto (isto é, resultado da obra) do Espírito. É inútil tentar gerar tal fruto ou qualidades independentemente do Espírito Santo, como os conselheiros não cristãos tentam fazer. Deixar de lado a obra do Espírito Santo equivale a negar a depravação humana e afirmar sua pretensa bondade inata. Assim fazendo, deixa-se para o consulente nada mais do que uma casca de justiça legalista, baseada nas obras, o que levará, invariavelmente, ao desespero, visto ser despida da vida e do poder do Espírito.

Como age o Espírito Santo.

O Espírito Santo realiza Sua obra caracterológica na vida dos crentes através da graça, pela Palavra, oração, comunhão do povo de Deus. Principais veículos pelos quais efetua mudanças que o aconselhamento isolado não pode produzir.

A metodologia, a técnica, a habilidade e o exercício dos dons são consoantes com a obra do Espírito. O que faz a diferença é a atitude e a motivação interior do indivíduo: ou ele age confiado em seus próprios esforços, na dependência tão somente de métodos e técnicas, ou reconhece sua incapacidade e roga ao Espírito Santo que utilize os seus dons e métodos!

Os dons, a metodologia e a técnica podem, naturalmente, ser utilizados em completa sujeição a glória de Deus para o benefício de Seus filhos, nunca, porém, como pretensos substitutos de Sua obra!

Doenças Mentais.

Um crescente número de autoridades vêm se opondo ao conceito de 'doença mental', o qual tem sido empregado, por vezes, de maneira completamente ambígua. Disfunções orgânicas nocivas ao cérebro, causadas por lesões cerebrais, tumores, herança genética, desordens glandulares e químicas recebem a denominação de doenças mentais. Porém, ao mesmo tempo, numerosos outros problemas humanos têm sido assim classificados, sendo que nada evidencia que tenham sido causados por qualquer enfermidade ou doença.

Doenças físicas podem ter causas não orgânicas. A ansiedade, pode

provocar úlceras, o medo pode levar à paralisia. Estes males resultantes, são comumente chamados de doenças psicossomáticas, problemas genuinamente somáticos (do corpo), que constituem o resultado direto de alguma dificuldade psíquica interna. Temos, porém, de fazer distinção entre doença causada pela tensão psicológica e doença como a causa da tensão psicológica.

O uso da camuflagem.

O problema dos 'mentalmente enfermos' é autogênico: está neles mesmos. O homem ímpio nasce em pecado, desencaminha-se desde a sua concepção... 'proferindo mentiras (Sl. 58.3) e, naturalmente, experimentará várias evasivas pecaminosas, tentando evitar encarar seu pecado. Exceto as dificuldades produzidas por fator orgânico, os mentalmente enfermos são, na verdade, indivíduos com problemas pessoais não resolvidos. Muita conduta excêntrica deve ser interpretada como camuflagem usada para distrair a atenção da conduta que doutro modo seria considerada má. Um comportamento excêntrico anterior foi positivamente compensado ao desviar a atenção para longe da má conduta de uma pessoa. Comportamento extravagante desse tipo deve ser interpretado (como toda conduta pecaminosa) como produto de um coração enganoso (Jr. 17.9).

Em sucessivas ocasiões o cliente voltou a tentar esconder-se atrás de ações excêntricas e que muitas vezes essa manha funcionava. Formou-se um padrão modelador desse tipo de ação. A conduta excêntrica tornou-se, então, o meio natural (habitual) ao qual o cliente recorre toda vez que peca. Embora esse comportamento muitas vezes alcance êxito no começo, não continua a funcionar bem como no princípio, quando se passa da infância para a adolescência, e, é mais difícil oculta-se. Ao invés de mudar, o indivíduo dominado por esse hábito fará esforços para continuar recorrendo ao comportamento excêntrico como uma solução, porém, fracassos repetidos em suas recentes tentativas o forçam a mudar em algum coisa. Todavia, o que ele modifica não é a natureza de sua reação, e sim a sua intensidade. Desse modo, a fim de continuar acobertando sua conduta, suas ações vão se tornando cada vez mais excêntricas. Se não se rompe o padrão, sua conduta poderá vir a tornar-se tão errada que a sociedade, afinal, o segregará, mantendo-o numa instituição. Dessa maneira, o comportamento pode tornar-se completamente inaceitável em brevíssimo tempo. O consultante descobre que esse comportamento, mesmo quando o oculta, livrando-se de ser desmascarado, não tem verdadeiro sucesso. Conforme suas ações vão se tornando mais excêntricas, ele percebe que sua conduta tende a isolá-lo. Rompem-se os seus contatos sociais, e a sociedade, da qual ele tanto necessita, afasta-se dele, como ele esconde-se dela. Ele sabe que sua vida é uma

mentira e a sua consciência prepara reações psicossomáticas dolorosas. Assim, por último, vem a ser uma pessoa, exteriormente isolada e alienada das demais, interiormente dividida em pedaços.

Como lidar com a camuflagem.

Os conselheiros devem ter em mente que, sempre que os consulentes usam camuflagem, sempre que se ocultam para evitar que sejam descobertos, sempre que fingem estar enfermos quando não estão, tratados como doentes e os tornam piores. Agir como se eles pudessem ser desculpados por sua condição é a coisa mais cruel que se lhes pode fazer. Tal abordagem serve apenas para complicar o problema.

A atitude de não exercer julgamento não é misericordiosa. Considerar esses consulentes como vítimas de sua consciência, em vez de seus violadores, considerar sua conduta como neutra ou não censurável, somente amplia sua mentira e aumenta a causa de sua culpa.

Com freqüência, há pessoas que vêm em busca de aconselhamento, prontas para representar seus pequenos atos cênicos, para agir segundo os seus esquemas. As mulheres podem trazer suas bolsas cheias de lençinhos. Homens podem vir com os nervos por um fio, a ponto de eclodirem em cólera. O conselheiro cristão, porém, considera esse modo de agir anômalo, como uma oportunidade para prestar ajuda. Ele chama a atenção para o presente comportamento de defronta o cliente, não só acerca de seus outros problemas, como também sobre o próprio modo como ele está manejando a situação do aconselhamento. Quando levam o indivíduo a reconhecer esses esquemas de evasão, os conselheiros devem empenhar-se em corrigir tal conduta para o bem dele. Devem expor-lhe os princípios envolvidos, darem instruções à luz da Bíblia, bem como ajudá-lo a entender de que modo esses próprios esquemas de fuga desempenham seu papel neste processo.

O Conselheiro não está somente em busca de informação. Sua avaliação leva em conta as emoções e as ações; a conduta global é que constitui seu interesse. Quando os sentimentos são usados como cobertura, o conselheiro tenta retificar essa conduta, bem como o comportamento problemático oculto com a camuflagem.

A Homossexualidade.

Muitos casos de homossexualismo mostram esquema de desenvolvimento semelhante à camuflagem. Muito antes de desenvolver-se um esquema fixo, e uma vez tornado um hábito, o homossexualismo torna-se um modo de vida. O hábito pode ficar tão firmemente estabelecido que a homossexualidade, a princípio, parece

consistir num problema genético. Mas não há razão para entender-se a homossexualidade como uma condição genética. À luz das escrituras, a prática homossexual é um pecado.

Em Rm. 1;26, o apóstolo Paulo declara que o homossexualismo é páraphysin ('contra a natureza'), e, no v. 27, chama-o de 'erro'. A Bíblia indica uma solução dada por Deus ao problema do desejo sexual (I Co. 7;9). O casamento é a resposta de Deus à imoralidade (I Co. 7;2).

Em geral o homossexual desenvolve noção grosseiramente torcida do sexo e de outras relações interpessoais. Ele acha, que pode levar vida dupla e, desse modo, carrega um pesado fardo de temor e culpa. A mentira faz parte do padrão homossexual. Quem quer que leve vida dupla, geralmente vira um mentiroso contumaz. É difícil acreditar-se no que ele diz, porquanto faz promessas que não cumpre. Os conselheiros encontrarão deste modo, uma fonte particular de frustração. pois deverão confrontá-lo também sobre padrões de falsidade.

ADENOCROMIA OU ESQUIZOFRENIA.

Osmund e hoffer propuseram uma teoria baseada na idéia de que em certas pessoas a percepção sofre distorção causada por alguma disfunção química. Quando se forma o adrenocromo no corpo, imediatamente dá lugar a outros elementos químicos. Segundo eles, em algumas pessoas, o adrenocromo conserva sua integridade muito tempo antes de dissolver-se, e isso ocasiona dificuldades perceptuais. Por ambos os motivos, há quem experimente anormalidades químicas que resultam em distorções perceptuais que, por seu turno, levam a um comportamento que os outros interpretam como excêntrico.

ACONSELHAMENTO NOUTÉTICO.

As palavras nouthesía e nouthetéó são as formas nominal e verbal do Novo Testamento, das quais se origina o termo 'nouthético' (nouthésis, no grego clássico). O Novo Testamento indica que todos os cristãos, e não apenas os pastores, devem ocupar-se no ensino e confrontar-se mutuamente, de maneira nouthética (Cl. 3;16, Rm. 15;14), porém, a atividade nouthética caracteriza-se principalmente como parte integrante do ministério pastoral (Cl. 1;28). Ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo descreve, em At. 20;21, a atividade que desenvolvera enquanto estivera com eles, e os exortou a continuarem a mesma obra entre o povo.

Paulo foi um missionário, porém, onde quer que se demorasse mais um pouco, atirava-se à sólida obra pastoral necessária para a edificação das pessoas na fé, sendo a atividade noutética parte proeminente dessa obra, razão porque suas cartas estão salpicadas de nomes de pessoas

específicas, com as quais se envolveramui intimamente. Ele não se limitava a pregar nas praças, mas lidava com as pessoas como indivíduos, grupos e famílias, confrontando-as noutéticamente. Nas traduções bíblicas tradicionais, ora encontramos nouthéteis traduzido por 'admoestar', 'exortar' ou 'ensinar'. , porém, nenhuma palavra em Português comunica o pleno sentido do vocábulo grego. Existem três elementos da confrontação noutética, que veremos a seguir.

Em conjunção com didásko.

Didásko diz respeito ao ensinar. Em Cl. 3;16 e outros textos, contudo, vai além do conceito do ensino. A confrontação noutética sempre envolve um problema e pressupõe um obstáculo que tem que ser vencido. A palavra didásko não envolve, necessariamente, um problema. Sugere simplesmente, a comunicação de informes (ensino). Não inclui coisa alguma que diga respeito ao ouvinte, mas se refere exclusivamente à atividade do instrutor. A pessoa que está sendo ensinada pode estar ansiosa ou não por receber a instrução. Pode ter gastado razoável quantia ou ter percorrido longas distâncias para recebê-la ou então pode reagir como típico aluno recalcitrante.

A Noutese localiza aquele que faz a confrontação e aquele que a sofre, pressupondo, especificamente, a necessidade que se verifique mudança na pessoa confrontada, a qual pode opor ou não alguma resistência. A idéia de alguma coisa errada, algum pecado, alguma obstrução, algum problema, alguma dificuldade, alguma necessidade que precise ser reconhecida e tratada, é uma idéia fundamental. O propósito básico da confrontação noutética é o de efetuar mudança de conduta e de personalidade.

Em conjunção com a palavra.

O segundo elemento inerente ao conceito de confrontação noutética é que os problemas são resolvidos por meios verbais. É o treinamento mediante a palavra de encorajamento, quando isso basta, ou de admoestação, de reprovação, de censura, quando estas se fazem necessárias. Assim, ao conceito de noutese deve-se acrescentar a dimensão adicional da confrontação verbal pessoa a pessoa, cujo objetivo é realizar mudança de comportamentos e de caráter no consulente. No seu uso cristão, visa pôr em ordem o indivíduo, mediante a mudança de seus esquemas de conduta, de modo que estes se enquadrem nos padrões bíblicos.

A mudança de personalidade, segundo as Escrituras, envolve confissão, arrependimento e o desenvolvimento de novos padrões de conduta. Tudo entendido como obra do Espírito Santo, pois tudo o que constitui esse ministério é por Ele tornado eficaz. [exemplos bíblicos específicos:

II Sm. 11; Jó 21; I Sm. 3:13; I Sm. 2:22]. Os métodos comuns de aconselhamento recomendam longas excursões retrospectivas rumo às confusões dos porquês e para-ques da consulta. O aconselhamento noutético aplica-se intensamente à discussão do o quê. O que foi feito? O que precisa ser feito para corrigi-lo? O que deverá constituir as futuras reações e respostas? A ênfase é no o quê, visto que já se sabe o 'porquê', antes de iniciar-se o aconselhamento. A razão pela qual as pessoas se envolvem em problemas em suas relações com Deus e com o próximo está em sua natureza pecaminosa.

Em conjunção com o benefício ou a ajuda.

O propósito ou motivo subjacente à atividade noutética é que sempre se tem em mente que a correção verbal visa beneficiar o interessado (I Co 4:14; Ef 6:4; Cl 3:21; II Ts 3:15). Esse terceiro elemento implica em mudar aquilo que, na vida do consulente, o está ferindo. A meta deve ser a de enfrentar diretamente os obstáculos e vencê-los verbalmente, não com o fim de puni-lo, mas sim o de ajudá-lo. A idéia de castigo, mesmo o de cunho disciplinar, não é contemplada no conceito de confrontação noutética. A Noutétese é motivada pelo amor e profundo interesse, sendo que os consulentes são aconselhados e corrigidos por meios verbais para seu bem. O objetivo final é que Deus seja glorificado.

FRACASSOS E SUCESSOS NO ACONSELHAMENTO.

Quando o aconselhamento não dá certo, os Conselheiros devem primeiro perguntar: 'Quem falhou?' 'O conselheiro ou o consulente?'. Em Lc. 18:18-30, narra-se um aconselhamento frustrado, mas é claro que por culpa do consulente, não do Conselheiro, que era o próprio Cristo. O jovem rico e aristocrático falhou, quando Jesus o confortou nouteticamente e pôs o dedo na dolorosa mancha de sua vida. Cristo sugeriu-lhe a ação que evidencia a sinceridade do seu desejo de servir e amar a Deus, porém a reação do consulente demonstrou que seu apego aos mandamentos era superficial. A Bíblia diz que ele 'se retirou triste' porque possuía muitos bens. O fracasso nesse caso e no da multidão que seguia a Cristo e depois deixou de acompanhá-lo é fracasso da pessoa interessada.

Razões do fracasso no aconselhamento.

às vezes, os conselheiros ficam tomados de demasiada simpatia pelas queixas e escusas do consulente. Quando um deles conta uma estória digna de dó, o conselheiro é tentado a achar que, de fato, se trata de algo especial. Se o conselheiro acaba concordando que sob aquelas circunstâncias o consulente não era responsável por suas ações, fica bem pouca coisa que se possa ainda fazer. Os conselheiros erram quando se deixam levar por excessiva simpatia pelas escusas e não

responsabilizam os clientes por seu comportamento, embora não errem quando se encham de verdadeira simpatia por eles. Talvez à primeira atitude se possa chamar de simpatia e à segunda atitude, empatia. Quando os conselheiros ficam de "coração mole", agem sem real misericórdia para com os consultantes. A atitude mais bondosa (empática) consiste em falar a verdade, ajudar o consulente a enfrentar o seu pecado pessoal e encorajá-lo a fazer as mudanças necessárias. Outro erro é o de tirar conclusões apressadas. Ouvem muito pouco de uma estória ou apenas um lado da mesma, passando logo para as conclusões. Os conselheiros podem errar por exagerado envolvimento emocional, não no sentido próprio, mas no sentido de que podem permitir que suas emoções obscureçam a sua capacidade de julgar. Quando isso acontece, estão na mesma armadilha em que caíram seus clientes, tão emocionalmente envolvidos em seus problemas que não pensam mais direito, permitindo que os sentimentos governem as suas ações. Daí a importância do exame de sua própria vida e práticas de aconselhamento, à luz de qualquer erro que possam detectar em outros. Os clientes se constituem em fortes lembretes de erros e pecados humanos e, nesse sentido, estão entre os mais valiosos 'mestres' do conselheiro.

Qualificações para o aconselhamento.

O conselheiro cristão deve ser versado nas Escrituras. Essa é uma razão porque ministros bem preparados podem tornar-se excelentes conselheiros. Um bom curso de seminário, antes mesmo que o de uma escola de medicina ou de um grau acadêmico obtido em Psicologia Clínica é o mais adequado lastro para um conselheiro. O verdadeiro aconselhamento inclui a transmissão de informação. O Espírito Santo emprega conselheiros para endireitar as coisas erradas, pela aplicação da Palavra de Deus aos problemas humanos. Aqueles em quem 'habita ricamente a Palavra de Cristo' (Cl. 3:16), que conhecem o significado das Escrituras para sua vida pessoal, que são capazes de resolver bíblicamente os seus próprios problemas, estão qualificados para ajudar outros a fazê-lo.

Uma qualificação indispensável aos conselheiros é sabedoria. O exame de Pv. 1:1-7 mostra que três espécies de palavras foram empregadas. Essas palavras envolvem: 1) aprendizagem e conhecimento; 2) habilidade prática na aplicação dos princípios gerais e situações concretas e, 3) conduta com orientação factual-moral. Sabedoria é, pois, o uso hábil da verdade divina, para a glória de Deus.

Sucessos no aconselhamento e Aplicações pastorais.

A maioria da clientela do conselheiro cristão virá de consultas anteriores, alguns como resultado de alocações feitas nas igrejas, ou

pelos meios de comunicação. Porém, as pessoas ajudadas pelo aconselhamento contam o fato aos parentes e amigos que também têm problemas. 'O freguês satisfeito é a melhor propaganda'. Os pastores verão que tão logo ganhem êxito como conselheiros, a informação circulará na Igreja e na comunidade. Poderá chegar a ponto de ter mais solicitações de aconselhamento do que poderá atender.

Os princípios do aconselhamento cristão não só farão dele um conselheiro eficaz, como também o capacitarão a prestar ajuda a um maior número de pessoas, resultando disso no desempenho de um ministério que se expande e se amplia crescentemente. Um pastor que se interessa nouteticamente pelas pessoas, procura o benefício delas para a Glória de Deus. Daí, ele não fica com rodeios nem dá margem a discussões. Trata de ser específico quanto aos problemas pessoais e tenta corrigi-los honestamente. Seu público alvo se dará conta de que ele está preocupado com as questões que valem a pena, e não com pontos secundários. Será tido como homem de coragem. Como não se acomoda ao status quo, alguns poderão se ofender, porém a maioria receberá grande ajuda da parte dele e, quase todos, concordem com ele ou não, o respeitarão.

ACONSELHAMENTO E EVANGELIZAÇÃO.

Qualquer aconselhamento que pretenda qualificar-se de cristão terá certamente de ser evangelístico. O que Deus fez pelo pecador condiciona o que o conselheiro faz. O modo como o apóstolo Paulo procedeu no Livro de Romanos, propicia-nos clara orientação. Ele demonstrou a todos (judeus e gentios) que eles tinham caído em pecado, depois refutou as idéias falsas de redenção pelo esforço em guardar a lei e estabeleceu a verdade da justificação somente pela fé, fazendo, ainda, exortações à santidade pessoal.

Questões tais como lei e amor, responsabilidade e irresponsabilidade, relação e alienação, culpa e perdão, céu e inferno, compõem o conteúdo do aconselhamento. Deus levou o pecado a sério, a tal ponto de enviar Seu Filho para morrer pelos pecadores. O homem pecou e necessita do Salvador. Nada menos que a morte para o passado e a ressurreição para um novo modo de vida pode realmente resolver o problema humano. Em um correto conceito de aconselhamento deve estar profundamente embutida a premissa de que o homem não pode receber ajuda em qualquer sentido fundamental a não ser do Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A dimensão do pecado.

O universo inteiro entrou num estado de corrupção. A criação geme como uma mulher com dores de parto. O homem está incluído como parte dessa criação que geme, e sua grande infelicidade, que se deve à

existência do pecado, faz parte do problema no aconselhamento. É preciso que os conselheiros atentem para essa fundamental dimensão da culpa, pois o homem nasce culpado diante de Deus. A transgressão de cada ser humano leva cada indivíduo à transgressão atual de fato. Essas atuais transgressões trazem mais infelicidade à sua alma.

devem eles apregoar as boas novas de que Cristo Jesus morreu na cruz em lugar do homem, assumindo a culpa e pagando a pena por seus pecados. Morreu para que todo aquele que o Pai lhe deu venha a Ele e tenha a vida eterna.

Como evangelizar no aconselhamento.

Um bom ponto de partida é o próprio ministério de Jesus Cristo que, como conselheiro confortava diariamente os homens. Ele mostra como a cura do corpo e a solução de dificuldades e problemas humanos podem combinar-se com a evangelização. 'levanta-te, toma o teu leito e anda'... - e - 'Teus pecados serão perdoados', são dois conceitos que marcham lado a lado no Ministério de Jesus Cristo. A primeira afirmação feita por um conselheiro a um incrédulo não será, à primeira vista, 'creia no Evangelho', pois muitos consulentes não estão diretamente prontos para ouvir isto. Quando alguém está correndo, primeiro é preciso que o pare, antes de falarmos a ele. Embora alguns estejam correndo de Deus, muitos estão, no fundo, querendo correr para Deus. Os conselheiros devem falar das necessidades humanas, do pecado e suas conseqüências.

Explicarão a alienação resultante da conduta pecaminosa e mostrarão como o erro de não seguir as Escrituras, o desrespeito a Deus e os modos pecaminosos de viver trouxeram desgraça ao homem. Depois, nesse contexto, apresentam o Evangelho.

A dimensão divina da santificação.

No aconselhamento cristão são aplicados os meios de santificação, cujo requisito básico é a presença do Espírito Santo na vida da pessoa regenerada. Em Cl. 2 e Ef. 4, o apóstolo Paulo salienta isto, em sua discussão sobre o novo homem e a renovação da Imago Dei. A meta do aconselhamento é a restauração desta imagem. Ela é atingida quando o consulente deixa os padrões de sua vida pecaminosa anterior e cresce rumo à estatura de Cristo (Ef. 4:13). O Espírito Santo capacita-o a começar a despir o velho homem de seus antigos padrões de vida e vestir a do novo homem com seus novos padrões - que são os das Escrituras.

A possibilidade de mudança.

A personalidade pode ser mudada no decurso da história. Deus tem mudado pessoas: Jacó > Israel; Simão > Pedro; Saulo > Paulo. Embora

difícil à mudança de estilos de hábito, contudo, não é impossível. Os Conselheiros regularmente vêem alterar-se padrões de 30 a 40 anos de duração. O que é aprendido pode ser desaprendido. A Palavra de Deus muda as pessoas, muda seu modo de pensar, muda suas decisões e muda sua conduta. As Escrituras em todo lugar prevêm mudança. O Espírito Santo é o Espírito de mudança. Sua atividade é, em toda parte, representada como a dinâmica e o poder que proporcionam as mudanças de personalidade no povo de Deus. Onde quer que se manifeste a atividade do Espírito Santo, as pessoas são transformadas, há crescimento (II Pe. 3:18). Onde há vida, há crescimento e crescimento significa mudança, a qual é difícil de ser aceita por muitas pessoas, porque significa fazer algo novo, incomum, permutar velhos esquemas de hábitos por outros novos. As pessoas temem o desconhecido e relutam em lançar-se à aventuras. Para o cristão, porém, a mudança deve ser emocionante, ao invés de ameaçadora. O futuro só é novo naquilo que não foi experimentado ainda, não é desconhecido para Deus. Cristo é o pioneiro da fé, característica do cristão, Seu Autor e Consumador. Ele sabe as coisas acerca de nossas vidas, provou o pior que esta vida tem a oferecer, tudo que a morte contém e agora está vitorioso do outro lado da vida e da morte, na glória eterna. O Salvador deixou, assim, diante do cristão, o caminho aberto.

LIBERTAÇÃO DOS PROBLEMAS DA ALMA.

Temos em comum com os animais alma e corpo. Assim verificamos que temos duas mentes que se unem intimamente, a da alma, 'piquê' e a do espírito, 'pneuma', cuja divisão só é penetrada pela Palavra de Deus movida pelo Espírito Santo. "A Palavra de Deus ... penetra até a divisão da alma e do espírito"... Hb. 4.12. Nesta situação, de certa forma, tudo o que diz respeito ao mundo exterior, físico, tem a ver com a alma, provocando-lhe pensamentos e decisões. O homem natural age somente em função da alma, que subjuga o seu espírito, o qual está morto espiritualmente, isto é, separado de Deus e sufocado por todos os pecados do inconsciente, tendo todo registro religioso dos seus antepassados até Adão, como se pode verificar nos loucos, através do inconsciente, sede da espiritualidade. Estando o consciente desagregado, o inconsciente se exterioriza. Em relação ao novo nascimento, o espírito do salvo é novo (II Co. 5.17), mas carece de crescimento espiritual. Está ligado à alma, cuja mente, embora remexida e condicionada pelo espírito, no decorrer do tempo, por descuido no crescimento e na graça do Senhor, pode revelar muitas mazelas, oriundas de traumas. Comportamentos mentais, provocam sofrimentos e podem influenciar o meio social em que vivemos, inclusive, infelizmente, na igreja (obsessão pelo dinheiro, comodismo,

trabalho, esporte etc).

Herdamos até mesmo comportamentos mentais das almas de nossos pais, como, e, certos hábitos alimentares, costumes, atitudes em face de problemas da vida, inclusive no lar, etc, que são comportamentos de origem genética. Desvios na educação dos filhos podem trazer traumas sérios como: complexo de inferioridade, fixação de idéias negativas etc, que devem ser curadas. Quanto às doenças, é preciso discernir as espirituais das naturais

Agentes causadores de doenças

a) Físicos - RX, Luz solar provocando câncer, etc.

b) Químico-Alcatrão (produz câncer), nicotina (cerca de 30 doenças, produtos cáusticos, álcool, agrotóxicos, etc.

c) Animados - bactérias (estreptococos, estafilococo s etc), vírus, vibriões, vermes.

d) Genéticos - genes imperfeitos reproduzindo genes imperfeitos responsáveis por órgãos (cérebro, fígado, coração, etc), formação tecidos da pele (células epiteliais) e das mucosas, etc, determinando quadros de doenças, tais como: hemofilia, idiotia (retardamento mental), cegueira, cardiopatias, glaucomas, hipertensão arterial, alergias, etc, ensejando doenças mentais como a esquizofrenia.

Além das causas citadas, temos as doenças advindas da quebra das leis naturais. Uma pessoa num quadro de gripe muito forte, com exposição ao frio e chuva, enseja contrair pneumonia, comer exageradamente, ingerir dietas carentes de sais minerais e vitaminas, etc, igualmente causam doenças. Deve-se fazer pesquisa prévia sobre as doenças que incidem na família, não partir indiscriminadamente para uma atitude de intuição.

COMO PROCEDER NO ACONSELHAMENTO PASTORAL.

Condição básica do aconselhamento pastoral eficaz é o senso de responsabilidade entre duas pessoas em relacionamento. Da parte do pastor, deve haver reconhecimento de seu dever para com aquele que está solicitando ajuda. Ele deve ser honesto consigo mesmo, como também com o consulente. De parte do cliente, deve haver o senso de responsabilidade pela iniciativa da sua solicitação e pelas conseqüências de sua busca. Na interação do aconselhamento, ele deve estar aberto para o seu verdadeiro ego e pronto a assumir a sua carga na terapia pessoal. Quando o aconselhamento percebe que está sendo acolhido pelo aconselhador de maneira positiva, como indivíduo de algum valor, considerar-se-à uma pessoa passível de melhoria, passível de crescimento. No entanto, é importante distinguir entre "aceitação" e "aprovação". É imprescindível que o indivíduo seja aceito como

realmente é - a sua aparência, a sua conduta, o que diz e o que o seu problema possa ser. Se ele sentir que está sendo rejeitado, posto de quarentena, não haverá verdadeira comunicação. Ele precisa sentir que o conselheiro está mais interessado nele, do que no seu problema. Quando perceber isto, revelará a sua própria pessoa, bem como o seu problema. Ele não espera que o aconselhador aprove o seu proceder e as suas fraquezas, mas espera ser bem recebido, como pessoa que é diferente. Aprovar o seu procedimento, na mínima deficiência que possa revelar, somente servirá para desiludir as suas

expectativas. Em geral, o aconselhamento pastoral é feito no gabinete pastoral, esteja ele situado na igreja, na casa pastoral ou no escritório.

Os recursos religiosos, como a oração, a confissão e o perdão, estão disponíveis. A obra da Igreja é a de libertar os homens em todas as esferas da vida, e resolver qualquer conflito que impeça a realização de uma vida plena e feliz. Em síntese, o aconselhamento pastoral compreende:

1) Auxílio ao indivíduo para que alcance o conhecimento e a aceitação de si mesmo.

2) Auxílio ao indivíduo para análise dos rumos de ação alternativos.

3) Oferecimento de oportunidades de escolha de um modo de proceder que seja viável.

4) Proporcionar situação na qual tome iniciativas e aceite a responsabilidade pela alma.

PRINCÍPIOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL.

Qualquer teoria ou função repousa sobre princípios. A função do aconselhamento pastoral repousa sobre os princípios básicos da psicologia interpessoal, uma vez que ela trata do comportamento humano em interação. Esses princípios servem de guias para orientar o ministro na realização de um aconselhamento mais eficaz.

A pessoa é o centro.

Quando o consultante vem em busca de auxílio e apresenta o seu "problema", na realidade está se apresentando a si mesmo. O seu problema é aquilo que representa sua própria necessidade pessoal. Ele está preocupado consigo mesmo na sua qualidade de ser humano. Ele não pode dizer isto nestas mesmas palavras, contudo, estará dizendo por meio de seus temores, frustrações, dúvidas e ansiedades, que traz ao pastor. Este poderá dar uma resposta correta a uma pergunta sobre as Escrituras ou a uma incerteza teológica ou doutrinária, apoiá-la com referências bíblicas e de obras clássicas da literatura teológicas, contudo, não terá ajudado, de fato, a pessoa interessada. Pode

acontecer que o pastor, como conselheiro, não pare um pouco para considerar a razão de uma determinada pergunta. Com um pouco mais de meditação, perceberia que esta pessoa está se debatendo em um labirinto de conflitos espirituais. Estas perguntas que tão corretamente respondera não eram mais do que mendicância de pão espiritual por parte do cliente e, em vez de dar-lhe pão, o conselheiro lhe dera uma pedra.

Por outro lado, é importante que o pastor veja a pessoa como ela é na realidade e não como melhor ou pior. Um perigo muito comum é do pastor abordar o indivíduo no nível em que deseja que ele esteja. Uma das coisas mais difíceis para um pastor é aceitar o fato de que algumas pessoas não são tão boas como ele pensa que são. Isto é especialmente assim, quando se trata de suas próprias ovelhas. Quando um dos seus mais proeminentes leigos (ou mesmo oficiais) o que procura em busca de ajuda e, durante o processo, revela atitudes e condutas que, durante largo tempo, têm estado ocultos e mesmo insuspeitados, o pastor sente-se tomado de dolorosa revolta contra a queda do conceito que antes possuía daquela pessoa. Porém, se pretende ser alguma valia para este crente "caído", deverá olhá-lo como ele é de fato, e não sobre ou subestimá-lo. Este foi o caso de Jesus e a mulher samaritana, junto ao Poço de Jacó.

Aconselhamento e empatia.

Outro termo que requer compreensão, no aconselhamento pastoral é "empatia". Para haver um relacionamento terapêutico, é preciso haver este exercício de empatia. Jung refere-se à empatia como uma influência que produz transformações em ambas as pessoas, da mesma maneira que dois produtos químicos, reagindo um com o outro, ambos são transformados.

A compreensão empática é uma extensão do indivíduo dentro da vida de outrem e, para ser eficaz, tem de ser genuíno. Isto pode ser feito somente quando a função crítica do conselheiro é posta de lado. Isto equivale a dizer que ele não pode ser empático enquanto estiver considerando o aconselhamento de maneira objetivo e externa, como se estivesse do lado oposto de um balcão.

De igual modo, o cliente não pode ser tratado, levianamente, como se fosse uma criança. Isso acontece quando a pessoa que está buscando ajuda percebe no conselheiro uma atitude de quem está fazendo alguma coisa para ele. O cliente não veio mendigar uma simples esmola. Ele tem os seus próprios recursos, embora necessite de ajuda para utiliza-los, e sente-se insultado, quando as suas reservas psicológicas são sumariamente ignoradas. As reações do pastor determinarão o quanto de tolerância o consultante sentirá. Se o pastor

ou conselheiro mostrar-se chocado em ouvir linguagem obscena, revelações de desregramentos sexuais, intenções de divórcio ou negação da existência de Deus, provavelmente não terá ocasião de tratar da raiz do

problema que está sendo apresentado. O conselheiro necessitará ajudar o aconselhando até o ponto de clarificar várias alternativas. É especialmente neste ponto que o papel do pastor não pode nem ser negado, nem contraditado; quando uma pessoa o procura em busca de auxílio, é na pressuposição de que o pastor representa uma autoridade superior. E falhar em transmitir ao menos a essência primária da autoridade divina, colocará o pastor no perigo de isolar-se de sua ovelha. Não deverá coagir, mas dar direção, variando o grau de orientação a ser dado.

Aconselhamento e respeito.

Uma das razões porque muitos não procuram aconselhar-se é o medo de perderem o respeito, tanto do próprio pastor quanto de outros que têm conhecimento de que o aconselhamento está sendo efetuado. O cliente que veio em busca da ajuda do pastor é, na verdade, uma pessoa. Ele é um centro de experiências exclusivas. Está relacionado com o mesmo mundo, a mesma comunidade e as mesmas forças sócio-econômicas, da mesma maneira que aquele a quem está solicitando ajuda.

Ele pode estar, em termos de vocação, educação e posição, em um nível inferior ou superior

ao do pastor, mas o nível para a comunicação de respeito é ainda o mesmo. O respeitar uma pessoa sugere uma certa suscetibilidade nas relações. Antes que a porta se abra para dar entrada a uma área de certos problemas, o conselheiro não deverá transpô-la. Não se pode verdadeiramente respeitar uma pessoa e, ao mesmo tempo, minimizar a dinâmica da comunicação com ela. Se o conselheiro não possui um respeito básico para com seu cliente (que poderá ser uma das ovelhas do pastor), ou para qualquer pessoa com quem esteja tratando, não haverá uma terapia salutar.

Aconselhamento e aceitação.

A idéia de aceitação está relacionada com a atitude de respeito. Aceitação tem que ver com o que ver com o que a pessoa diz, tanto como o que ela é. O conselheiro precisa aceitar o que ouve como válido, no quadro subjetivo de referencia do aconselhando. Evidenciar qualquer sinal de suspeita ou dúvida, provavelmente resultará em um retardamento e, possivelmente, em um colapso do processo terapêutico. O cliente pode ter dito, numa consulta anterior, algo que

contradiga o que está dizendo agora, mas a validade do que está dizendo tem de ser aceita em termos do seu presente quadro de referencia. Não se pode esperar daqueles que estão buscando ajuda, total consistência, especialmente nos casos de problemas profundamente emocionais, mesmo no decorrer de uma simples entrevista. Sua orientação básica ruiu e, em seu esforço, ele se comunicará de uma plataforma flutuante e insegura, até que, finalmente (ajudado pelo conselheiro), possa pôr os pés em terra firme. O conselheiro, enquanto estiver aceitando o que o aconselhando diz, incluindo contradições e inconsistências, está, na verdade, apressando o processo de recuperação. Aceitar o que está sendo dito (o que é diferente de concordar ou acreditar), é o mais curto caminho da re-estruturação da personalidade. Se o conselheiro não deve assumir a função crítica, o aconselhando o fará, e isto é exatamente o ponto onde começa a verdadeira terapia!

ÁREAS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL.

O campo do aconselhamento pastoral é tão vasto como o número e os tipos de problemas que as pessoas encontram. Não se deve esperar que o pastor ou conselheiro resolva todos os casos de que se ocupa, pois muitos terão que ser levados aos cuidados de profissionais. Ao contrário da imagem que muitos fazem, o pastor não é aquele portador de um molho de chaves para resolver qualquer tipo de problemas que lhe sejam trazidos, porém ele detém a chave mestra que pode ser usada na maior parte dos casos, produzindo esperança e restauração.

Área religiosa.

Geralmente os problemas mais comumente tratados no gabinete pastoral são os de natureza religiosa. Era de se esperar que assim fosse, uma vez que o pastor está tratando constantemente com um grupo de pessoas de orientação religiosa. Permanentemente ocupado em comunicar idéias, padrões de conduta e atitudes que as pessoas poderiam ter, é muito natural que ele colha o que semeia do púlpito e no seu trato pessoal com o seu rebanho. As labaredas que rebentam nas sessões de aconselhamento pastoral são, muitas vezes, o resultado das chispas que saltaram do púlpito para os bancos, tempos atrás. É neste campo dos problemas que o pastor sentir-se-á mais forte, pois é aquele no qual ele está mais treinado, sendo este onde ele encontrará o maior número de problemas, como, p.e, uma questão de fé, relacionada à sua condição de membro da igreja, ou um arrependimento pessoal, relacionado com sua família.

Área social.

Sendo o pastor uma figura universal, seu ministério abrange todas as esferas da vida humana, desde o começo da vida, do nascimento, até o seu término, pela morte; nas negras horas de sofrimento; nos grandes momentos de alegria; nas crises de tragédia; nas bênçãos do matrimônio; nas confidências pessoais; no ministério familiar, etc. E fora desse labirinto de relações, o pastor ainda é herdeiro de uma outra importante porção de problemas de aconselhamento - aqueles de ordem social. A esfera social é aquela em que a largueza do conhecimento e o treinamento são indispensáveis. Aqui, no âmbito social, ele se torna envolvido tanto no agir como no existir.

Relaciona-se com indivíduos, com pequenos grupos e com famílias. Da cela do detento à cama do hospitalizado, do aconselhamento pré-nupcial até o trato com lares destroçados, dos romances dos adolescentes até os lares adultos, ele se envolve no círculo social da vida de cada dia. Ministrando às pessoas como seres sociais torna-se, muitas vezes, o meio de lhes ministrar na sua outra qualidade, a de seres espirituais. Os dois ministérios estão intimamente ligados.

Área emocional.

Essencialmente, todo problema é um problema emocional. No entanto, num estrito sentido, envolve algum grau de ansiedade e de medo. Isto pode ser causado por um estímulo religioso, tal como incerteza a respeito do estado religioso em geral, uma viva consciência de pecado, ou um falso senso de culpa. Também pode ser causado por sentimentos de inferioridade, de fracasso ou de rejeição. Nesta área o pastor precisa exercitar uma grande dose de compreensão e de comunicar-se enfaticamente. As emoções são incoerentemente mudas e o pastor achar-se á perplexo, sem saber o que dizer e como dizer. A melhor coisa a fazer é comunicar-se com calor e segurança.

O pastor precisa ser um conselheiro para os aflitos, estejam eles imersos na tristeza ou amargurados com Deus! Deverá ser um conselheiro para o marido carregado de remorsos, porque foi infiel à sua esposa, ou vice-versa. Deverá aconselhar o adolescente apaixonado, a juventude com sua revolta, o membro da igreja desapontado. Em todos estes casos, é mister que reconheça as necessidades do indivíduo, acima das emoções eventualmente expressas.

Área mental.

Doença mental é um distúrbio de relações e é essencialmente semelhante à de caráter emocional. A diferença é simplesmente de grau. O pastor deverá estar sempre preparado para verificar quando uma pessoa tem necessidade da assistência de um psiquiatra, ou de um

médico, uma vez que ele herdará a sua parte de neuroses durante o transcorrer de seu ministério. Um diagnóstico a tempo e um encaminhamento devido, economizarão muitas horas preciosas e aumentarão a probabilidade de recuperação. Muitos pastores gastam considerável tempo e esforço na tentativa de ajudar alguém que está acima da sua capacidade (humana) de auxílio. Alguns, por falta de habilidade para reconhecer a severidade do caso, outros, por falta de vontade de admitirem suas limitações.

É muito delicado e por vezes demorado o processo de fazer ver a uma pessoa sua necessidade de ajuda clínica. Em certos casos, envolverá cuidadosos arranjos com a família. Qualquer que seja o grau de necessidade, contudo, o pastor deve possuir certo grau de confiança em sua própria compreensão do problema, afim de que possa dar a devida direção ao cliente.

A PESSOA DO CONSELHEIRO.

No seu ministério de aconselhamento, o pastor encontrará vários tipos de egos em seus aconselhados, com os quais precisa ser capaz de lidar: o ego-desagregado, o ego-embaraçado, o ego-hostil, o ego-apático, o ego-desconfiado, o ego-ambicioso, o ego-dependente, o ego-desesperado, o ego-rejeitado, etc. Se ele não consegue reconhecer qualquer destes egos dentro de sua própria personalidade, não será capaz, obviamente, de os perceber em seus clientes e, conseqüentemente, não poderá ajuda-los de maneira eficaz.

Uma boa ocasião para um auto-exame pelo pastor é após um aconselhamento. Ele pode perguntar-se a si próprio se suas atitudes influenciaram no rumo da conversação, poderá descobrir que sentimentos de rejeição, resistência, julgamento, dependência ou desconforto que ele atribui ao cliente, são também os seus próprios. Reconhecendo estas características como sombras de seu ego, poderá começar a penetrar nos verdadeiros pontos de conflito em sua personalidade e, finalmente, na eficácia do aconselhamento.

O egocentrismo é um grande perigo na função ministerial. Comunica ao aconselhamento um ar de profissionalismo, que é inimigo número um das relações entre o pastor e seu rebanho. Este tipo de atitude concentra a atenção no próprio pastor, que estará mais interessado na sua própria posição do que na do povo que deveria servir. Alguns estarão sempre apressados ou com um programa de trabalho muito sobrecarregado, de modo tal que lhe é impossível estabelecer conexão, no processo de aconselhamento. Outros monopolizam o tempo da(s) entrevista(s), não dando oportunidade ao cliente para que relate os reais problemas a serem tratados. Alguns outros, por seu lado, estão permanentemente sorrindo e concordando sempre. Insiste em exhibir

um sorriso em todas as ocasiões, insiste em que tudo é 'encantador', determina a si mesmo não ver nada de mal e a não falar nada de mal, completamente alheio à gravidade do que se passa ao redor. Tais atitudes são sintomáticas de ocultos conflitos dentro da própria vida do ministro.

Segundo Sócrates, a vida não perscruta não é digna de ser vivida. O ministro deve examinar-se a si mesmo. Contudo, qualquer escrutínio que não seja genuíno, pessoal e íntimo, é apenas superficial. Quanto mais o pastor receia encarar-se a si mesmo, num exame crítico, tanto mais estará necessitando de ajuda pessoal.

Conceitos éticos.

Na base da vocação ministerial está um forte compromisso com um código de ética. Pela razão de crer em retidão pessoal e em justiça social, ele se relaciona com pessoas e seus problemas individuais, bem como com o grupo. Quer ele creia na inerente bondade do homem (uma corrente do arminianismo), quer na sua inerente depravação (todas as correntes do calvinismo), ele está convicto de que os homens podem reabilitar-se e de que a sociedade pode ser melhorada. O homem é mais do que um mero animal. É uma criatura revestida de dignidade e passível de ser salvo.

Outro ângulo da ética pastoral tem a ver com relações inter pastorais, às vezes não tão puras como as relações entre pastor e ovelha, como a relação do pastor e sua família e as relações com o mundo cristão ou com o mundo exterior.

O ambiente religioso.

Quando falamos de meio religioso pensamos nas influências experimentais sobre o indivíduo por meio de instituições como a Escola Dominical, o ato e a forma do culto, as interpretações familiares de religião, grupos religiosos e influências pessoais. O fator ambiente, em muitos casos, é a influência que pesa em favor da carreira religiosa. O ambiente leva, muitas vezes, o indivíduo a abandonar a sua carreira religiosa, ou, se o indivíduo recebe do mesmo uma influência benéfica e positiva, é mais do que provável que venha a ser um candidato ao ministério, do que se receber uma influência negativa e indesejável. É fácil, no meio religioso forte e emocionalmente orientado, motivações patológicas tornarem-se entrelaçadas e escondidas, na escolha ministerial. Alguns, por causa de um forte senso de culpa ou, numa tentativa de compensação por uma vida anterior de pecado, entregar-se-ão ao ministério. Em geral, porém, a maioria dos que ingressam no ministério vêm das fileiras de forte orientação religiosa. Isto é muito natural, uma vez que têm sido expostos a um contato pessoal com a vocação e têm sido orientados em direção à função total

da igreja.

Saúde física.

Deus pode e, muitas vezes, toma os vasos humildes e quantas vezes quebrados, para confundir os sábios, na execução dos Seus propósitos. Porém, aquele (a) que é chamado para a tarefa de um servo ministrador precisa conservar-se, até onde permite a sua capacidade, de modo a que possa funcionar otimamente e com o mínimo de fatores impeditivos. A pregação do Evangelho compreende tanto saúde física e mental como também saúde da alma. O pregador que gasta cinqüenta por cento de seu tempo num leito, acamado, devido à sua falta de cuidado pessoal, ou aquele que está sempre se arrastando penosamente durante o dia, por falta de vitalidade, ou cujo comportamento taciturno revela alta susceptividade emocional, não é um exemplo salutar das qualidades plenas e abundantes do Evangelho de Salvação.

Quanto ao aspecto físico do bem estar do ministro, é uma característica natural e uma prática comum seu desgaste na execução da sua tarefa. Seja qual for o motivo, o resultado é sempre o de um coração compungido e ferido. As conseqüências maiores de tal quebra são sentidas pela família e por todo o corpo (diretivo) da igreja. Por isso, deve ele tomar medidas para salvaguardar o seu bem estar físico. A pressão emocional e mental tem grande influência sobre o físico. Este tipo de atrito é difícil de ser medido, podendo surpreender alguém que lhe seja por demais desconhecido.

Cada indivíduo deve procurar 'sentir' sua própria capacidade e aprender a 'funcionar' dentro de seu raio de ação. Isto pode aumentar ou decrescer, com o tempo e a intensidade do trabalho, porém é algo que não pode e nem deve ser ignorado, se o ministro quiser conservar-se integralmente apto quanto ao seu físico.

Saúde mental.

A natureza da tarefa ministerial é tal, que exige alto grau de maturidade e de saúde mental. Isto, infelizmente, não é garantido ao ministro durante o seu treinamento teológico (quando ocorre) e no início da carreira. Deficiências sérias na estrutura da personalidade do seminarista geralmente passam inteiramente despercebidas durante os seus anos de treinamento, por estarem tão profundamente arraigadas à sua vida. À medida que o ministro desdobra a sua personalidade dentro do seu multifário centro de trabalho, viverá experiências que desencadearão reflexos, revelando, assim, as fraquezas e forças do seu ego. Agora no realismo dicotômico de vida e morte da interação humana e sob o doloroso fardo das responsabilidades dos conflitos espirituais dos outros, estes traços latentes que, por tão longo tempo confortavelmente coexistiram nos recintos ocultos da personalidade,

agora se levantam para responder.

Fatores motivadores inconscientes e um prévio condicionamento incidem sobre os reflexos que são congruentes com a estrutura básica da personalidade. Daí a importância que o que sente o chamado seja honesto com sua análise de autoconhecimento, desde o início de suas intenções ministeriais. O ministério é expressão altruística de serviço ao próximo. Se o ministro estiver resolvendo o seu próprio problema sozinho, por dedicar-se à vocação, irá certamente desenvolver um complexo de culpa em algum ponto de sua carreira. Uma sensação de derrota, qualquer que tenha sido a sua causa, é, talvez, o maior temor entre os ministros. Na consumação de uma tarefa, sente-se deprimido ou vazio devido ao gasto de energia física e nervosa, e em tal estado psicológico é tentado, dentro de si mesmo, por indagações a respeito do sentido e resultados de todos os seus esforços. É a 'noite negra' da alma, que sobrevém a todos os ministros, com variados graus de intensidade. Bom exemplo disso são as lamurias derrotistas de Elias (I Re 19.1-4), pois o ministro se encontra, diariamente envolvido na luta de perda e ganho.

CONCEITOS ANTROPOLÓGICOS.

Pela virtude de seu chamado, o próprio propósito do qual é a redenção do homem, o pastor coloca-se à parte e sobre um conceito meramente científico do homem. Não poderá adotar o conceito freudiano, o qual é puramente biológico e orgânico e destitui o homem de sua natureza transcendental. Tal posição estará em conflito direto com a premissa básica do ministério pastoral. Por outro lado, não poderá assumir o ponto de vista rogeriano a respeito do homem, o qual afirma que dentro de cada ser existe suficiente capacidade para alcançar a vida plena e harmoniosa. Isto não reconhece a necessidade de forças exteriores e além do organismo humano. Em algum ponto entre estas duas posições extremas se ergue a doutrina cristã do homem. Esta doutrina, quer nos dirija à direção da depravação agostiniana ou à direção do bem rousseauniano, postula ainda a influência de forças espirituais para a necessária e completa reabilitação do homem. Concebe-se que o homem é biológico e racional, mas nenhum destes conceitos, nem ambos conjugados, compreendem adequadamente a soma total da natureza humana. O fator espiritual é essencial, deve estar integrado dentro da moldura total do ser, para quê a sua personalidade seja considerada em sua unidade.

Devido a essa visão sinóptica do homem, o ministro cristão está de posse de uma posição única, correndo menor risco de inclinar-se para os extremos de uma interpretação ou biológica ou racional. Ele vê um ser mais completo pela simples razão de que é conhecedor da natureza

compreensiva da personalidade humana. Também reconhece a validade de cada uma das forças que contribuem para o processo dinâmico do desenvolvimento humano. Seu conceito do homem prevê um entendimento mais claro, tanto do potencial do bem, quanto da tendência para o mal em todos eles. O homem não pode ser compreendido dentro do contexto de seu ser isolado, seja ele biológico ou racional, mas em sua relação com Deus. Ele é um ser tão espiritual quanto o é física e mentalmente. Até que a natureza mental do homem seja admitida, o seu problema não poderá ser devidamente diagnosticado e ele não poderá ser reabilitado por completo.

DESORGANIZAÇÃO DA PERSONALIDADE.

A desorganização da personalidade é uma ameaça constante nas vicissitudes do dia-a-dia da vida humana. O ego emerge para enfrentar cada novo e diferente encontro, num esforço para manter seu equilíbrio. As forças psicológicas são convocadas para facilitar a sobrevivência e para ajustar-se a novas demandas, com um mínimo de concessão. Contudo, se o ego tem de imergir abaixo de seu nível responsivo, de reserva, surge a frustração; primitivos impulsos de sobrevivência despertam, e a personalidade sofre as conseqüências da disfunção. Certo grau de desorganização da personalidade ocorre em todos nós, uma vez ou outra, mas isto não é uma séria ameaça ao desenvolvimento normal. Do mesmo modo que o corpo, o ego tem forte poder recuperador e os 'choques' psicológicos encontrados são habilmente absorvidos ou desviados.

A personalidade normal move-se em um padrão de desenvolvimento de dentro para fora, num processo muito parecido com o que ocorre a uma rosa que desabrocha. As forças biológicas, psicológicas e sociológicas, dentro da pessoa, desenvolvem-se no ritmo de um passo após o outro, numa direção positiva. A personalidade normal é fortalecida e não enfraquecida, pelo encontro de situações realísticas de vida. Ela se comporta madura e consistentemente quando submetida a pressões. Disciplina própria e controle são sintomas de desenvolvimento normal da personalidade.

Durante séculos tem-se tentado classificar a personalidade anormal. A tendência tem-se movido de uma lista de centenas de tipos a uma meia-dúzia deles. Karl Menninger dá-nos cinco níveis de disfunção: nervosidade, neurose, fracasso do ego, psicose e falta de vontade de viver, numa classificação singela, que abrange todo o campo. Neste opúsculo, incluem-se algumas outras das mais conhecidas disfunções que afetam o desenvolvimento da personalidade.

Neurose.

Num indivíduo neurótico há uma internalização de energias agressivas

normais. Ao invés de dirigir sua atenção sobre objetos apropriados fora dele, focaliza-os sobre si próprio ou sobre partes do seu corpo. Tal indivíduo não evidencia rompimento com a realidade, vive no mesmo mundo dos que o rodeiam, mas é infeliz e aflito, está perfeitamente cômescio de que existe alguma coisa errada na sua pessoa, mas não consegue explicá-la. A pessoa normal tem os mesmos conflitos e pode encontrar usualmente uma base para eles, porém o neurótico não consegue relacionar o seu conflito com uma base justificável. Ele, então, culpa a si mesmo por esta condição, torna-se deprimido e é levado a uma maneira de viver autodestruidora. A neurose é o modo de resolver seus próprios problemas e, ao mesmo tempo, uma tentativa de evitar enfrentar as realidades que interferem com vida de cada dia. Estas soluções anulatórias são expressas mediante ansiedade, obsessão e histeria, dependentes da profundidade do conflito e da constituição psicológica da personalidade.

Ansiedade.

A ansiedade é o problema central das neuroses. A sua essência é o medo. Pode oscilar entre uma suave forma de inquietação até um intenso estado de pânico. É uma indevida concentração da mente sobre uma experiência, uma situação ou uma expectativa. É mentalmente penosa por causa da tensão e solicitude a ligarem causa e efeito em uma satisfatória relação. Há ansiedades normais que são comuns nas experiências do dia-a-dia de todos nós, e que logo ultrapassamos. Mas, no caso dos indivíduos neuróticos, a ansiedade persiste e se exacerba.

Obsessão.

Uma obsessão é um persistente esforço interno do indivíduo para satisfazer uma idéia ou um desejo, ainda que estes não tenham uma base racional. Uma tal obsessão geralmente se expressa em atos de compulsão. O indivíduo pensa, e achando que tudo ao seu redor está contaminado de germes, lavará as mãos dezenas de vezes durante o dia.

Histeria.

A histeria é, provavelmente a mais extrema forma de neurose. É caracterizada por várias manifestações corporais, a despeito de sua origem psicogênica: cegueira, surdez, ataques convulsivos e paralisia. Estes sintomas corporais são taxados de histeria da conversão. O que acontece é que os impulsos do indivíduo carregado de ansiedade, são estorvados e, porque não encontram a sua expressão externa natural, explodem em canais moto-sensórios mais imediatamente disponíveis do organismo sofredor.

Psicoses.

A psicose é equivalente à insanidade. Ao contrário do neurótico, o psicopata não tem consciência de sua enfermidade. Vive em seu próprio mundo e este é muito real para ele.

Está completamente fora de contato com o mundo-circundante. O procedimento do psicopata lhe é peculiar e o seu falar é irracional. As psicoses são muitas vezes divididas em duas classes: orgânicas e funcionais. Tal classificação não deveria ser considerada absoluta, uma vez que ambas essas fontes podem contribuir para o indivíduo psicótico. Entretanto, há psicoses cujas origens dependem mais de uma do que da outra fonte, e tal classificação ajuda a distingui-las.

Paresia.

Paresia geral é muitas vezes chamada paralisia geral. É relacionada com a condição do cérebro. Alguns dos sintomas incluem ilusões de grandeza, deterioração mental e paralisia progressiva. A destruição do tecido nervoso do cérebro é produzida pelo 'treponema pallidum', um agente infeccioso responsável pela sífilis. Ele trabalha gradualmente e o procedimento da pessoa é afetado somente depois de muitos anos. O procedimento é parecido com um enfraquecimento da fibra moral da pessoa, porém, mais tarde, verifica-se que o proceder tem raízes em séria doença cerebral da vítima.

Síndrome de Korsakow.

Esta resulta de uma intoxicação aguda e de 'delirium tremens'. O sistema nervoso inteiro torna-se inflamado. Pode também resultar de outro agente envenenador, como o álcool, mas isto não é, usualmente, o caso. Ocorrem defeitos de memória e o paciente, no esforço de encobri-los, inventa .

Senilidade.

A senilidade é simplesmente um atrito do cérebro, proveniente da velhice. As duas causas principais são: 1) falta de suprimento sanguíneo ao cérebro; 2) arteriosclerose. Há também o fator ambiente, que exerce pressão psicológica sobre as pessoas idosas, para se ajustarem e adaptarem a novas situações. Ora, isto é muito difícil, pois se sabe que as pessoas idosas, geralmente, são muito rígidas em seus pontos de vista.

Maníaco-depressiva.

A psicose maníaco-depressiva é um estado em que o indivíduo experimenta uma série alternada de elações e depressões. O termo foi introduzido por E. Kraepelin em 1899, que descreveu a condição como uma série de quadros, sendo cada um deles uma forma de 'simples

processo de doença'. No estado maníaco, o procedimento individual é semelhante ao que está intoxicado: o estado de depressão semelhante ao de quem está narcotizado, e tanto fatores genéticos como fatores ambientais contribuem para esta condição.

Esquizofrenia.

Esta é a forma mais comum da psicose. Sua natureza fundamental ainda não foi explicada. O mais antigo nome pelo qual foi outrora conhecida é 'dementia praecox'. A significação essencial da esquizofrenia é: ruptura da personalidade. O indivíduo sofre de afastamento, desorganização e distúrbios nas suas relações com outras pessoas. Há quatro tipos de esquizofrenia, assim comumente chamados: simples, paranóico, catatônico e hebefrênico.

a) Esquizofrenia simples

Esta pessoa não está fora de contato com a realidade, mas leva vida solitária. É pessoa quieta e, às vezes, muito satisfeita. Mostra uma gradual perda de interesse, falta-lhe afirmação própria e não mostra precoce promessa de desenvolvimento normal. Apresenta crescente ineficiência em atender reuniões sociais.

b) Esquizofrenia paranóica

Neste tipo, as ilusões desenvolvem-se a ponto de o indivíduo considerar-se Napoleão ou Cristo. Ouve seu nome ser declarado famoso e recebe importantes mensagens de altas autoridades. Pensa que os outros o perseguem e chega a ouvi-los murmurar contra ele. Vê as pessoas espreitando das janelas; sente cócegas elétricas que estão dirigindo contra sua pele; sente o veneno que estão colocando em seus alimentos.

c) Esquizofrenia catatônica

Aqui, o sintoma característico é sobre a motilidade. A pessoa assume posturas peculiares e faz gestos estranhos. Sofre de fases de estupor catatônico e excitação. Os episódios de excitação são curtos, mas perigosos, com possíveis resultados de homicídio ou suicídio.

d) Esquizofrenia hebefrênica

É o menos definido dos quatro tipos. A característica mais comum é a estupidez, o rir ou o gargalhar sem motivos, falatório incoerente, com palavras de invenção própria. O doente come com os dedos, negligencia os hábitos de higiene e lambuza-se com as próprias fezes. A sua total inclinação é para uma regressão ao estado fetal.

e) Personalidade psicopática

Este tipo de pessoa não é neurótico, nem psicótico, mas a básica condição emocional é semelhante à do neurótico. É vazio de

sentimentos para com os outros. Não tem capacidade de aprender a mudar seu comportamento, seja por preceitos, seja por experiência. Não é capaz de conviver com o resto do mundo, e, de fato luta contra a sociedade, violando seus códigos. Se não resiste de maneira ativa aos padrões éticos, rebela-se passivamente, levando uma vida inútil, desordenada, irresponsável. Para ele, o mundo é a causa de todas as dificuldades. Este grupo inclui tais pessoas como alcoólatras, criminosos habituais, os anormais sexuais e os inúteis em geral.

MOTIVAÇÃO HUMANA.

O conselheiro cristão ou pastor confronta o homem primeiramente como um ser religioso, com responsabilidade moral para com o seu Criador e se dedica à ativação positiva do senso de dever de seu cliente. O ministro é chamado para motivar as vidas dos homens em direção da harmonia e da plenitude do ser, nesta vida, e para a preparação para a vida vindoura. Para ele, o homem não é primariamente uma criatura biológica, nem um ser somente racional, mas um ser espiritual que tem uma eterna escolha a fazer entre o bem eo mal. Esta escolha é o resultado da motivação.

A motivação é mais do que simples matéria-prima ou atividade instintiva, e envolve também a complexidade de inter-relações, bases culturais e influências. Esta é, também, uma abordagem psicológica e, portanto, é necessário considerar o condicionamento também nas possíveis modificações de motivos e pensar-se no fato de que nenhuma atividade psicológica é destituída dos mesmos. Em todos os motivos há um grau de interesse espontâneo controlado, como também um de não controlados. O trato dinâmico responde ao incentivo que, por seu turno, motiva o comportamento.

Motivação na estrutura do desenvolvimento da personalidade.

Freud sustentou ser o homem essencialmente bestial em sua natureza, com fortes influências determinísticas exercitando-se sobre ele, constituindo-se tais influências a própria natureza da sua animalidade. Por causa desta estrutura organística básica, o homem não pode deixar de fazer o que faz. É instintivamente cruel, agressivo, destruidor, desejoso de satisfazer o seu mais forte impulso, que é o sexo. O homem é inerentemente mau, sempre inclinado para a luxúria. A consciência é arcaica, estúpida e malevolente. O id expressa, por meio dos instintos, os verdadeiros propósitos do organismo animal. Estes instintos são expressos como 'cumprimento-do-desejo' e 'impulso da necessidade'.

Cumprimento-do-desejo é uma atividade psicológica do organismo para descarregar a tensão, dentro do mais alto padrão motivacional. (p.e, uma pessoa com fome visualizará o objeto do desejo, ou seja, o

alimento, que o seu corpo está ansiosamente apeteendo). O impulso da necessidade uma atividade biológica em relação com a natureza psicológica do cumprimento-do-desejo. Sendo a natureza do organismo o que é na realidade, o id esforça-se por satisfazer estes estímulos básicos. É o cumprimento destes impulsos e a subsequente gratificação que determinam a direção do comportamento.

Carl Rogers, por outro lado, insiste em que o homem se comporta na base da dignidade e responsabilidade pessoal. O homem tem uma tendência interna que constantemente o impele para o melhoramento e o crescimento. A sua propensão natural é a de crescer, mais do que a de regredir. O homem é um organismo que está constantemente mudando, com valor intrínseco e propósito de comportamento - um ser racional sempre lutando para a si mesmo se 'atualizar'. O homem não é fragmentado, mas antes um organismo que age como um todo. Contrário ao conceito freudiano, Rogers não aceita o ponto de vista de que motivações inconscientes desempenhem papel maior no comportamento. Ele aceita a pessoa pelo que ela diz ser. Uma pessoa é o que a mesma percebe que é. Para Rogers, o ponto mais vantajoso para a compreensão do comportamento é o quadro interno de referências do próprio indivíduo.

RUMOS DO ACONSELHAMENTO TERAPÊUTICO.

O aconselhamento tem sido classificado em duas grandes divisões: Diretivo e Não-Diretivo, as quais estão muito distantes uma da outra e representam duas tendências dominantes, muitas vezes refletidas no aconselhamento pastoral. V. James mannoia, Ph.D, propõe ainda um terceiro tipo de aconselhamento que inclui, parcialmente, ambos os conceitos (diretivo e não-diretivo), por considerar mais adequado, primariamente, por causa dos seus mais amplos aspectos dimensionais.

Aconselhamento Diretivo.

Este tipo de aconselhamento tem as suas raízes na tentativa psicanalítica do estudo da personalidade e Sigmund Freud é grandemente responsável pelo seu desenvolvimento. Jung, Adler e Rank, ex-discípulos de Freud, estabeleceram as suas próprias hipóteses e muito contribuíram para o crescimento desta teoria. O aconselhamento diretivo está alicerçado no estudo de casos individuais. Além da manipulação do cliente, Freud usava a análise dos sonhos, o conceito de transferência e a livre associação. O inteiro sistema era construído sobre a base histórico-biológica da meninice, dando-se ênfase ao esquema-revelador do desenvolvimento da personalidade, através dos estágios oral, anal e genital, em uma rígida tabela de necessidades orgânicas de prazer.

Como as relações com outras pessoas se tornaram importantes para a criança em crescimento, ela recebe em si mesma os ideais daquelas, como se fossem um superego ou consciência exercendo o controle dos impulsos de busca do prazer, na qualidade de pessoa moralmente responsável, para aprovar as normas sobre as quais as suas relações interpessoais podem ser mantidas de maneira aprovada socialmente.

A premissa básica da psicanálise é que o entrelaçamento do indivíduo com o seu ambiente determina a conduta emocional. O desenvolvimento da personalidade repousa sobre uma lei de causa e efeito de ordem psíquica., de tal modo que toda a experiência mental tem uma causa, seja no consciente ou no subconsciente. A análise, portanto, é a função dominante no aconselhamento diretivo. O conselheiro diretivo toma o controle da entrevista no próprio começo e a conserva, durante todo o seu intercurso. Faz perguntas ou sugestões que ele pensa, trarão informação ao longo da sua linha de investigação. Toma a liberdade de salientar frases, palavras ou sentenças usadas pelo aconselhamento e delas tira inferências que pensa serem significativas. Interpreta ao cliente aquilo que deste ouve, em um esforço para leva-lo a ver porque diz ou sente assim e assim. se houver qualquer resistência ao papel interpretativo do conselheiro, essa mesma resistência será analisada e interpretada ao aconselhando. O passado do aconselhando é trazido à luz da situação presente, reconstruído, a ele novamente explicado, e novas conclusões são alcançadas. Através do processo do aconselhamento os alvos são fixados pelo conselheiro e não se considera a terapia como completa sem que tais alvos sejam alcançados.

Crítica ao aconselhamento-diretivo.

Contrastando com o papel dominante do conselheiro, o aconselhando é absolutamente passivo. Isto não resultaria em crescimento da personalidade, pelo contrário, tende a criar dependência. A pessoa não exercita o poder de avaliar e selecionar alternativas, porque as decisões são-lhe meramente apresentadas já acabadas. A responsabilidade da solução dos seus problemas simplesmente escapa dele para o conselheiro, que assume a figura de um pai ou de qualquer outra importante pessoa na sua vida anterior. Este abrandamento de responsabilidade pessoal pode trazer ao indivíduo uma momentânea sensação de alívio, mas não o habilita a resolver problemas futuros. Por outro lado, uma pessoa em busca de ajuda pode reagir contra o controle avassalador do conselheiro diretivo e, assim, construir um sentimento de resistência que torne impossível uma terapia efetiva.

Pode ocorrer, também, que haja o reflexo da personalidade do conselheiro. Um Ministro (Pastor) pode estar simplesmente refletindo a

sua própria personalidade na maneira de aconselhar, ou a sua posição teológica. Também é possível que o seu uso de um método diretivo seja apenas uma estratégia de sobrevivência para a preservação do seu próprio ego ou do seu status vocacional. Conhecidas ou não do próprio ministro, existem razões várias para que ele lance mão do método diretivo para o seu aconselhamento.

Os métodos de aconselhamento empregados pelos pastores estão relacionados com a sua orientação teológica. Segundo o Dr. Mannoia, no aconselhamento diretivo a ovelha é levada como uma pessoa completamente desajustada, sem qualquer possibilidade de resolver o seu próprio problema, porque é basicamente pecadora e nada pode fazer sem a intervenção da assistência divina.

Tal consideração força o conselheiro no intuito de garantir tal ajuda e tal direção, a tornar necessária a comunicação de autoridade para com a mesma. No aconselhamento diretivo o ministro está comunicando realidade com um sentido de ritual. A ovelha o vê como representante da Igreja, das tradições e até do próprio Deus e, conseqüentemente, não poderia ser despedida sem ter recebido a esperada assistência de tal 'mediador'. Tudo quanto o indivíduo alcança de valor não é seu próprio, mas lhe é dado sobrenaturalmente. Assim, ele pode ligar todas as suas aquisições de valor intimamente à agência comunicadora do ministro, e também a terapia alcançada é relacionada com o ministro como personagem-chave.

Aconselhamento Não-Diretivo.

As raízes do aconselhamento não-diretivo encontram-se mais na exploração do sentimento do que do conteúdo, como é o caso do estilo psicanalítico. Carl Rogers foi o pai e figura preeminente deste método. O aconselhamento diretivo corre numa direção de baixo para cima, o aconselhamento não-diretivo move-se de dentro para fora. Um é vertical, o outro horizontal. O aconselhamento Diretivo é orientado pela emoção e pelo fato, enquanto que o não-diretivo é orientado pela emoção e vontade. Crescimento, não diagnose, é a chave desse aconselhamento. Isto é cuidadosamente elaborado por Rogers em doze passos característicos que representam um padrão geral no processo terapêutico do crescimento da personalidade.

1) O indivíduo vem em busca de ajuda por sua própria iniciativa, porque reconhece a sua necessidade.

2) O conselheiro define a situação benéfica em que o cliente pode ser livre para resolver o seu próprio problema.

3) O conselheiro encoraja a livre expressão do sentimento em relação com o problema por meio de uma atitude amistosa e receptiva.

- 4) *O conselheiro aceita, reconhece e esclarece sentimentos negativos indo ao encontro da condição emocional do aconselhando e não do conteúdo da conversa.*
- 5) *A liberdade do indivíduo poder expressar livremente os seus sentimentos negativos; usualmente resulta na expressão de impulsos que contribuem para o crescimento.*
- 6) *O conselheiro aceita os sentimentos positivos da mesma maneira porque aceitou os sentimentos negativos.*
- 7) *A introspecção do aconselhando em seu próprio ego e aceitação do mesmo.*
- 8) *Um processo de clarificação pelo aconselhando de possíveis decisões ou atitudes a serem tomadas.*
- 9) *O início de ações positivas, pequenas, mas de alta significação.*
- 10) *Posteriores introspecções, compreensão do ego mais completa e acurada, à medida que o indivíduo ganha coragem para olhar mais profundamente dentro de suas próprias ações.*
- 11) *O aconselhamento tomará atitudes cada vez mais integradas e positivas - menos receio de fazer opções e mais confiança em ações auto dirigidas.*
- 12) *Um sentimento de diminuição gradual de necessidade de auxílio, e reconhecimento, por parte do aconselhando, de que o processo deve parar.*

Estes passos estão estruturados numa assunção básica de que o indivíduo tem a capacidade latente, se não manifesta, de a si mesmo se compreender e ao seu problema, o suficiente para guiar o seu próprio procedimento e resolver os seus problemas de modo satisfatório. Por meio da liberação destas forças positivas de crescimento da personalidade, a sua atualização torna-se possível. As relações horizontais de aconselhador-aconselhando manifestam congruência de percepção e de experiência ao ponto em que a conduta é mudada e nova direção é tomada pelo exercício da vontade.

Não importa que ele compreenda a dinâmica das mudanças que se estão operando dentro dele, mas somente que ele experimente a mudança. Experimentar alguma coisa não é necessariamente compreendê-la. Esta é a base fenomenológica da terapia efetiva no conceito não-diretivo, que persiste, a despeito do criticismo que se levanta contra o método. No estilo não-diretivo, o papel do conselheiro é o de facilitar a criação da atmosfera e situações adequadas. Ele é neutro, porque não dirige o curso da entrevista, mas aceita a pessoa como ela é, e não a guia, nem avalia. Ele usa as atitudes expressadas,

mas não faz diagnose. Não faz esforço para decifrar sintomas nem para analisar o pensamento do cliente. Ou a informação é dada, uma vez que a relação do aconselhamento é orientada pela emoção e não orientada pelo conteúdo, e a informação ou explicação que vier, será da parte do aconselhando, como resultado da sua própria introspecção.

O aconselhando tem, por outro lado, a chave do progresso na terapia. Ele é o responsável pela direção e pelo fluxo da expressão. Ele faz uma auto-exploração, por meio da expressão dos seus sentimentos e dos esforços para explicar a sua conduta. Tem a consciência de ser, ao mesmo tempo, observador e avaliador. Ao invés de se submeter a uma reconstrução imposta de fora, é ele mesmo que reconstrói a sua própria existência, em harmonia com a sua percepção. O conselheiro não-diretivo afirma não fazer uso de técnicas, porque uma técnica é uma ferramenta usada independentemente de sentimentos. Ao contrário, as relações no aconselhamento são uma implementação de atitudes, baseadas sobre genuína harmonia entre indivíduos.

Crítica ao aconselhamento não-diretivo.

O aconselhamento não-diretivo falha em que não fornece acesso adequado, por causa de fragilidades inerentes básicas. Espera que o aconselhamento emocional tome conta dos problemas não-emocionais e, além disso, o grupo de pessoas em que ele pode ser usado é limitado, desde que ele pressuponha um nível mínimo de compreensão pessoal e de capacidade de reflexão.

O aconselhamento não-diretivo coincide com o preconceito de Rousseau a respeito do homem – que este é inerentemente bom. Rejeita a explanação biológica da Psicanálise, cujo conceito coincide com a doutrina agostiniana da inerente e total depravação do homem.

O ministro que usa o método não-diretivo pode achar-se dividido entre a obrigação do desempenho de um antecipado papel e a coerência com um ponto de vista teológico. Ele está disposto a entregar o cliente à sua própria guarda, na esperança de que, no íntimo, ele é plenamente capaz de prover as suas necessidades. O conselheiro estará pronto a abandonar o seu papel de autoridade e, em seu lugar, assumir manifesta passividade para com o indivíduo. Deve estar disposto a continuar indefinidamente, sem resultados visíveis, ou terminar seu aconselhamento sem resolver os problemas. Haja ganho ou perda, serão atribuídos tão somente à ovelha, que é a figura central desse método de aconselhamento.

Inadequação aos dois tipos de aconselhamento.

O aconselhamento não-diretivo é inadequado para ir ao encontro das

necessidades terapêuticas do desenvolvimento da personalidade, por causa do seu estilo coercitivo, analítico e prescritivo. Por outro lado, o aconselhamento não-diretivo é inadequado pelos seus efeitos cíclicos, internalizados e desintegradores. Talvez uma tentativa mais adequada e que mais se harmonize com o que o aconselhador pastoral se esforça por realizar, é o que se pode chamar de Aconselhamento Dimensional. Este é uma tríplice relação no processo de aconselhamento e uma tríplice perspectiva da personalidade total. A relação é entre o conselheiro, o aconselhando e Deus. A direção desta relação é horizontal, com um constante movimento para cima, de tal maneira que o processo terapêutico completo forme uma figura semelhante a uma pirâmide. A perspectiva é composta das dimensões biológicas, racional e espiritual. A inter-relação destas três, dentro do total organismo, provê a base genuína da terapia.

ACONSELHAMENTO DIMENSIONAL.

Neste modo de aconselhamento, o conselheiro não assume o papel de autoridade, como no aconselhamento diretivo, como também não assume posição de escutante interessado do aconselhamento não-diretivo. Ele corresponde, pela palavra, pelo gesto ou sentimento, ao conteúdo e harmônico conjunto da comunicação. A tentativa é feita com a tri-partida dimensão da natureza do homem em vista. Um tal reconhecimento da natureza complexa do homem influenciará o aconselhador da seguinte maneira:

- 1. Ele conserva o seu equilíbrio e permanece humilde. Não fica desencorajado, quando falha; reconhece que a liberdade do homem pode ser empregada destrutivamente. Não se torna orgulhoso quando alcança êxito. Reconhece que a liberdade humana é a sua liberdade para afirmar os seus poderes contra desigualdades opressivas.*
- 2. O conselheiro vê-se a si mesmo de maneira mais realística. Ele trabalha em relação com processos e em concordância com eles, alguns dos quais podem não seguir necessariamente leis científicas, empiricamente desenvolvidas.*
- 3. O conselheiro tem um respeito crescente para com o aconselhando, tanto com referência ao que ele pode explicar como também concernente aos que ele nunca poderá inteiramente sondar ou predizer.*
- 4. O conselheiro terá, ainda, respeito por si mesmo, o qual se aprofunda, um respeito pelo que pode observar, avaliar e mudar e um respeito pela parte que em si mesmo é influenciável, todo significativo e inseparavelmente ligado ao Deus infinito.*

A resposta do conselheiro é dirigida a um problema integrado que, por seu turno, liberta uma resposta integrada da personalidade em necessidade. Assim, o problema estará sendo enfrentado perspectiva mente e a terapia move-se em sua totalidade. Aconselhador e aconselhando movem-se um para o outro com um senso de responsabilidade mútuas e uma crescente introspecção para a sua unidade comum em recursos divinos. Forças espirituais positivas, comunicadas pelo conselheiro, libertam forças espirituais positivas, dentro do aconselhamento. Este é o movimento unificante produzido pelo espírito transcendente do homem, que é a chave do aconselhamento dimensional.

O gênio do aconselhamento dimensional repousa, então, no seu terceiro fator – o espiritual. No aconselhamento diretivo, o aconselhador é o fator significativo; no aconselhamento não-diretivo, é o aconselhando; no aconselhamento dimensional, é a obra do Espírito Santo. Esta força de crescimento está além e fora do homem e, contudo opera entre os homens e no seu íntimo. A natureza desta função é melhor expressada através do amor – amor horizontal entre conselheiro e cliente, que é a expressão do amor vertical, criativo e curativo. O aconselhamento pastoral dimensional tem a sua premissa na assumida relação fundamental do homem para com Deus.

Aconselhamento para crescimento.

O alvo final do ministro aconselhador ou conselheiro é o de facilitar o crescimento da personalidade ao máximo nível de maturidade. Para o pastor, este alvo sempre está dentro do contexto de um quadro espiritual de referência. O ministro pressupõe o diálogo Deus-homem na conversação, seja ela de conteúdo 'religioso' ou 'secular'. O pastor reflete a mente de Cristo, inteiramente cômescio da carga que assume, no ministério curativo do seu ofício. A razão pela qual aconselha, finalmente, é substituir a tensão pelo alívio, as trevas do desespero pela luz da esperança. Nessa dimensão, três aspectos do aconselhamento devem ser considerados.

A] Levar o cliente a ajudar-se a si mesmo.

O ministro não é um mero despenseiro de conselhos, nem o seu ofício o de fazer trocas, dando ao cliente um bom sentimento em lugar de um mau ou despedindo-o, ao fim de uma entrevista, como um novo homem. Há ocasiões em que é pedido um conselho e o mesmo deve ser dado, contudo, isto não é propriamente aconselhamento. Este é eficaz quando uma pessoa é levada a ver a própria responsabilidade em sua cura, e quando a sua própria

vontade é posta em ação para assumir uma atitude positiva e uma nova qualidade de procedimento. Não há verdadeiro aconselhamento onde não se vê positiva mudança de procedimento. Esta mudança é significativa para o indivíduo, somente quando ele a inicia. Ele, então, é responsável pelo seu progresso. O êxito do conselheiro mede-se pelo grau em que ele consegue ajudar o cliente a ajudar-se a si mesmo.

5. O pastor não pode e nem deverá escolher um curso de ação para o cliente, mas está obrigado a apresentar-lhe as várias alternativas, exatamente como ele as percebe. Deve encorajar o aconselhando a considerar quaisquer outras alternativas que possa reconhecer por si mesmo. Em suma, o pastor não está escolhendo pela pessoa; está apresentando um panorama de contingências que são finalmente determinadas pelas escolhas esclarecidas da própria pessoa interessada. O indivíduo, dessa forma, aprende a apoiar-se a si próprio, a assumir espontaneamente a sua responsabilidade e a considerar as conseqüências das suas próprias decisões. A responsabilidade das decisões repousa sobre a própria pessoa que as toma, conduzindo à verdadeira maturidade.

B] O ministro deverá identificar-se com o aconselhando.

Uma pessoa não pode identificar-se com uma outra sem exercer introspecção na real condição daquela outra pessoa. Isto pode ser alcançado por meio da observação das relações daquela com pessoa com as outras, como o jovem que fica à margem, em um ajuntamento social, ou que não toma parte nos jogos e nas conversas. Algumas vezes esta introspecção vem por meio de uma conversa com a pessoa em foco. Ela poderá expressar, por palavras eventualmente pronunciadas, um desejo, uma dúvida, revolta, solidão ou qualquer outro estado da mente. Enquanto o conselheiro não se certifica ou pelo menos, não presume do estado psicológico do cliente, não pode começar a identificar-se com ele, em suas necessidades.

6. Identificação envolve, portanto, duas pessoas, em relação de empatia, palavra que deriva de dois termos gregos (em + pathos) que significam “sofrimento com”. É isso essencialmente o que acontece na relação empática. Duas ou mais pessoas estão sofrendo juntas. A pessoa que busca identificar-se com a outra precisa sacrificar o seu próprio estado de alma para tornar-se igual à outra pessoa. Isto é exatamente o que Jesus fez na encarnação, pela qual Deus tornou-se homem. O pastor que se identifica com aqueles que a ele vêm, renuncia a uma parte de si mesmo para sofrer com eles. 'Alegrai-vos com os que se alegram e

chorai com os que choram' (Rm 12:15).

Essa identificação empática deve ser apenas temporária. Não se trata de identificar-se com o aconselhando até o ponto de ficar com ele ou para mostrar interesse por ele. O propósito é tornar-se um com ele, para que ele possa ser elevado de sua condição a um nível novo e superior. A identificação é o veículo que tem em vista prover um ponto de apoio para um amigo sofredor, a fim de levantá-lo. O objetivo da identificação é transferir recursos de um para o outro. Depois de estabelecida a conexão, e no nível inferior do sofredor, o conselheiro começa a voltar, gradativamente, ao seu próprio nível e, com ele, espera trazer o seu paciente. Um notável caso de identificação aconteceu quando Jesus entrou na casa de Zaqueu, homem pequeno, solitário e odiado. Quando o Mestre entrou em sua casa, tomou sobre Si aquele ódio e foi criticado porque 'entrara para ser hóspede de um homem pecador' (Lc 19:7). Essa identificação com Zaqueu foi o meio usado para trazer transformação a um sofredor solitário.

O ministro deve estar cômico dos perigos envolvidos. Quando empata tiza com o aconselhando, não deve deixar-se levar pelos tons sentimentistas do problema. Eles o arrastarão para dentro de um pântano de emoções, em que poderá ficar desesperadamente atolado. Isto é especialmente importante ao tratar-se com pessoas do sexo oposto. A fronteira entre o amor cristão e a atração amorosa é, às vezes, por demais tênue. Muitos conselheiros têm caído neste ponto, por se terem perdido no contexto emocional da situação que têm em mãos.

O ministro deve participar eficazmente.

A singularidade do aconselhamento pastoral está no uso que os participantes fazem da auto confrontação, ocorrente a qualquer momento na relação, bem como da iluminação – humana e divina – dada em seus encontros face a face, em um contexto cristão. Esta acareação envolve três atividades distintas: ouvir, falar e perceber.

a) Ouvir.

Quão difícil se torna, por vezes, para o ministro, prestar atenção, apenas. Todo o seu treinamento e serviço têm lhe atribuído o papel de iniciador, de exercer liderança. A função de ouvir, assim, exige-lhe o oposto de toda a sua orientação. Este pode ser o mais difícil ajustamento, no diálogo comunicativo, seja uma visita domiciliar ou uma entrevista no gabinete pastoral.

Prestar atenção de verdade, contudo, não é exatamente acolher

palavras emitidas em nossa direção, que penetrem em nossos ouvidos e registrem um fato ou pensamento, mas receber uma comunicação em atitude responsiva para com um igual. Aquilo que o aconselhador observa na confrontação exerce comunicação de modo tão significativo como quaisquer das palavras ouvidas. São essenciais à comunicação efetiva o fato de o ministro e a maneira como o faz.

Ele precisa considerar o consultante como indivíduo que experimenta a vida e todas as suas acomodações, exatamente como ele mesmo. São dois iguais, em termos da universal luta humana. As conseqüências de escutar de maneira eficaz são: introspecção no significado das experiências, mais uma associação ética com a sua final solução. Isto coloca o conselheiro em uma posição de participação ativa. Comunicação efetiva depende, em grande medida, do conselheiro saber ouvir não somente no sentido de participar do dialogo comunicativo, mas também no sentido de que está realmente buscando a significação da experiência, na conversação.

b) Falar.

A essência do verdadeiro aconselhamento repousa na comunicação da experiência humana em terminologia significativa, em que duas ou mais pessoas se esforçam por transpor o fosso natural e desconhecido entre elas. Tudo o que o ministro diz deve ter propósito – mero palavrório somente deprecia o diálogo. Quando, por vezes, o pastor não encontra palavras adequadas, o silêncio valerá mais do que ouro. Não há proporção estabelecida para cada interlocutor, quanto à parte na conversação. É suficiente dizer que a sabedoria determina ao ministro o quanto da sua participação verbal é necessária. Em determinados casos, assumirá a parte principal da conversação, ao passo que, em outros, poderá falar muito pouco. Estabelecer uma norma rígida e dura de limitar as palavras do conselheiro, com toda certeza acabaria por abafar o processo natural de estabelecer harmonia. Por outro lado, o muito falar desconcertará a iniciativa do aconselhando e, de maneira absoluta, reduzirá a eficácia da sua comunicação com aquele que está em necessidade. 'Há tempo de estar calado e tempo de falar', já dizia o Sábio Pregador (Ec 3:7).

Ao longo da conversação, precisa o ministro guardar em mente a direção do discurso. O conselheiro dirige-se à pessoa, e não ao problema, pois este último é simplesmente um sintoma de uma pessoa que está em necessidade. A comunicação não deve ser

centralizada em torno do problema ou grupo de problemas, no esforço de resolvê-los; ou seu fulcro deverá constituir-se das atitudes e dos sentimentos da pessoa nele(s) envolvida(s). A pessoa do aconselhando é o centro. Os problemas não respondem, quando falamos; as pessoas, sim.

c) Perceber.

Assim nós percebemos um ao outro, assim agimos um para com o outro. Isto se torna a regra básica do nosso procedimento. Segundo Paul Johnson, 'a percepção é, portanto, a primeira condição do entendimento, a qual constantemente regula as atitudes que tomamos e orienta os nossos esforços de comunicação. Se os outros percebem que estamos atentos e dispostos a responder, seremos abordados como pessoas acessíveis à comunicação. Quando descobrimos esta mútua correspondência, estamos em condições de falar. E, ao falar cada um ao outro, se cada um percebe ser o outro uma pessoa com quem é possível partilhar experiências comuns e explorar interesses mútuos, chegamos ao ponto de alargar a área da compreensão, na qual afirmamos e permutamos valores de significado sempre mais profundo'.

À medida que se desenvolve a conversação, é formada uma percepção cada vez maior e mais realística de ambas as partes envolvidas. O ministro percebe mais vividamente a outra personalidade diante dele e, como consequência, mais inteligentemente se movimenta no processo identificativo. O aconselhando, por seu lado, abre seu íntimo, em face da acessibilidade do ministro. Nenhuma das partes no diálogo pode pretender ser o que não é, porque não demorará que as antenas sensíveis da percepção descubram a realidade. Se o aconselhando desconfiar que está sendo percebido com tons secundários negativos, recuará e não mais comunicará as suas verdadeiras necessidades; por outro lado, ao ver o ministro como pessoa responsável, comunicar-se-á aberta e livremente com ele.

O ministro, mais do que qualquer outra pessoa, deve ser percebido como acessível e a quem qualquer pessoa pode chegar com seus problemas. A notícia corre, quando é descoberto um pastor que é acessível. Para os que necessitam de conselhos, esta é a porta da esperança que se abre e que pode conduzir à cura e ao crescimento de almas.

Finalmente, o ministro deverá ter um ponto de referência, conhecer as 'doenças do tempo' tão bem como ao povo que devemos ajudar. O cenário social constitui-se em um significativo

ponto de referência que o pastor deve ter em mente, em seu ministério de aconselhamento. O mais básico ponto de referência, contudo, repousa no ministério da igreja, e este é o poder redentor e curativo do Espírito Santo. Este poder incomensurável é a fonte reconhecida de cura.

O Espírito Santo não é uma consideração meramente auxiliar ou secundária no ministério do aconselhamento. Ele é central. O ministro considera a sua própria pessoa apenas como instrumento da relação dimensional entre um outro indivíduo e a verdadeira Fonte da cura. Não é nem à igreja nem ao pastor, em primeira instância, que pertence o cuidado das almas. É Deus, em Seu supremo ato de amor em Jesus Cristo, que cura o espírito do homem. O conselheiro cristão deve corresponder à maravilha do cuidado de Deus para com a alma e partilhar, com outros, do conhecimento do poder curativo de Deus.

PSICOLOGIA PASTORAL

Pastores e Pastoras são conselheiros naturais em situações de crise. Isto se explica em virtude das condições inerentes às funções tais como: o relacionamento com o povo; a participação em muitas famílias e a confiança que muitos depositam em seus líderes.

Qual é o papel do Pastor? Trazer significado e suscitar esperança realística.

A ajuda do Pastor tem quatro aspectos:

- 1. O ministério geral do cuidado Pastoral está em a presença, o ouvir, o calor humano e o apoio prático.*
- 2. Aconselhamento informal.*
- 3. Aconselhamento formal.*
- 4. Aconselhamento em longo prazo para ajudar as pessoas a reparar as causas psicológicas e ou as conseqüências de crises severas.*

Todos precisam de solidariedade, atenção e cuidados especiais quando estão 'nadando em águas profundas'.

Qual é a experiência central na crise? Perda.

'Na maioria das crises ou perdas ocorre ansiedade pela separação, sentimento de confusão quanto à identidade e necessidade de se desenvolver novas formas de atender as necessidades emocionais básicas'.

A NATUREZA E A DINÂMICA DAS CRISES

Todas as pessoas enfrentam situações ou problemas que exigem providências para se resolver.

Normalmente o desequilíbrio (ou a tensão) causado por algum problema, é reduzido rapidamente através de meios conhecidos. Uma crise ocorre no interior da pessoa quando seus meios habituais de solução de problemas se tornam inefectivos permitindo que o stress da necessidade não satisfeita, continue. O stress surge pela não satisfação de necessidades físicas ou psicológicas fundamentais.

Quatro fases no desenvolvimento da crise pessoal.

- 1. Problema – tensão – respostas habituais;*
- 2. respostas inefectivas – ansiedade, confusão, culpa e desorganização geral;*
- 3. A tensão atinge nível tal, que a pessoa procura ajuda externa (Aqui entra a procura pelo Pastor);*
- 4. problema não resolvido – a tensão interior pelo não atendimento de alguma necessidade (doença psicológica, psicossomática, interpessoal ou de fundo religioso).*

O PROCESSO.

Qual deve ser a linha ou abordagem?

- 1. Escutar intensivamente e refletir sobre os sentimentos das pessoas com simpatia e amor;*
- 2. Utilizar questões com cuidado para focalizar a área de conflito rapidamente;*
- 3. Ajudar a pessoa a rever o problema em sua totalidade;*
- 4. Oferecer informação útil;*
- 5. Focalizar nos conflitos principais da pessoa, seus problemas e decisões com o objetivo de esclarecer as alternativas viáveis;*
- 6. Ajudar a pessoa a decidir o próximo passo e segui-lo;*
- 7. Providenciar orientação prática, se necessário;*
- 8. Oferecer apoio emocional e inspiração;*

RESPOSTAS NÃO CONSTRUTIVAS..

- 1. Negação do problema;*
- 2. Evasão do problema (via álcool, droga, etc.);*
- 3. Recusar a procurar ou aceitar ajuda;*
- 4. Inabilidade para expressar ou controlar sentimentos*

negativos;

5. Exploração inadequada da natureza da crise e das soluções alternativas;

6. Projeção nos outros da responsabilidade das cousas da crise;

7. Afastamentos de familiares, amigos e pessoas que poderiam ser úteis para superação.

RESPOSTAS CONSTRUTIVAS.

1. Enfrentar o problema;

2. Aplicar a auto compreensão do problema;

3. Expressar e analisar sentimentos negativos tais como ressentimento, ansiedade e culpa;

4. Aceitar a responsabilidade de lidar com o problema;

5. Explorar formas alternativas de lidar com o problema;

6. Separar o que pode mudar do que é imutável na situação e evitar o desperdício de energia na tentativa de mudar o imutável;

7. Livrar-se de expectativas exageradas ou pesadas impostas a si mesmo;

8. Abrir canais de comunicação com pessoas úteis como familiares, amigos e profissionais, inclusive o Pastor;

9. Dar passos, ainda que pequenos, para lidar com o problema de maneira construtiva.

PAUTAS ÉTICAS – PASTORAIS

Algumas pautas éticas – pastorais para o exercício do ministério do aconselhamento pastoral.

Existe um certo consenso entre profissionais da área psicossocial de que aquelas pessoas que se dispõem a ajudar, a avaliar os dramas do sofrimento humano não podem ignorar:

(1) a impossibilidade de neutralidade por parte do profissional;

(2) a gravidade dos problemas decorrentes do empobrecimento da maior parte da população do mundo;

(3) Nos últimos anos tem crescido o interesse em desenvolver-se padrões éticos para orientar as atividades de profissionais da área de apoio, (Psicólogos, Terapeutas, Pastores e Psicanalistas e etc.) às pessoas em busca da superação de seus dramas;

(4) Há hoje maior reconhecimento do 'papel e responsabilidade de conselheiros e psicólogos visando a aliviar o sofrimento humano'. Esses profissionais não podem mais ficar acomodados em seus

gabinetes: há uma tendência na direção de ação social urgente, por parte desses profissionais, face à injustiça social.

Referindo-se a conselheiros e terapeutas o mencionado afirma que é dever conhecer as econômicas, políticas e sociais que afetam o direito humano à saúde, casa, trabalho, lazer, alimentação. É necessário que os conselheiros determinem que passos deverão tomar no sentido de realizar as necessárias transformações no sistema global da sociedade. Dessa forma, os conselheiros em geral, estão descobrindo que, para que haja mudanças individuais significativas é impossível permanecer cego e mudo diante dos males sociais. Há maior responsabilidade ética do Pastor que exerce seu ministério em países empobrecidos.

- 1. Devemos ter consciência das necessidades básicas do ser humano , do que está conseguindo através do trabalho e de como as necessidades e comportamento influenciam o consulente;*
- 2. Precisa-se de treinamento adequado para compreender os problemas e para realizar o trabalho que , efetivamente , apóie as pessoas que procuram o aconselhamento pastoral;*
- 3. Embora devamos ter consciência dos princípios éticos elementares e gerais é necessário reconhecer que se pode defrontar com situações específicas em que se tenha que usar o próprio juízo e bom senso. Muitas vezes não se encontram respostas claras e definidas para certas situações humanas. Tem que aceitar a responsabilidade de buscar aquelas respostas que sejam as mais adequadas;*
- 4. Deve-se conhecer o que é a personalidade humana e o caráter complexo das mudanças de atitudes e comportamento;*
- 5. Uma vez que o compromisso pastoral é com o bem-estar daqueles que cuida, é essencial que não se utilize os que procuram para satisfazer as próprias necessidades;*
- 6. É dever buscar formas que atualizem e ampliem o conhecimento do ser humano, da bíblia, das Ciências Sociais;*
- 7. Precisa-se evitar qualquer tipo de relacionamento que possa ser uma ameaça ao relacionamento pastoral;*
- 8. O segredo da confissão deve ser o ponto de honra. Se houver alguma circunstância que possa afetar a confidencialidade do processo, a pessoa a quem se está assistindo deve ser informada. EX.: Caso em que a pessoa ameaça de morte a si ou a outros ou corre risco de ameaça por terceiros.*

Entende-se que a questão da confidencialidade passa antes de tudo, por um auto-exame. O Pastor deve se perguntar se está realmente

interessado em ser ponto de apoio e ajuda, ou se está interessado em bisbilhotar a vida alheia e tripudiar sobre suas fraquezas. Além disso o compromisso da confidencialidade requer determinação, maturidade pessoal e vocacional, o aprendizado paciente da autodisciplina e a firmeza de caráter;

9. Deve-se reconhecer que a fé é compromisso cristão, que cria e sustenta o sistema de valores e atitudes. Este pressuposto, é lógico, irá influenciar o relacionamento pastoral com aqueles que os procuram;

10. Deve-se informar claramente as pessoas que procuram ao Pastor a respeito do significado do Aconselhamento Pastoral. Outras informações sobre duração da sessão, número de vezes, horário, etc. São também importantes. É bom deixar claro (por exemplo, em situações de crise matrimonial) que a decisão de procurar ajuda pastoral não significa que o casal não venha, eventualmente, a separar-se;

11. Deve-se ter consciência dos limites da competência. Por isso se deve recorrer, caso necessário, a supervisão de colegas ou outros profissionais. Outra possibilidade é referir ao consulente, um médico, psiquiatra, psicólogo, psicanalista, etc. Pelo fato da limitação do trabalho junto a uma pessoa vítima de esquizofrenia;

12. É importante lembrar que atos falam mais do que as palavras. Queira-se ou não, as pessoas que procuram os Pastores, os vêem como moderadores. Desta forma, o que se encoraja deve ser vivido.

PROCESSO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL

Aconselhamento pastoral não é:

- 1. Dar conselhos;*
- 2. Resolver problemas de outras pessoas;*
- 3. Minimizar os dramas humanos;*
- 4. Exortar;*
- 5. Ler a Bíblia, fazer oração, pregar;*
- 6. Fazer julgamentos morais a respeito de atitudes e comportamento das pessoas;*
- 7. Substituir ou concorrer com trabalho profissional de psicoterapia ou apoio psicológico no sentido estrito.*

Aconselhamento é:

- 1. É o processo por meio do qual pessoas se encontram para repartir angústias, decepções em busca da esperança do Reino de*

Deus que restaura a dignidade humana e devolve os sonhos. A conseqüência dinâmica deste processo deve ser o aprendizado comum com o restabelecimento de um novo mundo e da recriação da vida do homem e da mulher;

2. É o meio usado para cumprir-se o propósito essencial e tradicional da religião cristã em ajudar o ser humano a estar em paz com Deus. Consigo mesmo, e com o próximo;

3. O ser humano carrega em si mesmo a tendência natural para o processo de cura. Amparar esse processo natural e remover os obstáculos com psicoterapia, está no âmbito da possibilidade do pastor. Evidentemente, é necessário para este fim, determinados conhecimentos, tais como: o dom da distinção, muita prudência, solidez, paciência e bondade;

4. Também no aconselhamento Pastoral, as pessoas devem ser tratadas como adultas e autônomas. O objetivo é oferecer alguma direção no sentido de como a vida humana pode ser integral na presença de Deus e inspirar a coragem da ação baseada na reflexão madura da própria pessoa.

O recente movimento de Aconselhamento Pastoral tem se alimentado e desenvolvido a partir da psicologia profunda, da psicologia clínica e da psicologia experimental. Não se pode abandonar a teologia e, especialmente, os recursos da antropologia bíblica; pois, isto tem trazido significativa contribuição à eclesiologia.

COMPREENSÃO TEOLÓGICA – PASTORAL

Buscando Compreensão Teológica – Pastoral do Processo de Aconselhamento Pastoral.

Aconselhamento, de modo geral, é disciplina não médica cujos objetivos são: facilitar e agilizar o crescimento e desenvolvimento da personalidade, ajudar as pessoas a modificarem padrões de vida com os quais estão insatisfeitas e prover companheirismo e sabedoria para as pessoas que estão enfrentando perdas e desapontamentos em suas vidas. A tarefa do conselheiro é: encontrar respostas que tragam alívio para as dores da alma, remediar frequentemente e confortar (tornar forte, animar, apoiar) sempre.

Nenhum conselheiro deverá explorar este campo buscando gratificação emocional íntima. A comunicação é, portanto, terapêutica.

13. Os objetivos da cura são: a reconciliação dos conflitos através de decisão do aconselhamento, movendo a vontade e a autonomia

das pessoas, o esclarecimento dos propósitos de vida da pessoa que procura ajuda pastoral. Além disto, à comunicação no Aconselhamento Pastoral é privilegiada: nem um dos dois divulga suas interações a outras, sem prévio conhecimento.

O relacionamento no Aconselhamento Pastoral é focalizado nas necessidades do 'aconselhamento'. A preocupação central do pastor conselheiro é a qualidade do relacionamento entre os dois.

Qualquer definição de Aconselhamento Pastoral pressupõe que o conselheiro pastoral tenha treino adequado e experiência suficiente, para que não haja envolvimento pessoal ou que comprometam a vida cristã.

Características distintivas

O que torna o aconselhamento em poimênica (Aconselhamento à luz da Palavra).

A consciência de Deus no relacionamento terapêutico – pastoral é fundamentada em sua dimensão teológica, e, na consciência da relação de Deus com o processo de suas vidas. Deus torna-se a Principal Pessoa no relacionamento terapêutico – pastoral. Em vez de diálogo há triálogo.

A Consciência da soberania de Deus é a preocupação máxima das pessoas que estão aconselhando. A preocupação profética por fazer justiça, amar a misericórdia e andar em comunhão com Deus, caracteriza o modo de ser do pastor -conselheiro e seu ângulo de visão da vida e dos dramas humanos. Visa ainda facilitar o crescimento de uma consciência madura. Em suma, o pastor – conselheiro, leva a sério o compromisso com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com a sociedade. Podemos afirmar que Aconselhamento Pastoral é a generosa participação com as pessoas em sua luta por integridade moral em relação a Deus.

Três coisas necessitam ser ditas:

a) Precisamos, aprender a falar de Deus de uma forma 'secularizada'.

Quando o pastor é capaz de perceber a presença ou ausência de palavras caracteristicamente religiosas como: esperança, alegria, paz, cuidado, amor, interesse, vida, morte, e muitas mais na vida das pessoas ele começa a assumir as características de pastor – conselheiro, esteja ou não usando o jargão próprio da religião.

b) A discussão sobre a relação de Deus na vida da pessoa tem um valor heurístico. A abrangência terá que ser no campo macro.

c) Alguns pastores, entretanto, só conseguem falar de maneira

'celestial' ou 'pastoral'. No outro extremo, há pastores que relutam em trabalhar a idéia e experiência de Deus no relacionamento do aconselhamento. São dois extremos a serem evitados. Por outro lado, o pastor não deve ser ingênuo. Ele deve saber quando as pessoas tentam manipulá-lo para evitar tratar assuntos éticos, dramas reais das pessoas, através de discussões estéreis sobre temas religiosos.

Campos básicos de especialização do pastor conselheiro.

Qual é o 'conjunto de conhecimento' próprio do pastor conselheiro?

Além do conhecimento das áreas de (psicologia, antropologia, sociologia, filosofia, ética, medicina, psiquiatria) que possibilitam o exercício eficaz deste ministério, o pastor conselheiro é:

- 1. Especialista na literatura básica de sua fé;*
- 2. Conhecedor das variadas formas de cultura religiosa na vida de seus aconselhados;*
- 3. O contexto pastoral da igreja. O pastor conselheiro representa, aos olhos do aconselhado, a Igreja. Às vezes um problema que aparenta ser inteiramente funcional ou secular, está ligado à religião.*

Para o aconselhado, o pastor-conselheiro é o líder da comunidade religiosa.

A vantagem é que isto lhe dá o privilégio de tornar a iniciativa de ir ao encontro das pessoas em tempos de necessidade. A desvantagem é que esta posição tende a impedir que se veja o pastor, como um conselheiro. A razão disto é que o pastor deve também funcionar como pregador, professor, coordenador e visitador.

Entretanto, aos seus próprios olhos o pastor se vê sempre no contexto mais amplo da relação pastor x ovelha. Isto significa que seu trabalho não é meramente de conselheiro, mas, de pastor-conselheiro.

O papel do pastor diante da igreja o coloca numa situação privilegiada, pois ele está em contato com situações que os psicologistas considerariam 'normal'. Conseqüentemente muito deste ministério é de natureza preventiva. Exemplos: Aconselhamento pré-matrimonial, com recém-casados, com os enlutados, com pessoas em vias de ser operadas, com pessoas que planejam mudar de trabalho ou aposentar-se, com pais que tenham problemas com filhas e filhos, e com pessoas que tenham

conflitos no casamento.

A vida comunitária da Igreja, quando percebida e utilizada cientificamente, torna-se um organismo que pode prover míni-sistemas de apoio à vida para pessoas de todas as idades e condições de vida. A dimensão singular do aconselhamento pastoral está no caráter comunitário do aconselhamento desenvolvido pelo pastor. Nem mesmo o aconselhamento grupal, quando realizado pelo pastor, é feito à parte do tecido social da comunidade maior.

Outro elemento que torna o Aconselhamento Pastoral único, é o caráter público do relacionamento pastoral. É convocado, em função da natureza de seu próprio trabalho, a tomar posições públicas acerca de questões controvertidas, o pastor não somente aconselha pessoas em vias de divórcio ou novo casamento, como também ele é chamado pela comunidade a tomar posição pública sobre a questão. Ele 'aconselha' pessoas perseguidas por regimes políticos repressivos e luta, publicamente, por justiça social e participação política.

A ilusão de pretensa neutralidade ética é um luxo ao qual o pastor conselheiro não pode permitir-se. A natureza mesmo de sua ordenação ministerial exclui o luxo de um pretense ministério puramente privado que ignore a sociedade como um todo. Esta ambigüidade causa tensão entre as responsabilidades públicas e privadas do pastor conselheiro. A tensão existente entre sua função pública e privada, é o solo no qual tem se desenvolvido o movimento pastoral. A redução desta ambigüidade e tensão elimina o elemento distintamente profético do processo de aconselhamento. Pode até mesmo ser 'bom' aconselhamento, em geral, mas, se isto ocorre não se trata mais de Aconselhamento Pastoral. O pastor conselheiro tem uma responsabilidade profética a conferir privadamente com pessoas, grupos, e comunidades. Entretanto, a privacidade e confidencialidade exigida em seu trabalho não podem impedir sua ação pública e profética em benefício do povo a quem ele serve privadamente. Como resultado, ele se envolve no processo de transformação social e serve como agente de conscientização a respeito das injustiças na sociedade. Essas injustiças criam muitos dos problemas das pessoas e familiares que vêm ao pastor conselheiro. O pastor conselheiro é um ético.

Outro aspecto que torna pastoral o aconselhamento, é que o pastor conselheiro lida diretamente e francamente com questões éticas.

Algumas situações:

- *Divórcio e novo casamento*
- *Eutanásia*
- *Opções políticas (violência ou não; lealdade ao sindicato; partido e lealdade cristã)*
- *Sexo antes do casamento ou não*
- *Homossexualismo*

Algumas questões são indispensáveis para Aconselhamento Pastoral a partir de questões éticas:

- a) suficientemente e competente informação quanto à natureza e extensão da questão.*
- b) estabelecer relação transparente, responsável e de confiança com a pessoa.*
- c) esclarecimento dos fatos ao nível de aceitação emocional (ênfase á pessoa e sua situação existencial) em vez de pura apresentação 'racional' dos 'fatos' á pessoa, ou casal.*

A crise de valores.

A questão da permissividade.

A RAZÃO DO ACONSELHAMENTO PASTORAL

- *O Pastor é visto como representante de Deus e da Igreja;*
 - *Muitas pessoas procuram o pastor a fim de obter um aval para suas atitudes ou comportamentos.*

O Pastor conselheiro não pode ser um intruso ou forçar sua entrada na vida de outrem. Ele deve ser autorizado pelo aconselhando a aceitá-lo.

- *O exercício desta função pressupõe coragem, iniciativa e autenticidade de vida de comunhão do pastor.*

A prática da 'benção pastoral' desenvolve-se através de processo triplo:

- a) O momento da confissão: (a paciência e capacidade de ouvir as dores e angústias).*
- b) tomada de decisão e modificação de comportamento.*
- c) o momento do perdão.*

-A comunicação da Boa – Nova e da Graça.

- A remoção da idéia de maldição sobre a pessoa.

- A remoção do fatalismo.

- O auto perdão, a raiva, os complexos e a depressão.

TÉCNICAS DE ACONSELHAMENTO PASTORAL

A possibilidade de conhecer o homem – (Mc 10.45)

a) O ENFOQUE TEOLÓGICO

Conhecimento de Deus e Conhecimento de nós Mesmos.

Ao estudar o homem, nosso maior problema está na ilusão de que o ser humano que podemos estudar hoje, possa ser completamente transformado como em um reflexo imediato do instante consecutivo. Se pudermos chegar a conhecer algo acerca de nós mesmos é porque Deus nos havia revelado pela Bíblia e de uma maneira especial em Jesus Cristo, segundo Adão (Rm 5.12-21; I Co 15. 21-25). Jesus Cristo é o Homem Novo, "... criado segundo Deus em justiça e retidão procedentes da verdade." Ef. 4.24. A Bíblia nos diz que o homem foi criado a imagem de Deus, Gn. 1. Logo temos uma origem: Deus. Podemos nos conhecer na medida em que vamos conhecendo Àquele que nos criou. Somos imagem de Deus, uma imagem que havia sido destruída pelo pecado. Podemos saber que somos criaturas de Deus quando temos conhecido o criador. Podemos conhecer o criador só porque reconhecemos que somos suas criaturas. Só há um Deus e nós somos suas criaturas e é muito pouco possível que não se ocupe de nós. Logo o conhecimento de Deus e vice-versa, tanto o conhecimento de Deus como o conhecimento do homem nos tem sido dado por revelação. Não devemos confiar demasiadamente nas faculdades humanas. O Dr. J.B. Rhaine afirma: 'Hoje conhecemos o átomo melhor que a mente que conhece o átomo. Se pudéssemos chegar a obter o elemento da matéria, estaríamos provavelmente em condições de revelar e utilizar princípios diretivos de tremenda significação para a vida humana e a sociedade.'

A Revelação do Homem em Jesus Cristo.

Podemos conhecer ao homem tanto quanto conhecemos a Jesus Cristo, que é o arquétipo de homem, o Novo Adão, e que nos restaura plena humanidade perdida pela caída do primeiro Adão. Pelo mesmo tempo a que conhecemos o homem Jesus Cristo podemos também conhecer Deus a nós revelado. No Livro de João Ele nos disse que Felipe, desejando um conhecimento exaustivo de Deus, disse ao Senhor: "Mostra-nos o Pai, e isso nos basta", ao que Jesus responde: Quem me vê a mim vê ao Pai, João 14.8-9. Deus se revela em Homem Novo, Jesus Cristo. Temos encontrado as verdades correlativas: Ele conhece a nós mesmos e conhece a Deus.

A Revelação Acerca do Homem por Meio do Espírito Santo.

Pois o Espírito Santo não só nos revela esta condição de criaturas dependentes. Também nos mostra uma sublime revelação filial: somos filhos de Deus. Afirma Paulo: 'O Espírito mesmo dá testemunho a nosso Espírito, de que somos filhos de Deus' Rm. 8.16. O verbo grego 'sumarturein', que aparece nesta passagem significa literalmente: 'dar testemunho juntamente com'. Quer dizer, que o Espírito Santo, junto com meu próprio Espírito, dá testemunho de que sou filho de Deus. Como afirma H. Berkhof: 'O Espírito de Deus dá testemunho ao nosso espírito, de tal maneira, que este não podia continuar passivo, pelo que se sente ungido a sustentar e transmitir este testemunho'. O fato mais importante na vida humana, tornar-se 'Filho de Deus', pela escolha Divina.

b) O ENFOQUE PSICOLÓGICO.

Houve uma época em que todo o diálogo era possível entre a fé cristã e a Psicologia. Um religioso era considerado uma pessoa que buscava apoio porque era incapaz de sustentar-se por si mesmo. Havia pessoas tão ingênuas para pensar que uma vez que toda Humanidade fosse psicoanalizada, todos viveriam em paz e em harmonia. Afirmava-se que, quando cada indivíduo chegasse a compreender suas dificuldades neuróticas e eliminasse todos obstáculos que impedem sua auto-expressão, não haveria mais necessidades na humanidade, da muleta religiosa. O homem poderia valer-se por si mesmo, porque teria fé em si mesmo e não em um ser irreal que se cria para obter um apoio neurótico.

Surge a princípio a Psicologia da Religião, ciência que se ocupa da religião enquanto fenômeno psíquico. A sua primeira obra apareceu em 1899 e se ocupa exclusivamente do estudo da conversão. Caracteriza-se a Psicologia da Religião por um estudo do 'homem religioso' em que homem quer crer. É terrível conhecer o homem religioso eliminando a Deus e buscando resposta para suas queixas na ciência. O problema é que o homem confundiu o espírito com a alma e esquece que um espírito em harmonia, gera doenças. Deus quer tratar não com religioso, mas, com o espiritual. Religião gera neuróticos, enquanto que fundamentos bíblicos geram vencedores e sarados. Surgiram revistas de Psicologia da Religião nos Estados Unidos e Alemanha e depois desapareceram com os anos. Por outro lado é interessante falar que Anton Boisen, partindo dos mesmos princípios que Freud, chega a conclusões diferentes. Está de acordo com Freud em que a experiência religiosa surge de um conflito, pois a religião não é uma solução neurótica, sendo o contrário, oferece um coração ao

conflito.

c) *DIÁLOGO PSICO-TEOLÓGICO.*

Identidade Semântica e Tensão Metodológica.

As palavras Psicoterapia e Psiquiatria têm o mesmo significado etimológico que 'cuidado do homem', Psicoterapia vem de Psique, que significa 'alma viva' e de 'Therapéuo', que significa 'cuidar, fazer um serviço'. O significado mais deste verbo grego é 'curar', pois 'servir' é o primeiro significado.

Etimologicamente falando, todo aquele que se ocupa do homem é um psicoterapeuta. A palavra Psiquiatria vem de Psique (visto anteriormente) e de 'iatrós' que significa 'sanador'. Logo a Psiquiatria é o sanador da alma humana. O objetivo do Psicólogo e do Psiquiatra é a 'saúde mental'. O objetivo do Pastor é a 'salvação do homem'. Ambos os termos procedem da mesma palavra latina 'salvus' que significa tanto 'sano' como 'salvo'. A terminologia é a mesma da psiquiatria e da teologia. Implica uma preocupação comum dos homens a integrar-se e realizar-se plenamente. Tudo pela salvação do homem.

Esta identidade semântica está na tensão com os pressupostos e com a metodologia. A cura de almas cristãs está fundada na revelação divina, na Palavra de Deus. Por outro lado, os métodos pastorais e psiquiátricos, assim como seus alcances, são diferentes. Por ser digno de notar que tanto no campo religioso como no psiquiátrico estão aproveitando as mútuas críticas em uma comum preocupação pela saúde do homem. A afirmativa a seguir é absolutamente verdadeira e não gera dúvidas: A salvação do homem é instantânea, porém a conversão é um processo no qual o homem penetra na confissão e desenvolve com o aprendizado. O professor Gustave Richard, da Universidade de Neuchatel, Suíça, afirma: 'Um meio aparentemente mais simples de resolver a questão seria reunir as funções numa só, e de ter Pastores – Psicólogos e Psicólogos – Pastores.' A grande confusão está exatamente no seguinte: Alma e espírito, completamente distintos. A ciência cuida da alma e a religião cuida do espírito. Aos que têm o espírito vivificado, a cura da alma é automática. O inverso não é verdadeiro.

O Que a Psicologia Oferece a Teologia.

Partindo de um enfoque empírico, nos encontramos com um ato de que nas congregações locais, as pessoas causam sérios problemas e têm situações difíceis. E tanto o Ministro como a comunidade toda, deve ajudar para que essa agonia cesse. A ajuda

deve estender-se desde o ponto de vista dos recursos da fé cristã, como dos fatores psicológicos em que estão envolvidos.

Em um plano de reflexão teológica, podemos afirmar, que o conhecimento cristão do pecado, pode ser classificado, nessa grande área de nossa mente, tanto tempo inexplorada, que chamamos inconsciente e que determina em grande parte a nossa conduta, pecaminosa ou não.

O Nascimento da Psicologia Pastoral.

A segunda guerra mundial, com sua seqüela de morte e destruição, trouxe o nascimento da psicoterapia de grupos e da psicologia Pastoral. Milhares de enfermos mentais, subproduto da guerra, a abundância de pacientes e a escassez de psiquiatras trouxeram como conseqüência, a Terapia de Grupos, que havia dado bons resultados, inclusive ao nível de Psicologia Pastoral. Por outro lado, o eclipse da psicologia da Religião e da 'Religião do homem' e as necessidades espirituais, que surgem de uma situação catastrófica, deram como resultado o nascimento desta jovem ciência: A Psicologia Pastoral. Havia passado mais de 25 anos e tanto a Psicoterapia de Grupos como a Psicologia Pastoral continuaram dando seus frutos, apesar da situação atual ser completamente diferente daquela necessária a criação.

O Dr. J.H. Vander Berg chama a Psicologia Pastoral 'uma ciência híbrida' porque por um lado a Psicologia Pastoral é a ciência que ajuda o Pastor no que fazer, por outro lado é a ciência que mostra onde deve e pode abandonar a psicologia. É híbrida porque é ao mesmo tempo ciência secular e ciência teológica. É Psicologia e é Pastoral. Segundo E. Thurneisen 'para entrevistar o homem na cura da alma, falta o preâmbulo conhecer o homem. A cura da alma servirá da Psicologia como uma ciência auxiliar, que permite explicar a natureza interior do homem e adquirir seu conhecimento'. E por último apresentamos a opinião de um autor Judeu: 'A religião tem agora um aliado que pode chamar-se Psicologia Revelada; uma ciência que desnuda as secretas enfermidades da perturbada alma do homem e proporciona uma terapêutica útil para curá-las.' Estas palavras, mesmo que tendo total desconhecimento da Graça de Deus, já se referia a esta grande revelação.

JESUS COMO PASTOR.

a) O MINISTÉRIO PASTORAL QUE JESUS MOSTRA A SEUS DISCÍPULOS.

O ministério de Jesus poderia ser dividido em duas funções

fundamentais: uma que era a proclamação do evangelho, e a outra terapêutica. A função terapêutica tem dois sentidos, que são: os do termo latino 'cura' e do verbo grego 'terapeúo'. Cura significa primeiro 'cuidado' e depois 'coração'. Terapeúo significa 'serviço' especialmente prestado a uma pessoa, e uma segunda acepção significa 'curar'. É deste verbo que vem nossa palavra 'terapia'. Logo, é preciso ver em Jesus por um lado o pregador e por outro lado o pastor, ele que cuida e cura as ovelhas. Quando Jesus envia os seus discípulos pelos caminhos da Palestina, os envia numa missão idêntica a sua: 'Pregar o reino e curar os enfermos' Lc. 9.2; Mt. 10.7-8; Mc. 3.14-16. Na oração de Jesus por sua Igreja (João 17) ele roga ao Pai que santifique seus discípulos para a tarefa dali por diante: Como tu me Enviaste ao mundo, também eu os enviarei ao mundo (João 17.18). Depois da ressurreição, Jesus recorda aos discípulos que tem que cumprir com a missão de pregar e pastorear. Pois a vós como me enviou o Pai, assim também eu vos envio (Jo. 20.21). Os discípulos de Cristo no século XX não têm uma missão diferente da do século I. Todos nós podemos pregar, pois para isto fomos chamados. Todos podemos proclamar o Evangelho com nossas vidas e todos podemos assumir uma atitude pastoral ante o próximo. Todos nós podemos dar fruto.

A Palavra insiste na necessidade de o crente dar fruto. 'Por seus frutos os conhecereis. Toda boa árvore dá bons frutos, mas a árvore má dá frutos maus. Não pode uma árvore boa dar maus frutos nem uma árvore má dar bons frutos. Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo, assim que por seus frutos o conhecerei' Mt. 7.16-20. A parábola dos lavradores malvados termina dizendo: 'O reino de Deus será tirado de vós e será dado à gente que produza os frutos dele' Mt. 21.33-43. A parábola do semeador, em seu relato mais antigo, Mc. 4.1-20, afirma que a semente que caiu entre espinhos 'não deu fruto porque os espinhos cresceram e a sufocaram', Marcos é o último que afirma que os espinhos a produção de frutos; não sabemos por que os outros Evangelistas omitiram, sendo Marcos o mais antigo. Pelo que uma coisa é certa: que os três coincidem em mencionar o fruto da semente que caiu em boa terra. Uma das metas do cristão é a produção de fruto. No Evangelho de João encontramos uma informação que não veio explicitamente nos anteriores: A fonte do poder para produzir fruto está no companheirismo com Cristo. Jesus disse: Permanecei em mim e eu em vós. Eu sou a videira e vós as varas; e quem permanece em mim e eu nele, este dá muito fruto; porque separados de mim nada podeis fazer Jo. 15.4-5. Só

em comunhão com Ele é que podemos fazer um trabalho pastoral, porque Ele é o bom Pastor e nós cumprimos tarefas pastorais por delegação.

Uma das passagens mais importante foi o ato de Jesus tomar atitude no templo. Não temos suficiente razão para pensar que Jesus perdeu o controle de si mesmo. Jesus como Pastor usou a única linguagem que aquela gente era capaz de compreender. Falava Seward Hiltner que em alguns casos, o melhor que pode fazer um pastor que vê a forma incorreta é assumir uma atitude firme, porque fazendo tal coisa não se mostrará indiferente ao problema.

A . 1 – Jesus Tem Domínio Próprio (Jo. 8)

a . 2 – Jesus perdoa (Jo 8)

a . 3 – Jesus ama sem prejuízo (Jo 4)

a . 4 – Jesus tem conceito dinâmico da vida (Jo. 4)

a . 5 – fé e conduta (Jo. 4)

b] PAULO RECONHECE A REALIDADE DO MAL.

Paulo compartilha com uma época a crença em poderes demoníacos, pois assegura aos cristãos que não tem por que temerem, Rm. 8.38-39 e que Jesus triunfa sobre eles na cruz, Cl 2.15. Para a mente moderna cultivada, a personalidade do mal se resulta repugnante. Nada nega a existência do mal, pois se interpreta como complexos psicológicos, determinismos sociológicos ou urgências biológicas. O mundo moderno está lutando contra o mal, apesar de que lhe custa trabalho aceitar o mal com maiúscula, como o aceitava Paulo. O Espírito racionalista percebe os males e os considera como independentes entre si. Não encontra a evidência de que exista algum poder, ou algum ser pessoal, que de alguma forma conecte todos estes males asilados.

C] A TÉCNICA PASTORAL DE PAULO.

Paulo empenha uma técnica pastoral muito semelhante a do Senhor Jesus. Nela está presente o amor, a compreensão, o perdão e a liberdade dos prejuízos, pois quando é necessário, atua com toda firmeza porque isso é o melhor que se pode fazer pela pessoa em questão.

C. 1- Não julgar

C. 2- A Dinâmica do Amor (Co. 13; I Co. 12.13; Gl. 5.22; Gl. 3.1.)

C. 3- A Restauração Espiritual (Gl. 6.1; Mt. 4.21; Mc. 1.19; Ef. 4.12.)

d] PSICOTERAPIA E MINISTÉRIO PASTORAL SEGUNDO PAULO.

A psicoterapia procura os ajustes do indivíduo consigo mesmo e com seu meio. O conceito de neurose varia de uma cultura a outra. O que em uma sociedade determinada se consideraria neurótico, não é necessariamente em outra. Logo o ajuste terapêutico seria relativo quanto a lugar e época. Pelo contrário, o ministério pastoral que nos apresenta Paulo não se ajusta a esse esquema. A Igreja não é um centro psicoterapêutico (sanatório) para ajudar o indivíduo a conformar-se consigo mesmo e com a sociedade em que vive. Paulo disse: 'Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos por meio da renovação do vosso entendimento, para que comproveis qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus', Rm 12.2. Mais que centro terapêutico, a Igreja é um centro de proclamação profética, onde se exorta o homem a esforçar-se por alcançar a verdadeira humanidade que se dá em Jesus Cristo e que nós devemos tratar de alcançar. Para Paulo, o cristão não deve 'conformar-se a este mundo', mas, tomar a forma de Jesus Cristo. Jesus Cristo é o primeiro homem nascido que alcança a plena humanidade. È o homem conforme o desígnio do Criador, o segundo Adão, Rm 5.12-21. Quando Pilatos disse: 'Eis aqui o homem por excelência'. Escrevendo aos Gálatas Paulo lhes disse: 'Basta que Cristo se forme em vós' Gl. 4.19.

Quero deixar aqui algumas passagens bíblicas para uso no trabalho pastoral de cada um de vcs.

a- Para instar fé e confiança em Deus:

Salmos 4.8; Sl 23; Sl 28.7-9; Sl 36.7; Sl 46; Sl 85.6-13; Sl 91; Sl 118.5.28.29; Sl 127.1; Sl 119.5; Sl 129; Sl 133; Jó 1.21 e 19.25; Pv 29.25; Is 26.3; 30.15; 41.10; Lc 12.22.

b- Para receitas espirituais, uso com o mesmo propósito:

Mt 5.6; Jo 15.7; II Co 5.7 e 9.8; Ef 4.13; Cl 3.23; Hb 11.1; Is 26.3 e 41.13.

c- Para obter valor para enfrentar os conflitos:

1) As palavras de Deus a Josué. Js 1.6-9; 2) A vitória de Davi sobre Goliath, I Sm 17; 3) Livramento da cova dos leões, Dn 6; 4) Salvos do naufrágio, At 27; 5) Paulo ante o rei Agripa, At 26.

Sugiro que a passagem seja lida três vezes. Primeiro corrido, depois sublinhando e por último memorizando alguns dos versos sublinhados. Para receitas espirituais: Dt 31.6; Pv 14.26; Is 51.12; Mt 10.28; Rm 8.31; I Co 16.13; Fp 4.13; I Tm 6.12; II Tm 1.7; Hb 13.6; I Jo 4.18.

d) *Para vencer o temor e alcançar a paz:*

Is 35; Is 43.1-7; Mq 4.3-5; Ap 3.20-21; Ef 4.1-7; I Co 1.18-31; Rm 8.28-31-39; Ef 6.10-18; Fp 4.4-13; Ef 3.14-21. Para receitas espirituais: Is 48.16; Is 26.3; Is 41.13; Fp 4.13.

e) *Para vencer o sentimento de culpa:*

Rm 5.1-11; Ijo 1.5-10; Is 43.16-25; Mt 9.1-7; Jo 12.14; 10.7-18; 11.17-27. Para receitas espirituais: Mt 11.28; Jo 14.6; Rm 15.57; II Co 5.17.

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS PARA SER CONSELHEIRO

1- O conselheiro precisa ser realmente convertido, tendo absoluta certeza de que é um escolhido, um eleito por Deus e estar consciente de seu chamado para o exercício do ministério pastoral. 'Um cego não pode dirigir outro cego'. Mt 15.14; Lc 6.39.

2- Ser acessível às pessoas procurando manter um bom relacionamento com elas.

3- Crer na importância do aconselhamento pessoal.

4- Vontade de ser usado por Deus. Rm 1.11-15.

5- Colocar-se a disposição de Deus. Ex 3.11-14 e 4.1,10-11-13.

6- Ter vida coerente com a pregação(viver o que prega). I Tm 4.12; II Tes 3.9; Ef 3.17; I Co 11.1.

7- Desejar crescer no conhecimento de Cristo. Fil 3.12-14.

8- Aceitar a si mesmo como é. O medo de não ser aceito faz com que adotemos uma fachada falsa, para que sejamos mais amados pelos outros. Não procure parecer perfeito perante o novo crente. Fil 3.12; Fil 4.11; Rm 8.28.

9- Dedicção pessoal. Precisa ter tempo para o exercício deste ministério.

FATORES QUE PRECISAM SER CONSIDERADOS NA CONSERVAÇÃO DE RESULTADOS.

1- Concentração de esforços.

Não posso segurar o mundo com as duas mãos. Preciso me concentrar em resolver o problema de cada pessoa individualmente. A qualidade que gera quantidade.

2- Duração do Aconselhamento.

Jesus dedicou três anos – o novo convertido precisa ser assistido por um ano ou mais.

3- Ambiente.

Fala-se aqui não do ambiente físico, mas espiritual. Uma Igreja sem harmonia do Espírito pode ter efeito destrutivo. Aqui envolve a necessidade de amar e acolher com carinho. O papel do estudo Bíblico é fundamental.

4- Cultivar um bom relacionamento com o novo crente. A paternidade espiritual assemelha-se com a paternidade biológica. Não devemos só ser legisladores para os nossos filhos, mas procurarmos conhecê-los bem.

5- Criar uma atmosfera de interesse em amor.

Pv 17.17. Mostrar interesse pela pessoa. Fil 1.8. Peça a Deus que Ele o encha de amor pela pessoa.

6- Cultivar o relacionamento em torno de Cristo.

I Jo 1.3 – Precisa-se mostrar ao novo convertido as experiências com Deus. O aconselhado precisa sentir que Cristo é o centro da vida do cristão. Precisa-se aconselhar dentro de uma atmosfera espiritual. Não se deve desviar a atenção do aconselhamento para outras coisas. Cristo deve ser o centro.

7- Ser perseverante.

Tem que solidificar a amizade – Não se deve desanimar se o novo crente não estiver crescendo num certo ritmo. Numa semana ele tropeça... na outra ele é renovado.

8- Guardar na memória aquilo que ele nos contou.

9- Exercer um papel de liderança – Uma coisa é a amizade e outra é ser orientador.

O LÍDER E SUAS QUALIDADES.

O líder é a pessoa que planeja, estimula, coordena e dirige a discussão.

Neste ambiente e situação a capacidade criativa de cada componente é estimulada.

Qualidades do líder:

a) Interesse pelas pessoas e senso de humor.

b) Habilidade para criar um ambiente amistoso onde cada um se sinta à vontade para se expressar livremente.

c) Interesse nos temas que são discutidos e criatividade na sua apresentação.

d) Senso de propósito e direção.

e) Conhecimento das técnicas de direção de grupo.

- f) *Habilidade de tomar decisões rápidas.*
- g) *Paciência com o grupo.*
- h) *Aceitar idéias e comentários.*
- i) *Não ser um Ditador ou Dominador.*
- j) *Capacidade de sintetizar e coordenar opiniões diversas.*
- l) *Estimular a expressão das opiniões particulares dos participantes.*
- m) *Não deve falar demais, porém dirigir a discussão discretamente.*

A necessidade de um líder.

- a) *Para ajudar o grupo tomar decisões democraticamente.*
- b) *Para cultivar a objetividade das discussões.*
- c) *Para animar a participação de todos.*
- d) *Para lidar com os membros 'problemáticos'.*
- e) *Para agir como catalisador.*
- f) *Para estabelecer e manter a boa comunicação entre o grupo.*
- g) *Para ajudar a aliviar as tensões, quando necessário.*

Responsabilidades do líder.

Preparar-se bem para as reuniões.

- *Conseguir informações sobre o tema a ser discutido;*
- *Planejar a reunião, preparando material, inclusive audiovisual, se possível;*

Providenciar a arrumação da sala;

Planejar um meio de conseguir a participação de todos.

Dirigir a discussão na reunião.

- *Chegar mais cedo e apresentar os participantes do grupo;*
- *Começar a discussão, apresentando o seu tema, distribuindo um esboço ou fazendo perguntas estimulantes.*

A DIFÍCIL CARREIRA MINISTERIAL

São chamados para o ministério cristãos. Separados por Deus para exercer uma missão específica, à semelhança dos Apóstolos e Discípulos, no tempo de Jesus. Ele declarou: 'Não me escolhestes vós a mim, mas eu escolhi a vós' Jo 15.16. Este versículo tange tanto à salvação quanto ao chamado ministerial.

É verdade que se alguém deseja abraçar o ministério cristão, deve

orar intensamente e se colocar à disposição de Deus se preparando para o ministério. Ele confirmará a sua vocação e ainda lhe dará a sabedoria para o exercício de tão sublime vocação. Paulo confirma a nossa afirmativa com estas palavras: ' Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja' I Tm 3.1.

Quantos ingressaram na causa do Senhor sem serem chamados por Deus, movidos mais por honras humanas do que em ser um obreiro esforçado na conquista de almas para Cristo...

INÚMEROS.

O santo ministério deve ser exercido por aqueles que o Senhor chamar, do contrário nunca haverá bom resultado como muitas vezes vemos exemplos no meio ministerial. O Senhor chamou os profetas Isaías, Ezequiel e outros e os enviou. Eles cumpriram a sua missão, pois conheciam a Deus. O Ministro Eclesiástico deve estar devidamente preparado a fim de não cometer erros graves e não sofrer críticas que venham desabonar a pregação da Palavra.

O obreiro inexperiente não pode e não deve arcar com grandes compromissos, ou assumir cargos de muita responsabilidade, fora da Igreja. É necessário liderar pequeno rebanho e adquirir prática para lidar com o povo e ter desembaraço para, mais tarde, assumir um rebanho maior. Por exemplo: se um candidato, eleito a vereador, depois a prefeito da cidade realizar um bom trabalho, estará apto para ser eleito Governador do estado. Se como governador, realizar uma boa administração, sem dúvida poderá chegar a Presidência do País. Exercerá com certeza, o mandato com muito mais eficiência, ao passo que, se um candidato for eleito diretamente a Presidente da República, sem haver passado pelos estágios anteriores, encontrará muito embaraço em sua gestão.

CONCLUSÃO

O objetivo da capelania pastoral está verdadeiramente em Romanos I. 16 que diz: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”; falar da salvação levando consolo, conforto e atendimento aos sofredores transmitindo-lhes ensinamentos bíblicos para o crescimento em todas as áreas.

Concluimos enfatizando que **CAPELANIA É:**

- Assessória espiritual sem priorizar placa de igreja.
- Apoio espiritual psicológico.
- Encorajar pessoas em situação de conflitos e dúvidas.
- Aconselhamento Bíblico.
- Ministras sobre todos os atributos de Deus.

- Levar encorajamento, palavra que amenize a dor e traga esperança.
- Ouvir.
- Demonstração de ajuda dos céus.
- Praticar o amor de Deus.
- Auxiliar pessoas a receberem amor e perdão incondicional de Deus.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

1. Capelania Hospitalar Cristã – Damy Ferreira e Lizwaldo Mario Ziti – Editora Socep.
2. No Leito da Enfermidade de Eleny Vassão – Editora Luz para o Caminho.
3. Aconselhamento a Pacientes terminais de Eleny Vassão – Editora Luz para o Caminho.
4. Estatuto da Criança e do Adolescente – Editora Saraiva
5. Evangelismo Total Damy Ferreira – Rio de Janeiro – Editora Horizontal.
6. R. N. Champlin, Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Ed. Agnos, S. Paulo 2001.
7. Capelania Cristã – Uma Urgência Social – Editora Dynamus – Mario Lima.
8. Manual do Capelão - Cpl. Prof. Dr. H. Kennedy Passos.
9. Consolo – Eleny Vassão – Editora Cultura Cristã.
10. A Igreja e a Capelania – Charles Anderson Ramos Loreti.

PALAVRA DO CAPELÃO RESPONSÁVEL

Amados... aqui está um breve comentário sobre este assunto abordado por mim, que acredito será de muita valia no decorrer do exercer do ministério de cada um de vocês. Como Ministro Eclesiástico, digo que cada um de vocês devem procurar se aprimorar ainda um pouco mais, uma vês que o assunto abordado não se resume somente no que aqui neste trabalho procurem expor.